

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALESSANDRA SPERANZA LACAZ

## **Uma porta entreaberta: clínica e militância**

Niterói

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

ALESSANDRA SPERANZA LACAZ

**UMA PORTA ENTREABERTA: CLÍNICA E MILITÂNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Cecília Maria Bouças Coimbra

Niterói  
2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L128p Lacaz, Alessandra Speranza  
Uma porta entreaberta: clínica e militância / Alessandra  
Speranza Lacaz ; Cecília Maria Bouças Coimbra, orientadora.  
Niterói, 2021.  
125 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
2021.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2021.d.05794313714>

1. Esquerda. 2. Estado. 3. Máquina de guerra. 4. Clínica.  
5. Produção intelectual. I. Coimbra, Cecília Maria Bouças,  
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Psicologia. III. Título.

CDD -|

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

## FOLHA DE APROVAÇÃO

LACAZ, Alessandra Speranza. Uma porta entreaberta: clínica e militância. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2º semestre de 2021.

### Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cecília Maria Bouças Coimbra (orientadora)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Camila Rodrigues Jourdan  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Katia Faria de Aguiar  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvana Mendes Lima  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Rosa Cruz Santos  
Universidade Federal Fluminense

Examinado o texto da tese.

Niterói, 30 de agosto de 2021.

## Agradecimentos

À Cecília, que transbordou sua tarefa de orientadora, me apresentando possíveis caminhos de vida e pensamento, que me ajudou a olhar com outros olhos o mundo. Por me acolher tanto, e possibilitar que eu terminasse esta tese, mesmo com prazos estourados, estando disponível à escuta, a chorar comigo nos momentos difíceis e dolorosos, a se emocionar com o texto e receber Madalena nas reuniões de orientação com tanto carinho. Não seria possível terminar esse doutorado sem essa parceria afetuosa que rompe com a mais comum institucionalidade entre orientador-orientando. Nunca foi orientadora, mas uma aliada.

À Madalena, que hoje é tão parte dessa tese que nem sei como teria sido escrita se não fosse pela sua existência. Um amor que emana para além do meu corpo e que sinto a cada gesto cotidiano. Pelos carinhos trocados, afagos, por poder ainda dar tanto colo e por vê-la aconchegada entre meus braços, fechando os olhinhos quando junto sua cabeça em meu peito. Minha grande parceira de vida, companhia e companheira de aventuras e que me encanta com suas perguntas desnaturalizadoras, sempre me tirando do lugar.

Ao Diogo, companheiro de viagens distópicas em noites de chuva ou estrelas pelo céu. Pelos filmes partilhados, pelas discussões sobre a tese, pelo apoio na reta final, pelos prazeres sentidos mutuamente, pelas conversas sem fim, pelas cervejas e porres, pelas canções nas escadarias da vida, pelos mergulhos em aventuras, pela mão estendida quando senti medo, pela reciprocidade de um amor rizomático.

À Misha, minha gata, que nos dias difíceis e de feitura da tese, vinha para o meu colo ou para a mesa, me fazendo companhia em tempos e momentos solitários, trazendo ternura e afeto e me incentivando a não levantar da cadeira.

À minha mãe e meu irmão Bruno pelo apoio. Em especial, a todas as vezes que minha mãe pôde ficar com Madalena para que eu escrevesse.

À Adriana Rosa por sua abertura em inventar constantemente nossa relação e acolher minhas propostas de dobra, nos diversos encontros que tivemos na vida e, assim, me ensinar sobre clínica e vida. Por seu carinho e alegria no acompanhamento de momentos tão delicados da minha vida, sendo parte do oxigênio necessário para que eu pudesse caminhar com esta tese.

À Katia Aguiar, que aguçou minha paixão por uma psicologia não hegemônica ainda na graduação, com suas aulas intensas e políticas, ampliando meus olhares diante desse fazer tão comumente enquadrado nas interpretações ortopédicas sobre a vida. Sua energia meio *guattariana*, como militante e psicóloga, provoca até hoje minhas práticas psi.

À tão querida Silvana, por quem tenho enorme carinho, que me acolheu com sua delicadeza e cuidado indescritíveis em momentos difíceis da feitura da dissertação do mestrado, se tornando uma afetuosa aliada na vida.

À Camila Jourdan por aceitar fazer parte dessa banca e ler meus escritos com tamanho carinho e cuidado, indicando importantes leituras e trazendo questões fundamentais para

meu encantamento com os anarquismos e a vida que pulsa no meu encontro com esse campo.

Às amigas Williana e Éllen, que seguraram minha mão me dizendo firmemente que eu não ia enlouquecer. E eu não enlouqueci. Por estabelecerem uma rede de cuidado para mim quando me separei, articulando diversos amigos que ficaram se revezando em minha casa por dez dias consecutivos, quando Madalena tinha um ano e três meses, mandando entregar comida, indo dormir comigo, passando para fazer carinho e dar colo, brincando com Madalena, me ligando, mandando mensagens, fazendo jantar e lavando a louça, enchendo o apartamento de afeto.

Aos amigos Thali, Rafa, Clau, Rapha e Elisa, que foram parte de um dos gestos mais lindos que recebi na vida, compondo essa rede de apoio que guardo com o maior amor. Por terem me dado comida e colo nos dias mais difíceis da minha vida.

À Laís e Luna por terem sido rede de apoio incondicional após engravidarmos ao mesmo tempo e termos três meninas, nas discussões sobre machismos, maternidade, separação, amamentação, parto, pós-graduação. Por terem me acolhido tantas vezes em suas casas em Miguel Pereira, me escutado com tanta disponibilidade e acompanhado todo esse percurso me trazendo força, empatia e afeto.

À minhas queridas amigas e irmãs de parto, que conheci através de um grupo virtual sobre maternidade, mas que em tão pouco tempo se tornaram presenças fundamentais na minha vida. Entre leite, comidinha de bebê, piqueniques, invasões em restaurantes, barcas, cafés, noites de insônia e vinhos fomos inventando juntas modos de maternar, de nos apoiar, de ouvir umas às outras em suas diferenças e no que compartilhamos. Pelos ombros que recebi para chorar e pelas gargalhadas até a barriga doer. Por podermos ser rede umas das outras, acionando uma experiência coletiva que acho que só experimentei com elas.

Ao GIRA, Grupo Itinerante Rizomático Autogerido, grupo de supervisão que me acompanha há tantos anos, pelas leituras do texto, pelo suporte e palavras de aconchego, pelas vezes em que se ofereceram para ficar com Madalena enquanto eu escrevia, por ouvirem meus devaneios e serem o exercício de coletivização da clínica que experimento a cada encontro. Agradeço em especial à Poly, Rê, Nat e Thiago pelas contribuições e *feedbacks* sobre a tese que me fortaleceram muito.

À Lívia, minha amiga, sócia, parceira na maternidade real, que me ensina tanto sobre desconstruir e não romantizar essa experiência.

Ao Félix, amigo tão querido, por partilharmos 2013 nas ruas, cervejas nas escadas e meios fios, leituras anarquistas, o interesse pelas insurgências e o afeto desde que trabalhamos juntos em 2012 nos programas de proteção. O apoio no final deste doutorado foi fundamental através das leituras do texto, de indicações de livros que já vinham mastigadas, dos áudios dizendo que já já eu ia acabar e da possibilidade de dividir essa experiência como tantas outras em nossas longas conversas.

À Gisele Fortes, por sua insistência na vida que eu tanto admiro, por me ajudar a ter coragem de enfrentar os desafios com os quais me encontro, e por também celebrar junto os passos dados em direção à minha autonomia e alegria. Agradeço o encontro com essa

dançarina que é também psicóloga e que movimentava minhas verdades e razões ao me acompanhar nos últimos anos.

Ao grupo de orientação que chamamos carinhosamente de Cecilândia, pelas trocas que produziram rupturas em mim, por terem me acolhido com Madalena na barriga ou fazendo parte de nossos encontros, bagunçando todo o rolê. Áurea, Vanessa Andrade, Vanessa Diniz, Thiago, Zé, Catarine, Aline, Júlia, Joana, Camila, Lívia, Paula, Sandra, Tátia, obrigada pela companhia nesse percurso.

Ao Izaque pelas inúmeras trocas sobre o tema da tese, pelos estudos que compartilhamos, além da amizade terna que guardo desde que nos aproximamos.

À Noelle, pelo afeto disruptivo em tempos inférteis.

A Puga e Aninha, que me apoiaram tanto durante a separação, dando força para o doutorado, pelos cafés, encontros, cervejas, mensagens... Espero que em breve nos encontremos mais e presencialmente.

Aos professores e colegas da especialização em Terapia Através do Movimento da Faculdade de Dança Angel Vianna, aonde pude voltar a dançar.

Ao Thiago Lima, que apesar de já ter conhecido na época do mestrado, nos aproximamos ao compartilhar uma turma no doutorado; pelas partilhas de textos e gestos de afeto e cuidado.

À Kika, mãe de uma das melhores amigas da Madalena e que se tornou uma grande amiga e rede de apoio fundamental nesses anos desde que nossas filhas se encontraram na vida. Por dormir com Madalena e ficar horas com ela em casa para eu poder escrever. Pelas cervejas na cozinha da casa dela ou da minha, sentadas no chão ou no banco, por me inspirar a ser ainda mais autônoma.

Aos que acharam que eu não terminaria o doutorado ou que torceram para isso, ou que contribuíram para me atrapalhar, eu sorrio, de longe.

*Todas as razões para fazer uma revolução estão aí.*

*Não falta nenhuma.*

(COMITÊ INVISÍVEL, 2018, p.1)

## Resumo

Em meio à pandemia e à crescente polarização entre os campos que vem se denominando como esquerda e direita, procuro fazer, nesta tese, uma análise rizomática a respeito da relação entre a esquerda institucional, suas práticas de militância, e o Estado. Inicialmente, faço uma análise de implicações a respeito de minhas durezas e rupturas na relação com esse tema. Meu corpo e minha prática na psicologia clínica se tornam campo de pesquisa, misturando-se à problematização sobre as morais presentes na esquerda institucional. As experiências nos trabalhos em organizações não-governamentais (mais especificamente com direitos das crianças e dos adolescentes/direitos humanos), a gravidez e chegada da minha filha durante o doutorado, a imersão nas manifestações de Junho de 2013 e a pandemia ocasionada pela COVID-19 são alguns dos pontos disparadores das análises tecidas. Em seguida, a discussão permeia as ideias de Estado em suas dimensões macro e micropolítica e de que forma ambas constituem o aparelho de captura como dispositivo de controle do Estado sobre nós. Nesse ensejo, a esquerda institucional, através de sua crença em relação, especialmente, ao Estado Democrático de Direito, reproduz frequentemente o funcionamento burocrático, violento, moral e punitivista que diz combater, operando raramente na lógica das máquinas de guerra. Finalmente, tais questões são debatidas pensando a relação entre corpo e militância e seus agenciamentos com uma clínica nômade.

**Palavras-chave:** esquerda; Estado; máquina de guerra; corpo; clínica.

## Résumé

Dans un contexte de pandémie et de croissante polarisation entre les secteurs politiques qui se nomment droite et gauche, je fais dans ma thèse, une analyse rhizomatique sur la relation entre la gauche institutionnelle, son militantisme et l'État. Dans un premier temps, je réalise une analyse des implications en rapport à mes épreuves et ruptures à propos du sujet. Mon corps et ma pratique professionnelle dans le domaine de la psychologie sont devenus des sujets de recherche, en se mélangeant au problème des morales présents dans la gauche institutionnelle. Mon expérience professionnelle avec les organisations non gouvernementales (plus particulièrement avec le droit des enfants et des adolescents / droit de l'homme), la grossesse et l'arrivée de ma fille pendant le doctorat, l'immersion dans les manifestations de juin 2013 ainsi que la pandémie de la COVID-19 sont quelques uns des éléments déclencheurs des analyses techniques. Ensuite, la discussion imprègne les idées d'État dans ces dimensions macro et micropolitiques, et de quelle façon tous les deux constituent le système de capture comme en étant un dispositif de contrôle de l'État sur nous tous. Dans cette opportunité, la gauche institutionnelle, à travers sa croyance surtout à l'État démocratique de droit, reproduit souvent le fonctionnement bureaucratique, violent, moral et punitif qu'il prétend combattre, en fonctionnant rarement sur la logique des machines de guerre. Finalement, de telles questions sont débattues en considérant la relation entre le corps et le militantisme et ses agencements avec la clinique nomade.

**Mots clés** : gauche ; État ; machine de guerre ; corps ; clinique.

## **Abstract**

In the midst of the pandemic and the growing polarization between the fields that have been called left and right wings, I seek, in this thesis, making a rhizomatic analysis of the relationship among the institutional left, its militancy practices, and the State. Initially, I analyze the implications of my hardships and ruptures in relation to this topic. My body and my practice in clinical psychology become a field of research, mixing with the problematization of institutional left morals. The experiences in working in non-governmental organizations (more specifically with children's and adolescents' rights/human rights); my daughter's pregnancy and birth during my doctorate; my immersion in the June 2013 protest; and the pandemic caused by COVID- 19 are some of the analysis trigger points. Then, the discussion permeates the ideas of the State in its macro and micro-political dimensions and how both constitute the capture apparatus as a State control device over us. In this opportunity, the institutional left, through its belief in the Democratic State of Law, frequently reproduces the bureaucratic, violent, moral and punitive functioning that it claims to fight, rarely operating in the logic of war machines. Finally, such issues are debated considering the relationship among the body, militancy and their assemblages with a nomadic clinic.

**Key words:** Left; State; War Machine; Body; Clinic

## Sumário

### Platô 1 - Exercício antropofágico ou uma análise de implicações

#### Alguns começos-rizoma

*PPCAAM/RJ e CRESSE – os trabalhos com programas e projetos sociais*

*Rastros de fumaça*

*Linha de cerol*

#### Carta de suicídio

*Nó 1 – academia e o saber colonizado*

*Nó 2 – mastigar minha ancestralidade*

*Nó 3 – pandemia e confinamento*

*Nó 4 – os excessos espetaculares e o silenciamento*

### Platô 2 - A esquerda institucional e o Estado

**Estado em nós, capitalismo e consenso**

**O apelo à democracia é uma cilada**

**Contra o aparelho de captura do Estado, as máquinas de guerra**

### Platô 3 - O corpo na militância

**Corpos tristes e militância mofada: desejo de poder, ressentimento e o juízo de Deus**

**Poder sobre a vida e potência da vida: Corpo sem Órgãos e movimento**

**Corpo em movimento: entre a dança e a militância**

**Pistas sobre como iniciar uma guerrilha: agenciamentos libertários na clínica**

## Referências

## Platô 1 - Exercício antropofágico ou uma análise de implicações

*Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome.*

*Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p.232)*

Não escrevo sem minhas vísceras, mesmo que estejam hoje ocupando lugares os mais estranhos possíveis. Um corpo-organismo se desmanchou dolorosamente. Outro corpo-organismo vem se compondo de formas inadjetiváveis. Mas há um alinhavo feito à mão que atravessa a pesquisa-vida que, com essa escrita, procura inventar territórios. Agulha fina que fura o pano (e às vezes o dedo), costura o tecido que me compõe.

Estes primeiros parágrafos, creio, são o convite denso a uma imersão. Cada trecho tem impressões das minhas mãos - sujas. Talvez sejam devaneios que experimentei nestes longos anos de doutorado. Devaneios ou delírios sobre tempos de criação e impermanência. Assim, as palavras aqui escritas já não são minhas, são plurais (mesmo no singular) e permeadas por hesitações, anseios, lacunas, cortes, desfigurações, como a própria vida é.

### **Prefiero morir a vivir con la boca cerrada<sup>1</sup>**

A tese é um constante exercício de subversão daquilo que me captura e enrijece os músculos. A escrita, então, é uma aposta de suor. Deixar escorrer pelas palavras aquilo que me intoxica e cristaliza meu corpo na forma de um guerreiro vestido de armadura de aço. Minha experiência é meu campo de pesquisa. Meu corpo, meus afetos e pensamentos são também políticas que se forjaram neste percurso. As manifestações de 2013, a

<sup>1</sup> Trecho da música “Libre, atrevida y loca”, de Rebeca Lane.

maternidade concomitante ao doutorado, a separação, a dureza dos feminismos e das militâncias pró Estado Democrático de Direito, a pós na Faculdade Angel Vianna<sup>2</sup>, o trabalho na clínica e nos projetos e programas sociais, a pandemia... Fios de composição e decomposição que vão esburacando lógicas, discursos, práticas e construindo novos territórios. Afinal, não é o 'nós' que vai tirar o ego de uma escrita, muito comum aos trabalhos acadêmicos supostamente neutros e cheios de si. Na criação não tem eu, apenas devir<sup>3</sup>.

Sem bolsa de estudos, trabalhando continuamente e cuidando de uma filha pequena, não houve espaço para as leituras tantas que me eram indicadas ou para os diversos filmes, vídeos, curtas, eventos, aulas... A intermitência se tornou o possível como forma de resistência para a continuidade do doutorado.

A escrita em fragmentos. As leituras também. Assim como os filmes, o sono, a fome e a pesquisa. As imagens do inacabado, da casa pela metade, do território em pedaços e da interrupção constante fazem parte deste ensaio. A relação com o tempo modulou e a fragmentação que me angustiava se tornou, por vezes, potência. O próprio texto é experimentado como intermitente e em movimento em alguns trechos, como lampejos que atravessam e riscam um céu de noite no interior.

**(...) desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? Emitem ainda - mas de onde? - seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes? (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.45)**

Como luzes de vagalumes no tardar da noite escura, a ideia da intermitência como resistência (DIDI-HUBERMAN, 2011), inspira a uma postura nesta pesquisa. Essas pequenas luzes quase inotáveis, piscantes e que resistem à branquidão dos grandes holofotes fascistóides do poder ou da escuridão absoluta convocam a uma espécie de

<sup>2</sup> Pós-Graduação em Terapia Através do Movimento da Faculdade Angel Vianna (TAM-FAV).

<sup>3</sup> "Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de co-presença* de uma partícula quando entra nessa zona" (DELEUZE, GUATTARI, 2008, p.64).

metodologia equilibrada que ainda exercito no destreinar das mãos, deixando o corpo suar e sangrar no papel. A delicadeza e a violência serão, portanto, modos ou práticas de escrita desta tese - **ININTERRUPTAMENTE INTERROMPIDA** – estejam elas aparecendo ou não no texto.

Na dificuldade de começar e acabar coisas, fui ler poemas, estudar sobre anarquismos em noites de insônia, debater ações diretas em noites estreladas nos finais de semana sem minha filha, dançar, ler sobre corpo, movimentar o meu, pixar, experimentar palavras, rascunhar pequenos pedaços de papel, afirmar um corpo-vagalume e toda a sua política “piscante”, falhada, viva. O desgoverno sobre a minha vida me aproximava de uma estética libertária.

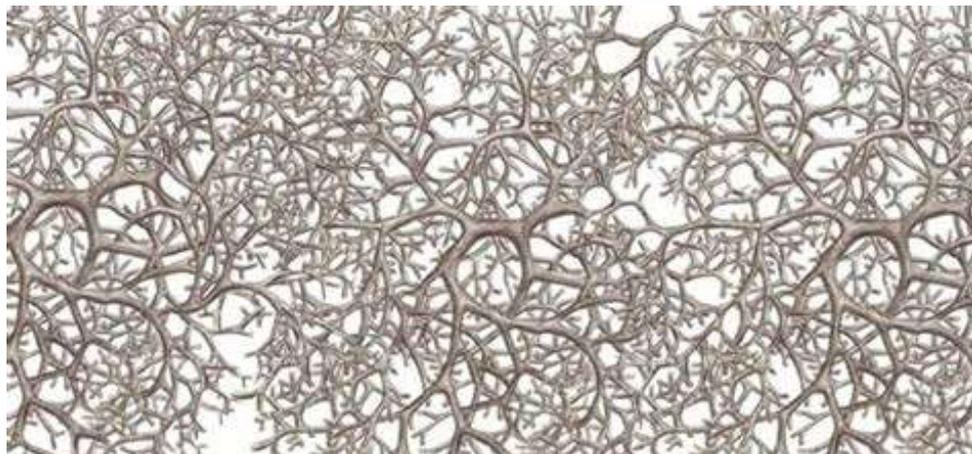
O corpo-soldado-militante-mãe-feminista que se forjou na necessidade de não sucumbir às experiências desterritorializantes que vivi nos últimos anos começava a destituir o poder em si, a problematizar a relação com a identidade, com as práticas enrijecedoras das lutas e poder abrir mão dessa forma para encontrar outras. Corpo *ENTRE*, que convida à passagem de fios ora duros ora fluidos. O pensar sobre a estratégia que compõe ser mãe *ENTRE* outras coisas, ser mulher *ENTRE* outras coisas, ser militante *ENTRE* outras coisas.

**É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p.37)**

Um constante perder e criar território, em ciclos feitos e desfeitos ao tom da melodia inebriante de uma tempestade. Buscava cantigas que diminuíssem os batimentos cardíacos da desterritorialização experimentada em cada poro. Os inacabamentos puderam forjar território quando eu sentia que não tinha onde pisar. Ao mesmo tempo, perder territórios me permitiu criar alguma habilidade de voar, quase como uma reconciliação com a criança em mim que descia a ladeira de bicicleta sem freio e sem

medo de se estabacar no chão da rua quando o guidom tremia em minhas mãos. É na desterritorialização que algo se cria.

Escrevo, então, como política de existência nas vicissitudes e devires que experimentei neste percurso. Uma tese feita como um **RIZOMA**: um sistema de pensamento presente no conteúdo, mas especialmente na forma. Cada ponto se liga a todo ou qualquer outro (DELEUZE, GUATTARI, 2000).



Pois não haveria outra forma possível, senão aquela que rompe com as hierarquias que dominam os modos de vida. Escrever como rizoma não foi pensado antes, como uma ideia *a priori* da experiência, mas foi efeito dela. Quando percebi era esse o MODO de dizer, bem como O QUE queria dizer. Pois todo o texto fala de rupturas com as hegemonias que nos constituem, especialmente nas práticas de militância.

Cada trecho do texto brota, sem preocupações com começos ou fins, se espalhando por onde tiver espaço, pois seu verbo é mais o *expandir* e *variar* que estruturar ou registrar. Por isso uma tese em platôs e não em capítulos, pois não se trata de uma ordem pré-estabelecida, mas de estar sempre no meio (DELEUZE, GUATTARI, 2000).

**Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados),  
de comunicação hierárquica e ligações  
preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado  
não hierárquico e não significante, sem General, sem  
memória organizadora ou autômato central, unicamente  
definido por uma circulação de estados (DELEUZE,  
GUATTARI, 2000, p.33)**

Tornar inúteis a árvore, o aparelho de Estado, o sedentarismo como modelos reproduzidos em nós, afinal...

### None of us are free<sup>4</sup>

Portanto, escrevo ENTRE uma escrita acadêmica e outra visceral, poética, nômade. Os autores e obras citadas são menos um enobrecimento da tese ou a reprodução de um saber constituído e mais um estabelecimento de *alianças provisórias* no decorrer da pesquisa e da vida. Para isso, me acompanham em volumes e formas diferentes. Falo COM eles, pois me ajudam a dizer sobre estas experiências que procuro contar.

Não tento disfarçar a gagueira que permeia minha fala nem o rubor que me toma o rosto, mas eles estão aqui, bem como meus silêncios, curvaturas, desalinhos próprios de uma sintaxe em devir (DELEUZE, 2011). A gagueira criadora faz morrer a fala como desfile de palavras em sua impecabilidade estética. Inventa uma língua menor, minoritária, no próprio fazer da escrita.

*A gagueira criadora é o que faz a língua crescer pelo meio, como grama, o que faz da língua um rizoma em vez de árvore, o que coloca a língua em perpétuo desequilíbrio... (DELEUZE, 2011, p. 143)*

Perpétuo desequilíbrio

Perpétuo desequilíbrio

Faz a língua crescer pelo M E I O

R i z o m a

Rizoma-desequilíbrio

Perpétuo meio

<sup>4</sup> Trecho da música “None of us are free” de Solomon Burke. Tradução: nenhum de nós está livre.

Crescer pelo meio e para os L

S

A

O

D

Em perpétua *desordem*

*Sem ordem*

Em vez de árvore

GAAA GGQUE JAR -RRRI ZO MMMMA

Falha

Língua em **criação**

Palavras em ECO

eco

eco

eco...

Não quero as palavras lineares. Busco outras estéticas em meus dedos, outras formas de dizer. Procuo os caminhos sinuosos e os delírios ambulatórios<sup>5</sup> dos loucos e dos artistas para contagiar meu corpo com a des|órgãos|nização. Porém, também me sinto em confronto com meu-corpo-tornado-objeto-de-captura. Enrijecido pelos órgãos, pela moral, pela guerra, pelas instituições, por um modo de fazer militância.

<sup>5</sup> Termo forjado por Hélio Oiticica a respeito de suas perambulações pela cidade e a crítica a uma arte intelectualizada. Hélio conversava com moradores de rua, prostitutas, traficantes, chegou a morar no Morro da Mangueira, e afirmava que a arte estava na própria mundanidade da vida.

O texto é entremeado por ensaios, cartas, anedotas, músicas, poemas e trechos de leituras, como pequenos rabiscos que se fazem nos cantos dos livros ou nas últimas folhas de um caderno.

Vamos?

## **Alguns começos-rizoma**

### ***PPCAAM/RJ e CRESSE – os trabalhos com programas e projetos sociais***

A sensação de enxugar gelo...

O Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte/RJ<sup>6</sup> foi meu primeiro emprego. Trabalhei como psicóloga da equipe técnica de 2012 a 2013, mas sempre me pareceu ter sido muito mais. Primeiramente, fui contratada por uma Organização de Direitos Humanos que executava o PPCAAM à época. Nos últimos dois meses do meu vínculo com o Programa, trabalhei diretamente na Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro (SEASDH), que passou a executá-lo temporariamente a partir de março de 2013, até que outra instituição formalizasse contrato com a Secretaria.

Até hoje sinto saudades das aventuras, da companhia cotidiana de algumas pessoas da equipe, das viagens e articulações que fazíamos com a rede de proteção a

<sup>6</sup> O PPCAAM, segundo o discurso institucional, é um programa do governo federal criado em 2003 e executado em diversos estados brasileiros até hoje, além do Distrito Federal, visando a proteção integral de adolescentes, crianças e possivelmente seus respectivos familiares quanto a uma situação de ameaça, visando o enfrentamento às taxas de homicídio e violência grave direcionadas a este segmento da população. Os principais disparadores de ameaça no estado do Rio de Janeiro, no período em que trabalhei no Programa, eram dívida com o tráfico (por perda de “carga” ou uso contínuo de alguma substância) e retaliação por roubo ou furto – neste caso perpetradas tanto pelas milícias como pelo tráfico - denotando o recorte social e político característico do Rio. A proteção se dá através do deslocamento da criança ou adolescente, seja para um abrigo ou casa – quando há inserção conjunta com familiar(es) - em localidade segura e distante da ameaça. O Programa se propõe a custear todas as despesas da família, como aluguel, alimentação, transporte, vestimentas, etc, bem como tem uma equipe multidisciplinar que trabalha visando sua adaptação ao novo local de moradia e a autonomia em relação ao Programa por cerca de um ano.

crianças e adolescentes do estado, dos lanches pela estrada, das intervenções a conta gotas e em qualquer lugar (na rua, na calçada, no carro, no avião...), das viagens inesperadas, da agenda descontínua, do encontro com os meninos e meninas inseridos no Programa, de suas rebeldias, seus anseios, sua coragem. Não havia nada de muito *strictu sensu* na minha prática como psicóloga. A gente, inclusive, se perguntava qual era a diferença da atuação da assistente social, da advogada e minha quando todas nós atuávamos sem grandes fronteiras entre os especialismos, sem hierarquia de umas sobre as outras.

Um modo-limiar de habitar o fazer da psicologia e que era sentido por mim como uma ampliação da minha liberdade. Esse desfazimento de um lugar de saber especializado era muito prazeroso, pois deixava muito claro quando seu uso era estratégico e quando não. Uma intervenção podia ser tomar um picolé sentada no meio fio com um adolescente que nunca tinha feito isso ou brincar com uma criança pequena enquanto a mãe fazia a comida. Ou, ainda, comprar uma piscina de plástico para uma família grande e cheia de crianças passar o verão sem poder muito sair de casa. Muitas vezes, as famílias não sabiam mesmo quem era a psicóloga, quem era assistente social e quem era a advogada já que frequentemente atendíamos em dupla e éramos todas um pouco de cada coisa e nada disso ao mesmo tempo.

Por outro lado, quando necessário, diante de um conselheiro tutelar, polícia e juiz (que comumente eram quase a mesma coisa), brincávamos entre nós dizendo que vestíamos (literalmente ou não) os estereótipos de nossos lugares de saber e confrontávamos outros discursos com falas muito bem articuladas e simpatia, em geral. Mas se preciso, no grito também. Conseguimos uma vez que um jovem tivesse seus dezenove processos por ato infracional extintos em uma só audiência, o que era algo impensável visto que os juízes pareciam gozar com seu poder punitivo em relação a esses meninos e meninas.

Dentre tantos casos e atendimentos, alguns me marcaram mais, como o da adolescente grávida que veio sozinha de outro estado em função da gravidade da ameaça direcionada a ela. Foram meses sendo companhia durante a gestação, fazendo enxoval junto, providenciando fotos dela grávida para fazer um álbum, acolhendo suas angústias e desejos, dormindo na maternidade e trocando pela primeira vez uma fralda. Vi seu menino crescer um pouco, ganhar nome, penteado, sorrir, sentar, começar a comer. Ela sentia saudade da comida da sua terra, que a gente não encontrava por aqui. Volta e meia

lembro dela e me pergunto como está, se está viva, se está bem, já que depois de saírem do PPCAAM deixamos de ter contato completamente com essas pessoas. O Programa tinha muitas destas durezas em nome da proteção dos ameaçados e da equipe.

Me lembro muito também de levar um adolescente sozinho para ser protegido em outro estado e do medo dele para andar de avião. Aquele garoto cheio de bagagem nas costas, com passagem em quase todas as instituições de cumprimento de medida socioeducativa da cidade, com histórias de muita violência, que já tinha pegado em arma, com medo de andar de avião. Eu, que também tenho medo, tentava fingir que estava tudo ótimo, dizendo isso para ele (e para mim).

Recordo, ainda, da vez em que atendemos uma menina que, no primeiro atendimento, quando avaliávamos a inserção ou não no Programa, nos contou sobre uma rede de exploração sexual de meninas, que ficavam confinadas em apartamentos servindo aos prazeres sexuais de homens de todo tipo. Nunca esqueci aquele relato e a sensação do engasgo que me deu quando ela minuciosamente falava de como era transar com esses homens e da vez em que sua amiga morreu de hemorragia após uma penetração dupla. Segundo ela, não foi prestado socorro para não expor a rede, que era comandada pelo pai da menina que sentava à nossa frente. Depois de algum tempo protegida em um abrigo em outra cidade, ela sumiu que nem vento e nunca mais tivemos notícias.

Nesse período, eu acreditava muito no Estado Democrático de Direito e nos direitos humanos e sentia um certo orgulho de trabalhar com essa temática. Não tinha dúvidas de que através do Estado, podíamos garantir melhores condições de vida a essas pessoas, contribuindo com o acesso delas ao que já estava escrito nas leis vigentes. Sabia de cór o Estatuto da Criança e do Adolescente e podia argumentar com juízes, promotores e defensores, que costumavam saber menos que a gente.

Trabalhávamos muito tempo na rua, viajando, fazendo visitas e atendimentos em locais entendidos como neutros e articulando com as redes de saúde, educação e proteção. Mas, por vezes, estávamos na instituição que executava o Programa e lá o clima era bem diferente. Sentia um ambiente bastante opressor, com as hierarquias bem marcadas, os silêncios de quem não se sentia à vontade para falar em reuniões, as fofocas sobre assédio e processos trabalhistas pelos corredores. Alguns meses depois de ser contratada, veio o primeiro atraso de salário, com explicações que culpabilizavam o Governo Federal e promessas de que as coisas se resolveriam em breve. Havia uma prestação de contas de

recursos encaminhados à Organização, que não havia sido aprovada. Com isso, o Programa não poderia receber recursos novos, enquanto isto não estivesse resolvido. Foram meses sem salário e sem solução para o problema, pois nunca solucionaram tais pendências.

Não tínhamos dinheiro para repassar às famílias inseridas no Programa, a tensão era altíssima dentro da Organização, inclusive os rumores de desvio de recursos. A questão é que a precariedade foi se agravando, salários atrasavam frequentemente, bem como a situação do acompanhamento das pessoas foi ficando irregular e quase se limitando a gerir a miséria em que havia se tornado o PPPCAM no estado do Rio.

Parte da equipe foi demitida, foram feitos muitos remanejamentos e ficamos com poucas pessoas para executar o trabalho. O diretor executivo da instituição tinha a foto de Marx na sua sala e a única vez em que entrei lá só conseguia pensar nas incoerências que eu via entre o discurso/ imagem institucional e as práticas.

Enquanto se falava e supostamente se trabalhava constantemente, dentro da organização, na garantia de direitos, me parecia que os bastidores dos projetos eram um mar de vaidades, de relações de poder silenciadoras/opressoras e de dinheiro. Ainda assim, fiquei até o final da execução pela Organização e, quando se esgotava esse tempo, fui convidada a dar sequência ao trabalho na SEASDH, que o executaria provisoriamente.

### **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

*Era meu último dia no trabalho. O fariseu berrava pelos corredores.*

*- Nunca mais vocês pisam aqui!!!*

*Com dedo em riste na cara da assistente social que era minha companheira de trabalho, babava de raiva pelos interstícios da Organização de Direitos Humanos. Ele que era reconhecido por ser defensor de direitos da criança e do adolescente, mas também reconhecido por assediar sexualmente mulheres da instituição, por receber processos trabalhistas relacionados ao não cumprimento de direitos dos funcionários, além de assédio moral.*

*Neste dia, entraram na minha sala mandando que saíssemos de imediato, mesmo que não tivéssemos terminado o trabalho ou cumprido nosso horário. Recolhendo minhas coisas, os donos do poder gritavam achando que eu estava pegando dados da instituição quando tentava tirar meu pendrive do computador. Saímos escorraçadas.*

*Nos dias que se seguiram, comecei a receber telegramas para que eu comparecesse à instituição e prestasse informações sobre os casos que acompanhava e assinasse*

*relatórios técnicos que provavelmente foram terminados por funcionários que receberam ordens de terminar os textos. Tudo isso em um prazo de 24 horas e sob pena de serem adotadas medidas administrativas e judiciais de responsabilização contra mim. Foram dias de muita tensão, choro, achando que poderia perder meu registro no Conselho Regional de Psicologia (CRP). Busquei alianças que foram fundamentais para me sentir mais tranquila, como a reunião com a Comissão de Ética do CRP, a conversa com três advogados diferentes e a acolhida dos amigos. Não cedi, não assinei nada nem compareci mais à instituição e nenhum processo foi aberto. Nada além de ameaças e terror.*

*Foi esse meu primeiro encontro com um estranhamento. Podem fariseus serem defensores de Direitos Humanos? Ou qual a relação dos Direitos Humanos com o poder e o governo sobre a população que atendíamos?*

Na SEASDH, não foi muito diferente. Ali de dentro da secretaria de Estado, também fiquei meses sem receber salário, com promessas que não se cumpriam, as hierarquias seguiam muito bem marcadas, mas com uma dose a mais de uma política institucional que privilegiava interesses de quem estivesse no comando naquele momento. Um dia, não suportei mais. Foi assim, de repente. Acordei e me senti mal de ir trabalhar, me deu vontade de ficar na cama e decidi que ia sair, liguei para minha coordenadora e disse que se eu ficasse ia adoecer porque estava claro para mim que havia chegado no meu limite. Depois disso, demorei cerca de quatro meses para receber por esse tempo lá.

Os fariseus estavam por toda a parte.

888

Ainda ao final de 2013, depois de alguns meses desempregada e retomando os atendimentos na clínica particular, fui contratada para trabalhar em outra Organização Não-Governamental (ONG), bem menor que a anterior. No CRESSE<sup>7</sup>, trabalhei de 2013

<sup>7</sup> O Centro de Referência para Egressos do Sistema Socioeducativo era um projeto executado por outra organização não-governamental, financiado pela Petrobrás e seu programa de responsabilidade social, que atendia adolescentes e jovens egressos ou que estavam cumprindo medida socioeducativa no município do Rio de Janeiro. Os participantes frequentavam a instituição e, além do acompanhamento com equipe técnica composta por psicólogas e assistentes sociais, participavam de oficinas com temáticas ligadas à sexualidade, cidadania, família, drogas, etc. Tinha como objetivo discutir esses temas segundo uma abordagem crítica às reproduções sociais e construir individualmente com os integrantes um plano de vida visando inserção no mercado de trabalho e manutenção deles na rede educacional.

a 2016 com adolescentes autores de ato infracional, acompanhando suas histórias e demandas, tentando construir com eles o que o projeto nomeava como “plano de vida” e conduzindo junto com minhas colegas diversas oficinas para eles. Compúnhamos o trabalho de uma forma bastante integrada, mas ali as fronteiras eram um pouco mais claras.

Diferentemente do PPCAAM, o CRESSE era um projeto bem mais pontual e que se propunha a conhecer estes jovens e encaminhá-los para cursos ou vagas de emprego/ Jovem Aprendiz. Novamente, a equipe era nada conservadora e, apesar das diretrizes que nos eram dadas, costumávamos encontrar modos de subverter algumas delas. As oficinas tinham temas muito amplos e clássicos como sexualidade e cidadania e a expectativa era a de que fôssemos ensinar os jovens sobre questões relacionadas a esses temas. Mas a gente trazia um debate mais crítico, passando documentários, trocando de maneira mais horizontal com eles.

Era interessante principalmente quando passávamos um documentário sobre a história do tráfico no Rio de Janeiro e eles se sentiam muito autorizados a falar, narrando experiências que enriqueciam muito nossas conversas, pois buscávamos falar de um lugar muito pouco moral sobre esse assunto. Eram majoritariamente meninos e negros, oriundos de territórios periféricos da cidade, muitos deles com algum envolvimento com o tráfico.

A gente conhece melhor a polícia quando ouve esses adolescentes. Inclusive porque nunca ouvi de NENHUM deles qualquer elucidação que pudesse ponderar sua violência.. São vermes, para aqueles que os conhecem no dia a dia. Isso é indiscutível. As histórias de abuso e agressão, fosse por parte da polícia ou dos agentes educadores das unidades socioeducativas que frequentavam eram difíceis de serem engolidas. Quando eles viam no documentário outros adolescentes sendo algemados, coisa que o Estatuto deixa claro que não pode acontecer, reconheciam as práticas que haviam sido perpetradas contra eles. Os chavões, os prédios, o tratamento seguiam sendo os mesmos perante uma lei que julgava ser necessária uma transformação. Mas a lei é apenas um discurso, mediante tantos outros. Ali tentávamos explicar para eles o que estava escrito na lei, ao que eles obviamente respondiam que se falassem aquilo para um agente, seriam punidos.

Solitárias, porretes, castigos e doenças proliferavam por essas instituições, que tinham um cheiro muito específico. Esses meninos eram tratados pelo Estado como

desvios a serem corrigidos. Eu vi em muitos deles uma revolta que não tinha visto em lugar nenhum. Certa vez, um deles, contrariado já não me lembro muito bem com o que eu tinha dito, se levantou na sala e, diante dos colegas e de mim, começou a jogar as carteiras na parede e umas contra as outras. Tive imediatamente que tirar todos da sala e sair também. Mas para além do medo de levar uma carteira de ferro na cabeça, fiquei apavorada com a ideia de ele se jogar da janela do nono andar, enquanto estava naquele rompante. Não se jogou. Depois do silêncio, abri de novo a sala e ele estava mais calmo e chorando lá dentro. Aquela cena foi desoladora, tanto que nem me lembro como as coisas se sucederam depois disso, a não ser que ele deixou de frequentar o projeto.

Muitos deles moravam em abrigos ou cumpriam medida de semiliberdade, passando a semana na instituição e o fim de semana em casa. Volta e meia falávamos ou atendíamos presencialmente as mães deles, raramente algum pai. Muitas delas relatavam problemas cardíacos ou hipertensão, o que me chamava atenção porque me parecia ter relação com o modo de vida tenso em que viviam. Em nossas conversas, sempre pareciam estar constrangidas por seus filhos terem sido apreendidos<sup>8</sup> - o terror de toda mãe moradora da periferia. Buscá-los era uma verdadeira saga quando levados pela polícia, no desespero de mostrar que tinham mãe e não fossem executados, pois tinha alguém por eles ali. Contavam que eram constantemente oprimidas e desrespeitadas nas delegacias, quando seus filhos chegavam até lá, com discursos que as culpabilizavam pelas ações dos filhos.

Que cansaço e sensação de impotência me dava ouvir essas histórias, que pareciam fazer parte de um enredo infinito e sem saída. Mudava governo e nada. Mudava chefe da polícia e nada. Faziam projetos e leis e nada.

Muitos casos são forjados e todo mundo sabe disso, inclusive a própria polícia, que ri de seus feitos nos bastidores ou na cara mesmo daqueles que ela reprime. Esse era o público do CRESSE: esses meninos e meninas que tinham ódio da polícia e que resistiam ao controle silencioso ou à repressão escancarada do Estado. Diziam querer um trabalho, estudar, “ajeitar a vida” – discurso muito comum, mesmo que não perguntássemos nada. Eles sabem o que queremos ouvir e aprendem o que dizer nesses projetos, como uma condição de sobrevivência. Mas não havia lugar para eles. E quando

<sup>8</sup> Para usar o termo politicamente correto, mas na realidade sabemos que não faz a menor diferença dizer apreendido ou preso.

havia, era com a finalidade de domesticá-los. Porém, em sua maioria, eram insubmissos porque a vida deles depende dessa insubmissão.

### **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

~~Enquanto João comia a comida azeda na cadeia, eu almoçava na minha casa e recebia por e-mail o cartaz de uma audiência pública promovida por um partido de esquerda na Alerj. Acompanhei muitas mobilizações dessa ordem. Eventos, seminários, congressos, audiências. Cansei. Não consigo mais pisar em nenhum evento acadêmico ou político dessa ordem porque fico enjoada e me dá taquicardia. Não nego que seja possível que pensamentos estejam sendo produzidos na academia ou nos encontros promovidos pela sociedade civil, mas não tenho mais corpo para digerir as falas repetidas, o mais do mesmo, as catarses coletivas e a necessidade de ouvir o que se quer ouvir entre seus pares. Enquanto isso, João come comida azeda na cadeia e a mãe dele leva muita farofa para ele conseguir engolir essa comida. Quando tem carne de porco, precisa passar no fogo de novo para não dar coceira. Fogo esse improvisado com uma gambiarra de inteligência admirável. Quando encontrei João na sala do Tribunal de Justiça, sua cor era pálida e amarela como a de um defunto. Entrou pela porta dos condenados, algemado, cabeça para baixo e sendo conduzido por um guarda. Magro, olheiras fundas, a roupa de presidiário. Tentou me olhar pelo canto do olho e esboçar um sorriso tão leve que ainda fico na dúvida se apenas inventei essa cena. O mais sutil gesto de levantar a cabeça é entendido como desrespeito e tratado com repressão sem pudor, na frente dos presentes. Ninguém se manifesta a não ser que seja autorizado. A juíza, no alto de sua mesa, que fica literalmente no alto, colocava em prática seu papel de detentora do poder. Não cumprimenta ninguém, não demonstra qualquer interesse em saber o que há para ser dito. É um espetáculo de despotismo legitimado pelo seu cargo e absolutamente tratado como natural. Eu tinha~~

~~ficado 6 horas esperando para entrar junto com a família na sala da audiência. Nos murais do corredor, os cartazes de eventos que eu já havia olhado milhões de vezes nesse tempo, davam a impressão de que havia uma Justiça progressista, interessada em debater com a sociedade diversos temas. Mas naquela sala, a juíza era a própria figura do poder soberano, divino e absolutista. Branca, com seus cabelos muito bem pintados de louro e sua roupa medieval. João estava fraco e doente. O filho que crescia na barriga de sua namorada seria mais um na estatística dos que nascem com pai ausente. Lá, eu só podia dizer o que me era perguntado, uma retórica programada para a condenação. Passei dias com essa sensação de estômago embrulhado, me perguntando o sentido das fanfarras de esquerda, das cirandas como forma de manifestação, dos eventos para abraçar a árvore. Enquanto houver menino preto morrendo por bala de fuzil e gente na cadeia comendo comida azeda, não tem mais nada o que tenha que ser discutido para mim. Como pudemos tornar isso tão tolerável?~~

Toda vez que eu ia dar as oficinas, mesmo com todas as brechas e desmoralizações que construíamos, me perguntava o que estava fazendo. Os gestores da instituição queriam “mudar vidas”, como se bastasse uma vaga de emprego ou uma matrícula em um curso para que isso acontecesse. Ingênuos.

É muito mais complexo que isso. Domar uma subjetividade favelada, preta e periférica é o que permeia as entrelinhas do discurso sobre “mudar vidas”. Tão bem intencionados, cristãos e com sandálias franciscanas! Quando os salários atrasaram, também nesta instituição, falaram sobre amor e devoção no trabalho. Quiseram incutir em nós o sorriso complacente e apaziguador da pessoa que trabalha com direitos humanos como um bom samaritano.

Quando grávida, trabalhando ainda lá, era obrigada a ir presencialmente quando toda a equipe administrativa podia trabalhar de casa. Só ia eu para a instituição, em dias alternados com a assistente social, também gestante. Certa vez, cheguei e não tinha água para beber. Me demitiram um mês após voltar da licença maternidade.

Tais experiências de trabalho foram uma espécie de laboratório embrionário desta pesquisa, quando comecei a me questionar sobre trabalhar com direitos humanos. As sensações de enxugar gelo e impotência, bem como de que havia algo de muito incoerente naquilo tudo, começaram a tomar meu corpo. Emergiam perguntas sobre quais os efeitos daqueles projetos, que pareciam servir menos a seu público-alvo e mais ao próprio Estado e sua conservação.

### ***Rastro de fumaça***

As tantas imagens são muito bonitas para ficarem apenas na minha memória. Fecho meus olhos e sem grande esforço ainda me lembro das vidraças quebradas, do som das balas de borracha, do cheiro do gás, dos gritos em uníssono, da alegria das pessoas quebrando bancos. Não sentia medo dessa multidão, nem dessa batalha.

Eu me sentei na Lapa, para encontrar meus amigos depois de ser encurralada diversas vezes pela polícia – fascista, o que é uma redundância - no ato de 20 de junho de 2013, achando que eles não iriam até aquele trecho do Centro do Rio, por ser uma parte turística da cidade e aonde não havia qualquer manifestação explícita. Me enganei. Já tomando uma cerveja e trocando ideia com amigos-aliados na invenção de outros mundos, comecei a ouvir um coro: “Não vai ter Copa”. Não dava para saber de onde estava vindo. Comecei a sentir as vozes cada vez mais perto, as pessoas dos bares nos arredores iam se levantando e se juntando ao coro, não importava se de camisa social ou blusa de banda de metal. A gente também se levantou para entender o que estava acontecendo. Era a encruzilhada entra a Rua Mem de Sá e a Rua do Lavradio (onde eu estava). E ali, vindo dos Arcos da Lapa, despontava na esquina um carro blindado do BOPE<sup>9</sup>, o famoso “caveirão”, com cerca de 10 policiais atrás de costas uns para os outros, e todos com as armas apontadas para nós, de todos os lados. Nunca tinha visto essa cena ao vivo. Começamos a gritar junto que não ia ter Copa e eles começaram a atirar em nós mandando fechar todos os bares. Os garçons, provavelmente muito mais cientes que nós do que a polícia é capaz, corriam para fechar as portas dos bares enquanto os barulhos de estilhaço dos copos de vidro cintilavam nos ouvidos. Entramos, sufocados pelo gás e encurralados

<sup>9</sup> Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro

pelas balas de borracha – um privilégio no Rio de Janeiro. De dentro, ainda gritávamos sufocados depois de tanto gás.

888

Difícil pensar que já se passaram tantos anos desde que as manifestações que infestaram o Rio de Janeiro e o Brasil aconteceram, quando ainda sinto as vibrações daqueles dias reverberando em meu corpo.

Em maio de 2013, estava desempregada – entre o PPCAAM e o CRESSE – e retomando o trabalho no consultório, mas com muito tempo livre em que me dedicava também a inventar cursos sobre direitos humanos e autogestão, possibilidades de doutorado e vidas fora da cidade. Em junho, começam as manifestações.

Inicialmente, havia uma pauta específica contrária ao aumento das passagens de ônibus. Mas o volume de gente que se agregava aos protestos foi deixando claro que os vinte centavos eram nada além do estopim. Essas coisas a gente não prevê. Não há como explicar um acontecimento, quiçá controlá-lo.

**Então não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido (DELEUZE, 2007, p.34)**

Era algo impensável naquele momento e contexto político de uma agenda apinhada de grandes eventos no Rio de Janeiro: Copa das Confederações, Copa do Mundo, Olimpíadas e Jornada da Juventude. Para além do belo cartão postal vendido nas propagandas partidárias e midiáticas, conjugava-se uma série de práticas higienistas e eugênicas pela cidade no bojo da implementação de tais eventos. O dia a dia se resumia a obras inexplicáveis e intermináveis - como a derrubada do Elevado da Perimetral, a construção da Via Binário e a implementação dos BRTs<sup>10</sup> -, trânsitos infernais, mãos de ruas trocadas frequentemente, projetos de remoções de populações pobres de diversos espaços da cidade - como a Aldeia Maracanã, a favela Metrô Mangueira e a Vila Autódromo, que resistiram bravamente, inclusive confrontando diretamente a polícia. Na contramão disso, poucas melhorias quanto a graves situações de precariedade estruturais da cidade eram implementadas, como a mobilidade urbana, habitação, saúde e educação.

<sup>10</sup> Sigla para o termo em inglês “Bus Rapid Transit”, que corresponde a um transporte público feito por ônibus com vias exclusivas, visando rapidez no transporte, o que não necessariamente acontece.

Um cenário que se repete e reproduz na história, com políticas públicas assépticas desenhadas quase sempre no sentido de priorizar os já privilegiados.

Uma cidade com uma polícia reconhecidamente assassina, que mais mata no Brasil. Verdadeiras milícias - legalizadas ou não, mas acobertadas pelas próprias autoridades - que sitiam as ruas e a vida, ora públicas, e fazem desaparecer pessoas ou as arrastam pelas ruas até a morte.

## **Cadê o Amarildo?**

Mas ainda que com essa polícia, muitos pareciam não sentir medo, como se a instituição repressora do Estado, por natureza, perdesse seu status e se tornasse alvo de chacota.

O que tomou as ruas do Rio de Janeiro e do Brasil foi a revolta da população com esse modelo político. O país do futebol já não queria Copa do Mundo e isso era fortemente simbólico. Os cartazes pediam mais hospitais e escolas, pediam o fim da polícia militar, a gratuidade dos transportes públicos, o fim das remoções das populações pobres de áreas destinadas às obras para megaeventos, entre tantas outras pautas que foram emergindo ao longo dos dias de protesto.

Eram duas manifestações por semana, às segundas e quintas feiras, lotadas de gente. De estudantes a executivos que desciam dos prédios da Av. Rio Branco, de favelados a militantes de carteirinha, tinha de tudo ali. Eu vagava sozinha por aquela multidão e, estranhamente, me sentia confortável andando pelas ruas infestadas. Era chocante caminhar em direção à Candelária e encontrar aquele mar de gente reunida, me emocionava. Cada célula minha vibrava, mesmo que eu estivesse no mais absoluto silêncio, porque os corpos dos outros vibravam em mim, as vozes dos outros vibravam em mim, o sorriso e a solidariedade dos outros vibravam em mim. Era como se conhecesse todos, mesmo não conhecendo ninguém.

As praças foram inundadas por assembleias, encontros, debates, projeções, passeatas, intervenções. Sem falar nas depredações dos bancos, saques de lojas, pichações, pedras e coquetéis molotov pelos ares, trazendo uma paz indescritível a muitos que ali estavam. O caos era a brecha.

Alguma coisa mudou a ordem naqueles dias, quando os policiais militares ficaram encurralados dentro da ALERJ, quando fizeram o “caveirão” do BOPE – maior símbolo

de repressão nas favelas do Rio - dar a volta e recuar, quando arrancaram as pedras portuguesas (resquício da nossa história de colonização) do entorno do Paço Imperial e distribuíram nas mãos dos seus desconhecidos para partilhar formas de se defender e atacar.

Não era apenas a classe média branca que estava nas ruas, pelo contrário, tinha uma multidão que não tinha nem ligação direta com movimentos sociais, mas cotidianamente oprimida por essa polícia, por salários que não pagam os custos de vida em uma das cidades mais caras do mundo, pelos meios de transporte lotados a um preço inacessível, pelo trânsito infernal e diário, pelos juros dos bancos que roubam nosso dinheiro...

**As pessoas queriam enfrentamento, e não me refiro aos “militantes combativos” de sempre, mas às pessoas comuns. O discurso pacificador propagado pelos meios de comunicação já não encontrava ouvidos nem ecos. E o mais importante: a favela estava na rua, a periferia havia entrado em cena. (JOURDAN, 2018, p. 51)**

A tática black bloc se inaugurava no Brasil neste momento, com particularidades que só quem vive sendo alvo da polícia sabe como é, levando a mão do Estado a retroceder. Jovens destemidos e prontos para o embate se colocavam à frente da massa que se levantava na ocasião, devolvendo bombas de gás para a polícia e mobilizando o que fosse necessário para conter a violência do Estado.



Fonte: <https://veja.abril.com.br/politica/policiais-poderao-exigir-identificacao-de-mascarados-em-protesto/> (Foto 28/200)

Importante ressaltar que a repressão policial às manifestações foi também fundamental para que as ruas se inflammassem. Os vídeos feitos na hora, as transmissões ao vivo dos atos, contradiziam o discurso dominante que tratava os manifestantes como vândalos e propulsores do caos e da violência. As filmagens eram claras, os ataques começavam sempre da parte dos policiais, fardados ou infiltrados. As imagens de manifestantes feridos eram inúmeras e alimentavam a revolta popular.

***“Não acabou, tem que acabar! Eu quero o fim do polícia militar!”***

Havia também um clima de solidariedade comovente. Me lembro do espanto de ver estudantes da área médica sempre presentes com seus jalecos e prontos a prestar primeiros socorros a quem precisasse, carregando em suas mochilas leite de magnésia (bom antídoto aos efeitos do gás lacrimogêneo) e kits de primeiros socorros. As pessoas saíam de suas casas de madrugada para frente de delegacias, para levar vinagre e leite de magnésia àqueles que permaneciam até mais tarde com seus corpos à disposição para um enfrentamento mais direto com a polícia. As ruas traziam um ar viralizante e insone de ruptura e conspiração de outros modos de vida.

**... a alegria que emanava de cada momento, de cada gesto, de cada encontro jamais poderá ser retirada de nós. Quem faz a comida para mil pessoas? Quem assume a rádio? Quem escreve os comunicados? Quem catapulta pedras contra a polícia? Quem constrói uma casa? Quem corta madeira? Quem é que vai falar a seguir na assembleia? Não sabemos e não nos interessa: é uma força sem nome...**

**(COMITÊ INVISÍVEL, 2016 p.260)**

As fronteiras não eram mais as mesmas e na minha vida as conjugações entre psicóloga, militante e desempregada iam se configurando na possibilidade de experimentar esse processo intensamente.

***“Amanhã vai ser maior!”***

E sempre era. Era possível sentir o clima de adesão da população, mesmo quando víamos os papezinhos picados caindo das janelas dos altos edifícios no centro da cidade, enquanto ecoavam sons que até hoje entoam meus ouvidos marcados pelas melodias de “Fora Cabral<sup>11</sup>”.



Fonte: <http://www.midia1508.org/wp-content/uploads/2020/06/291630-970x600-1.jpeg>

A violência perpetrada em meu corpo foi sutil, perto de tantas outras. E por todos os meus privilégios, jamais achei que uma arma seria apontada para mim, como foi. Se há uma ideia de potência, aquela falada nas obras de Nietzsche e Spinoza, certamente as imagens que guardo destes momentos são a tradução visual do que entendo por isso. Ali nos tornamos o impossível que parecia existir apenas nos relatos sobre fatos históricos ou na fantasia do cinema e da literatura.

<sup>11</sup> Se referindo ao então governador do estado do Rio de Janeiro: Sérgio Cabral Filho. Importante ressaltar que em 2016 ele foi preso na Operação Lava Jato e tornou-se réu, ao longo destes anos, por corrupção passiva, lavagem de dinheiro, evasão de divisas, por chefiar uma organização criminosa que fraudou licitações e formou cartel na reforma do Maracanã e no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) das Favelas. Em 2017 foi condenado a 14 anos e dois meses de prisão. Em 2020, com novas condenações, as penas chegaram a mais de 280 anos de prisão.



Fonte:<http://jto.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2013/10/w2-brazilprotest-a20131024.jpg>

Mas um acontecimento é ingovernável. Em meio a todo esse contexto, começavam a surgir discursos desqualificadores dos movimentos que aconteciam nas ruas, inclusive por parte da esquerda institucional, que chegou a tratar os protestos como fascistas e a dedurar pessoas envolvidas com os atos. A dificuldade de ver a cidade se desterritorializar, as lutas perderem seus **LATIFUNDIÁRIOS** não foi suportada por muitos. Esquerda e direita comungaram desta narrativa que tratava as manifestações como desorganizadas, antidemocráticas, reacionárias e provocativas a um governo dito de esquerda.

Com o passar das semanas, dada a proporção dos acontecimentos, o Estado claramente se viu ameaçado e investiu no fortalecimento do aparato repressivo-policial, que se sofisticava a cada novo dia nas ruas enquanto a população reagia com pedras e coquetéis molotov.

Como desmobilizar tais manifestações senão trazendo novamente o medo para estes corpos em revolta? O jogo midiático, o Estado e os grupos político-partidários (ou associados a eles) temiam a institucionalidade que ali se rompia. E nas ruas, era justamente o medo que se esvaía.

Algumas pessoas que estavam nos atos foram ganhando rostos, nomes, mandados de prisão, e tiveram suas vidas expostas pelos meios de comunicação de todo o Brasil. Era preciso fabricar algozes para enfraquecer as manifestações. Muitos foram presos, violentados dos mais diversos modos, tiveram seus salários suspensos, foram culpabilizados por familiares, amigos e desconhecidos, tiveram seus contratos de aluguel ou trabalho rompidos, casas invadidas pela polícia, ficaram clandestinos, tiveram telefones grampeados, se suicidaram ou chegaram a pensar nisso, para citar alguns casos.

A primeira prisão foi de Rafael Braga, em 20 de junho de 2013, por portar uma garrafa de desinfetante da marca Pinho Sol, que foi tratado como possível coquetel molotov pela polícia, em uma perícia risível, não fosse a tragédia que o caso se transformou. Rafael sequer sabia o que era um coquetel molotov, mas era um alvo conhecido da polícia: um homem preto e pobre em situação de rua.

O clima insurgente permaneceu mesmo depois que os atos foram se esvaziando e, novas pautas surgiram, como nas greves de professores e de garis. Durante a Copa do Mundo em 2014, os movimentos se levantaram novamente.

Em 11 de julho de 2014, com clara intenção de minar o ato planejado para a final da Copa no dia 13 do mesmo mês, foram expedidos 23 mandados de prisão para supostas lideranças. Algumas delas pertencentes a organizações ligadas aos pensamentos marxistas-maoístas e anarquistas, majoritariamente. Parte foi presa na ocasião, outros ficaram foragidos e/ou procurados. O processo se desenrolou por cerca de 4 anos, quando foi expedida a sentença, ainda provisória<sup>12</sup>, que condenou todos os 23, de 5 a 7 anos de prisão por associação criminosa armada e corrupção de menores, dado envolvimento de dois adolescentes. Uma sentença sem mandado de prisão, deixando claro o intuito estratégico de dismantelar as manifestações através do próprio arrastamento do processo, mantendo, assim, restrições em relação aos envolvidos e a suas atividades políticas.

**... “o terror pela criminalização foi instaurado em nós.” (JOURDAN, 2018, p.70)**

E então, começo a me atentar para o que tais práticas de militância produzem nesses corpos. Ao mesmo tempo em que essas forças estavam em disputa, vai me chamando a atenção uma esquerda institucional e suas práticas conservadoras,

12 O Supremo Tribunal Federal anulou as condenações proferidas pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 2019, considerando ilegal a atuação de agente policial infiltrado entre os manifestantes.

funcionando próxima à lógica repressiva do Estado e, assim, não efetivando grandes rupturas com o instituído. Penso nos efeitos de uma militância que acaba por já não mais produzir movimento, mas cristaliza as formas de resistir que escapem ao *status quo* e às forças que garantem sua manutenção, como donos de uma verdade sobre o que seria lutar. Só que a revolta é a expressão da insubordinação e em 2013 pudemos ser insubordinados até mesmo a essas verdades.

Em meio a tais questões, por intermédio do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ<sup>13</sup>, começo a atender algumas pessoas atingidas pelas violências do Estado em relação aos atos de 2013. Assim começa a se constituir essa proposta de pesquisa, de um desejo de me aproximar dos efeitos que vibram ainda hoje das manifestações iniciadas em 2013 e que atravessam o fazer da clínica no acompanhamento dessas pessoas, e de problematizar os efeitos de algumas práticas de militância nesses corpos e nessas vidas – e em meu corpo e minha vida.

Essas forças que movimentaram a cidade do Rio de Janeiro e tantas outras no Brasil inteiro não se extinguíram, mas reverberam em encontros, atos e discursos, reverberam nos corpos que ali estiveram e produziram outros modos de estar na cidade, de ocupar os espaços públicos e privados, de pensar os movimentos políticos e suas possíveis formas de intervenção. Aquele sentimento de revolta ainda está em mim, como se a qualquer momento bastasse soprar uma brasa que o fogo acende novamente.

### ***Linha de cerol***

Um fio que anavalha meu corpo. Há sangue escorrido, pingado e cicatrizado entre meus poros. Duas semanas após o resultado da seleção do doutorado, recebo a notícia inesperada da minha gravidez.

Ao mesmo tempo em que lia sobre sociedades contra o Estado (CLASTRES, 1986), questionando minhas palavras de ordem e verdades supostamente estabelecidas,

13 O Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro (GTNM/RJ) é um movimento social fundado em 1985 por ex-presos do período da ditadura civil-militar brasileira e familiares de mortos e desaparecidos. Constituiu-se como um importante centro de referência sobre a memória desse período e se reconhece como um movimento que luta contra a tortura e a favor dos direitos humanos. O GTNM/RJ, com financiamento das Nações Unidas, promoveu por 23 anos (1991-2014), atendimento psicológico às pessoas que haviam sofrido violência de Estado, fosse durante a ditadura civil-militar ou durante a democracia.

fazendo repensar todo discurso pró-Estado Democrático de Direito, minha barriga crescia.

Nos primeiros meses, ficava muito enjoada. Quase todo fim de dia tinha vômito e melancia parecia me aliviar um pouco. Carregava um pedaço de gengibre também na bolsa para suavizar o encontro com os cheiros. Estranho como coisas tão habituais e prazerosas neste momento eram quase tóxicas. Dentre elas, o cheiro do desodorante do pai da minha filha quando chegava do trabalho.

Conforme os enjoos iam se tornando menos frequentes, os seios iam mudando, o risco na barriga ia aparecendo, a dificuldade de subir escadas ia aumentando. Os chutes e mexidas na barriga eram extraordinários e ver o bebê pela tela do ultrassom também. Junto com tudo isso, vieram também os grupos maternos nas redes sociais, a discussão feminista com muito mais evidência e o olhar para os machismos tão naturalizados a meus olhos.

Foi um período de criação de novos territórios existenciais, de uma nova casa, de um novo formato de relação, de novas leituras, de novos traços pelo corpo... Ia acompanhando com prazer e estranhamento todo aquele percurso de transformações. Havia uma pessoa em mim, que não era eu. Tinha momentos que parecia uma experiência quase alienígena, em outros soava perfeitamente natural.

O parto foi uma experiência animalésca, de um modo que eu jamais tinha vivido. Havia um clima de amor muito intenso, alinhavando meus berros aos sorrisos entre as contrações. Cocô, vômito, tampão mucoso, jazz, cochilos de um minuto, dor de cabeça, pedido de anestesia, a luz na cabeça daquelas mulheres em torno de mim, as mãos que me seguravam por trás. Ela veio depois de 18 horas em trabalho de parto. Era uma menina e ganhou o nome de Madalena.

Os dias e semanas que se seguiram foram tão fora de qualquer ordem, que não conseguiria relatar, mas fecho meus olhos e lembro claramente da sensação boa de cheirar a cabeça e o corpo daquela bebezinha com cheirinho de quem tinha saído da minha barriga. Passei esse tempo entre a recuperação do parto, o princípio do aleitamento e a vontade de lambar a cria. Havia sempre uma música ou cantiga de fundo, entoando calmaria em meio ao caos.

*Minha jangada vai sair pro mar...*

Conforme Madalena foi começando a sustentar a cabecinha dela, a ganhar tónus, claramente eu ia perdendo o meu, enquanto me encontrava com a solidão de ser mãe. As amigas que eu achava que sempre estariam perto, ficaram mais distantes. O então companheiro não voltava para casa depois do trabalho porque não tinha depois do trabalho.

Parecia que era fundamental sorrir para os outros. Não tinha espaço para estar triste quando se é mãe de um bebê. Muita gente simplesmente não compreende. Foi se desmontando muita coisa no meu entorno: iminência de uma separação, minha mãe adoeceu, a recém casa que não sentia ser minha, a ruptura com minhas parceiras de clínica, mudança de consultório, adaptação de Madalena na escola, ganhando menos do que as contas que chegavam...

Um desmoronamento de coisas difíceis de revisitar toda vez que relembro. O custo foi muito alto. Desde a gravidez até hoje, passando pelo parto, meu corpo habita o mundo de outra maneira. A chegada de Madalena trouxe muitas coisas, dentre elas um esgotamento, um corpo-soldado e também uma intensiva abertura, ambigualmente (ou não). Novas conexões foram necessárias e também muitas rupturas.

**CORPO-SOLDA DO**

**COR DO SOLDADO**

**COR POR-DO-SOL DO SOLDADO**

**SOLDADO CORPO**

**SOL DADO**

**SOLDA DO CORPO**

Ao mesmo tempo em que os territórios que eu tinha construído se desfaziam, se compunha um outro inédito e movediço. Ser mãe forjou em mim a existência de um corpo que eu não conhecia. Começava a me encontrar com os processos de constituição das práticas machistas de forma muito intensa, pois as identificava em minha casa, em minha história e em minha vida. Revisitei minhas memórias. Refizeram-se as lembranças que já existiam, mas com outros afetos e compreensões.

A maternidade em mim, portanto, traz um inevitável e um intolerável. Um modo de existir como mulher pautado por uma relação de afinamento com esse lugar histórico e socialmente construído, que se atualiza em meu cotidiano. O corpo da Madalena hoje

é, em parte, o meu de antes, por onde percorrem discursos e direcionamentos sobre ser, sentir e pensar, sobre sua relação com o corpo, a beleza, o cuidado, os afetos. Um lugar no mundo que é constituído nas sutilezas do cotidiano, especialmente, nas medidas do exercício do controle e do cuidado sobre seu corpo. Desafios gigantescos que já não passavam despercebidos, me fazendo transitar entre o que seria uma criação mais libertária e o que era possível na rotina da minha vida.

Foi insuportável permanecer em um relacionamento em que todas essas questões emergiam cotidianamente, havendo pouca escuta e companhia para uma experiência que para mim só parecia possível se fosse coletivizada. Me senti intensamente solitária e os territórios que iam se construindo pareciam instáveis demais para colocar os pés.

Cada pequeno enfrentamento se tornou a criação de uma política de vida. E me via, frequentemente, entre um corpo que se desmancha e um corpo enrijecido por uma militância feminista. Fui devorada pelos afetos que me sustentavam nesse lugar de luta e que tornaram possível não enlouquecer em um dia-a-dia como trabalhadora autônoma, mãe de uma criança pequena, doutoranda, professora e vivendo um processo de separação. Muito lentamente comecei a entender o motivo de se ter forjado o termo mãe solo, com tristeza. Na minha geração e classe social, muitas mulheres mães se sentem sozinhas, mesmo as casadas ou as que compartilham a guarda e visitação dos filhos com seus ex companheiros.

O olhar para as miudezas do machismo não tem volta. Meu corpo se tornou e se torna um soldado em muitos momentos. Quando isso acontece, escuto em minha cabeça o barulho de carregar uma arma com alguma constância, como um desejo de apertar o gatilho em alguma direção. O ódio, a raiva e a fúria, que me tomam cada vez menos frequentemente, promoveram deslocamentos nesse percurso, mas também me aprisionaram na dor do ressentimento. Mas foi uma questão de sobrevivência - necessária.

Já havia habitado esta forma-soldado, quando trabalhava no PPCAAM e também no CRESSE. Mas com a emergência das questões que constituíram esta pesquisa acerca das práticas de militância, havia feito um movimento de olhar para minhas durezas e também de desconstruí-las de alguma forma. No entanto, a experiência de me sentir assolada e ter minha vida desmontada num contexto tão delicado, me fez remontar a essa forma-corpo. E escrevo ainda sentindo vibrar algumas aflições, hoje menos intensas.

No ensejo desse processo de tantos movimentos, seria inviável não falar do que foi meu encontro com as mulheres nesse caminho. São muitas as que andam ao meu lado,

seja dos grupos virtuais, blogs, amigas pessoais, especialmente aquelas que são também mães e que puderam viver comigo o desmanche, o despejo, os berros, as lágrimas. Fui aprendendo a apostar numa rede composta fio a fio e hoje celebro com ela os movimentos possíveis até aqui. Escrevo com todas elas, buscando senti-las a cada palavra. Dou passagem a esses afetos como forma de encontrar brechas e respiradouros nos mares de lama que experimentei, seja em minha vida, seja na escuta de tantas outras mulheres.

Madalena também foi se tornando uma companheira nessa jornada, trazendo potência, colo, respiro e sorrisos. Ela escreve esse texto comigo, entremeando palavras com seus chamados, sua rotina, suas brincadeiras, sua alegria viralizante, sua gargalhada, seus abraços espontâneos, seu amor. O que me faz, por vezes, experimentar uma temporalidade mais lenta, inventar e me conectar com outras forças constitutivas - possíveis e indispensáveis.

Com o passar do tempo e com a imposição de uma necessidade voraz de remontar alguma vida, vou também buscando meus prazeres e respiros para além da maternidade, apostando no trabalho da clínica, nas experimentações com arte, com o corpo, com meu corpo. Ampliando desejos, dançando encontros, pensando coisas impensáveis antes. Decomposição e recomposição – esta última certamente mais porosa.

Não mais poderia falar da militância sem visitar sua existência em mim, entre durezas comumente inevitáveis e os exercícios de liberdade que pratico cotidianamente nas invenções sobre o que é ser mãe de Madalena como uma dimensão da minha existência e uma composição que só pode estar ENTRE.

## Carta de suicídio

É preciso desatar os nós que me cortam a circulação para sujar a escrita e o papel branco. São engargalos que por ora parece que me sufocam e por ora provocam a tosse que me faz expelir alguma coisa, tropeçada, gaguejada, desalinhada.

### *Nó 1 – academia e o saber colonizado*

É difícil escrever, pois como fazer da escrita a estética da própria coisa sobre a qual digo sem ter que explicar em palavras? Como fazer de um texto a própria morte? Páginas cortadas? Papéis dançantes? Letras em caravanas?

O primeiro nó passa pela minha relação com a academia. Há anos ela me habita. Passei a vida a estudar, considerando a escola, vestibular, faculdade, mestrado e doutorado. Além de ter sido professora substituta durante o período do doutorado também. Mas é de muito pouco tempo para cá que entendi o que alguns autores já me diziam anos e anos atrás. Se os conceitos são ferramentas (DELEUZE, FOUCAULT, 1990), frase que aprendi e usei sistematicamente na minha vida acadêmica e profissional, é porque é fundamental fazê-los funcionar, maquinar algo. Senão, são apenas palavras vazias.

O que um conceito aciona quando leio sobre ele? Menos a impecabilidade de ser precisa no uso do termo, mas experimentar ser, por exemplo, rizoma, nômade, pirata. Sentir o endividamento no bolso, o capital correndo nas veias, a ansiedade pelo consumo de um objeto desejado, admitir nosso desejo de poder e nossa dificuldade de operar por meios menos autoritários e hierárquicos, praticar resistências na vida cotidiana.

Acho que eu cansei da academia, de ler e escrever dentro dela. Sinto a necessidade de fazer operar essas coisas para além de suas cercas, na maioria das vezes imateriais. Não quero falar sobre práticas libertárias pois tem me interessado mais vivê-las, me contaminar por elas. Por ora, parece que estou em Rojava<sup>14</sup>, mas permaneço no Rio de

<sup>14</sup> Rojava é uma região autônoma no norte-nordeste da Síria ocupada pelo povo curdo. Também é conhecida como o Curdistão Sírio, onde vem se implementando desde 2012 um sistema de Confederalismo Democrático baseado na democracia direta, na equidade de gênero e na sustentabilidade. A região é protegida por exércitos, dentre eles o YPJ (Yekîneuên Parastina Jin), que se trata de uma Unidade de

Janeiro, inventando formas de tornar meu corpo e minha vida a pesquisa que me interessa fazer. Mas, então, como escrever uma tese com este afeto que me toma o corpo? Um desafio, a começar por falar disso.

Esses dias pensei sobre minha morte. Sem qualquer peso ou dor ao pensar sobre isso, afinal, me parece que já morri algumas vezes aqui mesmo nesta existência. Mas talvez pela primeira vez tenha sentido de uma forma viva e encantadora a minha própria finitude. Sem aqueles familiares arrepio e aperto no peito, vislumbrando bons encontros com aqueles que posso reconhecer como meus aliados. Entre comidas, charutos, vinhos, frio, almoços ao sol do inverno, fantasiei esse momento que não sei quando será. Lembrei-me do filme “As Invasões Bárbaras”<sup>15</sup>, que assisti quando tinha uns 17 anos, e que tanto me marcou. Era um pouco por aí que me peguei querendo mais viver que falar sobre viver. Uma sensação de comunidade temporária (KRENAK, 2018).

Afinal, venho pensando, a que/quem serve discutir intelectualmente as insurreições? O que movimentam *lives* ou congressos sobre potências, resistências, protestos, quando estas palavras servem mais aos intelectuais que às ruas? Que usos temos feito de nossas palavras, de nossos estudos, de nossos saberes? Será que funcionam no sentido de amortizar as revoltas?

Quero engolir e digerir o indigesto sobre mim. Por vezes me vejo no lugar instituído das totalizações, das frases de efeito, das explicações excessivas e das narrativas lineares. Pois, então, me desafio a escrever mesmo que me sentindo esquisita, tentando compor a escrita e a vida, em um ensaio coreográfico que possa, em alguma medida destituir a academia em mim.

## ***Nó 2 – Mastigar minha ancestralidade***

Mastigo, mastigo e tem horas que a carne parece dura e indigesta.

Cresci ouvindo sobre as origens franco-suíças, espanholas, portuguesas e italianas de meus nomes e ancestrais. Quando pequena, soavam como anedotas curiosas sobre

Proteção das Mulheres, isto é, uma organização militar composta por mulheres curdas que consegue frear a expansão do Estado Islâmico na localidade.

<sup>15</sup> O filme (2003), com direção de Denys Arcand, trata Rémy, um homem com câncer terminal, e que, nessas condições, vive encontros e conflitos com velhos amigos, sua ex mulher e seu filho.

minha família, mas hoje percebo que me davam um lugar no mundo bastante claro e permeado de privilégios. Desde a maneira como meus professores, desde a infância, reagiam a meus sobrenomes, como o jeito que minha própria família tratava esse assunto, com grande importância e ares de nobreza, ficava muito evidente a importância que as pessoas no meu entorno davam a esse tema.

Famílias com brasões, donos de terras, fazendeiros, com heranças abastadas e disputadas e bastante orgulho de suas origens europeias. Eu escutava muito que na Europa as coisas eram muito organizadas, que ninguém jogava lixo na rua e as pessoas não atravessavam quando o sinal estava aberto, mesmo que não viesse nenhum carro. Lá estava o referencial da ordem, da segurança, das “coisas” que funcionam, dos governos coerentes, das políticas humanistas e dos direitos garantidos. E eu me identificava com esse modo de vida que eu nem conhecia, fabricando em mim um olhar sobre o Brasil muito corretivo. De certa forma, o recado que me era dado, era de que eu tinha muito mais de lá do que daqui. As referências latino americanas surgiram mais tarde, na adolescência ou mais quando já estava na faculdade.

### *“Saiba se comportar como uma Lacaiz”*

Sempre frequentei (as) casas grandes, com mesas compridas e almoços fartos, empregadas domésticas de uniforme que dormem nas suas patroas, parentes que fazem viagens constantes para o exterior. A normalidade parecia essa.

Nunca vi uma preta retinta trabalhar na casa da minha avó paterna ou minhas tias. Eram sempre mulheres de pele mais clara, em seus uniformes azuis e de avental. Retirando a comida e os pratos da mesa em grandes bandejas prateadas. Tinha também a lavadeira que ia lá buscar a trouxa de roupas e por vezes algumas coisas vinham trocadas. Ter empregada doméstica era o padrão.

Mas eu vivia em uma casa em obra, inacabada, no interior e não viajava a não ser para o Rio e Guaratinguetá, achava que o ideal de vida era esse modelo e que alguns de meus tios e primos viviam, mas que se contrastava também com a minha realidade.

### *“É preto, mas é limpinho”*

Fui crescendo com essas histórias, que não cessavam no passado, mas que se perpetuavam em recomendações sobre como eu deveria me comportar, o que era certo e errado fazer para uma “moça de respeito”. Ouvia que não se deve morar em prédio que tem comércio embaixo porque pode abrir um bar e ser “mal frequentado”, nem na zona norte porque é perigoso. Tinha que contar quantos apartamentos tinham por andar, porque quando são muitos é prédio que não presta. De apartamentos pequenos, então, nem se fala! Andar sozinha na rua era sinônimo de querer se colocar em risco, bem como sentar em um quiosque da praia era querer aparecer. Cada roupa precisava ser pensada para que não parecesse que estava me “oferecendo”. Esse ar moral sempre esteve muito presente sobre meu corpo, minhas relações, minha maneira de ver o mundo.

Em 2012 tirei minha cidadania italiana e passei a ter dupla nacionalidade, em função da minha ascendência materna. Não falo uma palavra de italiano, mas me imaginava morando lá. Sempre pensava em viajar ou morar na Europa. Para minha surpresa, quando fui, as pessoas atravessavam sim a rua com sinal aberto para os carros e havia pichações pela cidade, pessoas nas ruas pedindo dinheiro. Me lembro claramente da imagem, eu sentada no metrô de Paris ao sair do aeroporto, com o trem bem mais velho que os do Rio de Janeiro, ao som de um músico tocando uma sanfona e pedindo dinheiro e eu vendo as pichações no muro pelos trajetos. Um choque. Apesar disso, me lembro de gostar mais das cidades que eram menos certinhas, que mostravam suas rachaduras e pinturas descascadas com o tempo. As casas antigas e castigadas, onde se via uma vida mais próxima de mim, talvez. Ou apenas o interesse pela vida com suas nuances, cores fortes e plantas se entremeando nos tijolos e construções. Berlim foi um espanto, descobrir que em plena capital da Alemanha havia uma cultura de deixar garrafas de cerveja pelo chão, muitos pixos e grafites pelas ruas, bem diferente da França.

***“Está parecendo uma empregadinha com essa roupa”.***

Foi nas viagens que fiz pela América Latina, em congressos durante o mestrado, é que fui entendendo alguma coisa diferente a respeito disso tudo e problematizando essa relação com a Europa. Comecei a olhar para minha história e meus ancestrais de maneira diferente e me perguntar o que havia de Estado Colonial em mim. Está no meu inconsciente quando percebo que jamais me relacionei com homens ou mulheres pretas. Está no meu nojo de comer a comida da escola pública que estudei. Está no meu modo de julgar as coisas e pessoas segundo meus próprios critérios. Está nos parâmetros que

crio sobre o que é fazer uma boa tese. Está na minha escrita quando totalizo e universalizo questões. São os nós que me travam os dedos e a garganta.

### **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

#### *avô-calango*

*Leio as primeiras páginas do livro. Tonteada por um não entendimento do motivo daquela indicação, vou seguindo numa leitura superficial até que encontro um recorte velho de jornal, bem pequeno, escrito: "São demais os perigos desta vida/ para quem tem paixão, principalmente. Versos de soneto do corifeu". Um pequenino recorte feito pela minha avó materna, que gostava de anotar ou recortar tudo aquilo que a tocava. E enfiava entre os livros ou em caixinhas pelas suas estantes. Morreu em 2011, mas ainda sinto sua presença nas coisas miúdas. Minha vó era gente que catava pedaço de coisa na rua porque achava bonito e guardava como jóia. Às vezes eram pedrinhas, às vezes pedaços de bijuterias arrebatadas e caídas no caminhar de outrem. Ela amava os cacarecos, os restos, guardava um monte de coisinha, de recortezinho, de bilhete, reportagens, coisas do Flamengo... Minha mãe contava que quando eu era bebê não ficava no colo dela de jeito nenhum, era só ela me pegar que eu berrava, mas no colo do meu avô, que quase não convivi porque morreu quando eu era muito pequena, eu me acalmava rapidamente. Sempre estranhei essa história, porque minha vó era das pessoas que eu mais amava e com quem mais me sentia acolhida. Talvez com ela eu tenha aprendido pela primeira vez que a vida está para além dos padrões impostos, quando me explicou por que ela e meu avô tinham camas de solteiro no quarto e não uma cama de casal. O armário dela era, para mim, um grande universo de coisas incríveis. Tinha sacos com fotografias antigas, caixinhas de contas de colares e lantejoulas, estojos de coisas antigas, borrachinhas coloridas, roupas e sapatos acessíveis a mim. Podia brincar com tudo. Ela também conversava com os bichos. Na piscina da casa dela, tinha uma fresta entre a grama e a borda, onde morava um lagarto, que ela chamou de Calangotango. A gente ficava da janela do quarto dela olhando o lagarto comer o ovo ou a carne moída que ela colocava para ele. Minha avó inventava*

nome para tudo que era bicho, era ótima nisso. Foi ela quem deu os nomes dos primeiros cachorros que tive, quando me mudei para Miguel Pereira, com cinco anos. Cantava com os passarinhos, molhava as plantas todas, sabia tocar piano e criava músicas para nós. Quando lembro, até respiro com a memória o tempo dela, devagar. Ela era boba, alegre, adorava música e ler. Achei esse recorte no meio de um livro da Virginia Woolf, que ela amava. Minha avó só vestia calça e era ela que andava comigo, quando eu tinha mãos pequeninas, pela rua de terra e me deixava pacientemente pegar pedras, pedaços de plantas e explorar a areia. Caminhava comigo lentamente pela estrada, enquanto eu apreciava o mundo ao meu redor por fora da cerca da casa. Por fora da cerca. Lembro até hoje do tchau que me dava sempre, fazendo graça, e eu imitava do carro. Lembro também de um outro tchau, o último, quando me fez questão de dizer que me amava ao telefone, coisa nunca dita, mas sempre sentida, sem nenhuma dúvida. Morreu dormindo, na minha cama. Logo depois me deitava lá pensando o que será que ela tinha visto por último, sentido por último, pensado por último. Talvez uma bobagem de quem fica. Ela que me ensinou que ser mulher não era usar maquiagem ou saia, que brincava de bola quando criança e tinha os cabelos curtos, que não fazia questão de luxos ou presentes, que não era impecável com a casa, que amava pastel, salpicão, empadinha, risole, presunto e fazia para mim escondido pastel de vento com açúcar e canela. Que apareceu viva anos depois de morta em forma de esperança, na parede do quarto (futuro meu quarto) no dia seguinte ao do teste de gravidez positivo. Era ela, tenho certeza, não podia ser mais ninguém a aparecer em forma de bicho nesse dia para me dizer esperança. Para que eu não esquecesse meu nome e o seu. Ela, tantas vezes devir-bicho, que me ensinou a derivar, a não ser dura, a brincar mesmo cheia de cabelos brancos (que eu os tenho muito mais precocemente que ela), a andar descalça na rua, brincar com toda a gente sem distinção, me ensinou a subir em árvore, a pegar fruta do pé, a andar no mato espantando cobra, a cuidar de planta (essa eu só estou aprendendo mesmo agora)... Tenho a lembrança viva de cada canto da sua casa, como se pudesse entrar lá sempre que quisesse, visitar o banheiro de louça amarela (sua cor favorita e a minha também) e branca, os quartos que foram

*meus dormitórios, a sala de jantar, o colo à noite no sofá enquanto ela assistia TV e eu queria dormir e não conseguia. Dormia tarde e eu achava isso tão transgressor! O portão também amarelo... Vou saindo por ele, lembrando da varanda com piso rachado, da rede, da cobra que quase pisei, do batente que ela sentava para me olhar brincar no jardim. Fico imaginando se estivesse viva o que me diria, como seria conhecer minha filha, saber que sou mãe. Uma saudade sem fim, eu sinto, mesmo sabendo que sua existência pulsa em mim.*



Fonte: Acervo pessoal. Avó-calango no quintal de casa.

### *Nó 3 – Pandemia e confinamento*

**a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

***FALTA DE AR EM 2020***

***ÁGUA PODRE NAS TORNEIRAS. GEOSMINA. COVID-19. PANDEMIA. CONFINAMENTO. USA MÁSCARA. SAI DE CASA. NÃO SAI. BRINCA. TOMA***

**BANHO. ÁLCOOL GEL. LAVA A LOUÇA. GRIPEZINHA. #FIQUEEMCASA. MANIFESTAÇÕES PRÓ INTERVENÇÃO MILITAR. AUXÍLIO EMERGENCIAL. PANELAÇO TODO DIA. BATE PALMA PARA OS MÉDICOS. NÃO BATE. ACAMPAMENTO DOS 300. SAI MANDETTA. ENTRA TEICH. SAI TEICH. COZINHA. QUEM ENTROU MESMO? SAI MORO. PRONUNCIAMENTO SEM MÁSCARA. #FIQUEEMCASASEPUDER. TROCA NA PF. LAVA A LOUÇA. RESPIRADORES CHEGAM CLANDESTINAMENTE. LIMPA A CASA. REUNIÃO MINISTERIAL. PASSAR A BOIADA. PRENDE SARA WINTER. ESCOVA A GATA. QUEIROZ ENCONTRADO. VERTIGEM. MAMÃE, VAMOS BRINCAR? PERAI, MADALENA. 80 TIROS. TODO MUNDO COM PERFIL ANTIFASCISTA. NÃO, DESFAZ. MIGUEL ESTENDIDO NO CHÃO. SAI WEINTRAUB. LEVANTE ANTIRRACISTA. TORCIDAS PRÓ DEMOCRACIA. BOLSONARO CONTRA CONTROLE POR GPS. ESQUERDA PRÓ CIÊNCIA ACIMA DE TUDO. ESSA MÁSCARA. NÃO, ESSA. DENÚNCIAS. 1984. COZINHA. REABRE. NÃO REABRE. FAZ TESTE. NÚMEROS DE MORTES. UTIS LOTADAS. COLAPSO. NARIZ ESCORRENDO. MEDO. IMPEACHMENT. EMERGÊNCIA. LAVA LOUÇA. NÃO DETECTADO. GEOSMINA DE NOVO. INSÔNIA. PERAI, MADALENA. ESCREVE. PRAZO. VACINA. TOMA! NÃO TOMA. TOMA! CPI. VOTO IMPRESSO. PFF2. LULA 2022. (...)**

Nos primeiros dias, ainda achando graça, falava que se a coisa ficasse muito sinistra, eu venderia coisas, compraria uma caminhonete e ocuparia uma casa no interior. Plantaria minha comida, criaria galinhas e faria um reservatório de combustível, lembrando de cenas de filmes pós apocalípticos já assistidos. Imaginava um mundo distópico, como se eu fosse sair do apartamento um dia e encontrar um cenário desolado. Não sabia ainda quanto tempo duraria tudo isso, muito menos tudo que atravessaríamos.

Com o passar das primeiras semanas e o constante adiamento da reabertura das coisas, fui começando a entender que não poderia ficar trabalhando apenas pelo celular e sentada em qualquer lugar porque não era tão provisório. Sirenes passavam velozes pela rua principal, que não enxergo do meu apartamento, de fundos, soavam apitos que não sabia de onde vinham, pegávamos sol de manhã num pedaço do sofá, painelaços todo dia

à noite interrompiam atendimentos e via notícias do *front* pelas redes e canais de informação. Os meses iniciais foram assim, com dias consecutivos dentro de casa, saindo muito pouco, ouvindo barulhos de fora sem saber o que eram, sem ver a rua, sem mover meu corpo direito. Acumulavam-se dores no joelho, na coluna, um cansaço preocupante e dores de cabeça mais frequentes. As saídas semanais para levar e buscar Madalena na casa do pai tornavam-se um respiro. Cada ida ou volta me sentia estranha fazendo esse caminho, circulando pela cidade, como se cada coisa que eu olhasse eu não visse há anos. E a cidade parecia mesmo um pouco distópica, vazia, abandonada...

Quando Madalena não estava comigo, trabalhava atendendo muito, com horários apertados e subsequentes, até a exaustão. Eram dias em que sentia muita ansiedade, um nervoso de estar horas seguidas na frente de um computador ouvindo, sem outras interações, a não ser mediadas também pelos aplicativos de conversa ou pelas vídeo chamadas. E por mais ajustes que eu tentasse fazer na cadeira, na tela, no fone, essa ansiedade tomava meu corpo como uma inquietação incessante, uma vontade de sair correndo nua e descalça pelas ruas à noite. Nunca o fiz, não por falta de desejo ou impulso, mas por não conseguir levantar do sofá depois.

Com Madalena não me sentia dessa forma, pois passava o dia me mexendo nas brincadeiras que inventávamos ou cuidando das nossas necessidades domésticas, como a limpeza da casa, feitura da comida, lavagem de roupa e louça, montagem de móveis, instalação de cortinas, arrumações sem fim. Afinal, não havia muito tempo que tinha me mudado. Apesar disso, ainda eram dias mais prazerosos pois tinha uma companhia que eu podia encostar, abraçar, apertar e rir junto. Para conjugar todas essas coisas, a televisão também ficava horas ligada nos desenhos, coisa que fui me habituando a deixar correr mais solto do que me agradava antes.



Fonte: acervo pessoal. Rosi e Meri, bonecas que Madalena tratou de se relacionar como irmãs ao longo da pandemia, tomando café conosco, ao sol matinal no canto próximo ao sofá da sala.

O cansaço estava sempre presente, independente dos dias. Parecia que nunca podia parar, sempre com coisas a fazer da hora que acordava até a hora de dormir. Tive dias de chorar de exaustão.

Os fins de semana quinzenais sozinha eram a única possibilidade de maior descanso, de diminuir o ritmo, de dormir um pouco mais (coisa rara, mesmo sem despertador ou filha), de ver um ou outro filme e estudar um pouco, quando ainda tinha corpo para isso. Era quando saía de casa para passar algumas noites na casa do meu namorado e de lá podia ver o céu estrelado, um horizonte mais amplo, ouvir o baile funk na favela, comer algo que ele fizesse para nós e não me preocupar tanto com os assuntos domésticos.

A ansiedade me formigava o corpo e um dia decidi sair para ver um pouco a cidade, passar em lugares que não ia há tempos, ver o mar. Ao sair de carro comecei a me

sentir enjoada porque me dava vertigem ver as coisas passando rápido pelos meus olhos. Me emocionei de olhar aquele sem fim e sentir o cheiro da maresia, mesmo que só passando pela rua. No fim, fomos até uma praia bem distante e conseguimos dar um mergulho e voltei me sentindo bem melhor. No caminho, a rua me dizia algumas coisas...



Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada neste dia do passeio em São Conrado/RJ em junho de 2020.

A tese estava sempre presente em meus devaneios solitários ou não, como se meu pensamento fosse deslocando pequenas pedrinhas do lugar enquanto ia vivendo esse cotidiano. Um feijão brotando, fazer pé de moleque, furar a parede, consertar a pia da cozinha, olhar o vento lá fora, sentar no chão da área para pegar sol no inverno tomando café após o almoço... tudo isso era também sobre fazer a tese, sobre deixar minhas células se encharcarem de pensamentos nômades. Já que meu corpo podia sair muito pouco do lugar.

Panelas ressoavam pelas janelas vizinhas e Madalena queria bater uma também gritando: “fola bolsonaioooo”. Quando gritavam “fora família” ou “fora genocida”, ela queria corrigir gritando que não era isso, era “fola bolsonaio”, com bastante indignação. Eu mesma nunca consegui gritar, pois me parecia não ter tanto sentido. Para além dos

panelaços, em alguns dias, ouvia também um piano ou uma flauta, ou as maritacas agitadas sobrevoando os prédios e as árvores. Mas duro mesmo era o silêncio e a saudade. Meses se passando e eu era só saudade dos abraços, dos meus amigos, dos cafés no meio do dia, de escutar música no ônibus a caminho do consultório, de tomar café na padaria, das festas, dos encontros inusitados...

Várias vezes achei que tinha contraído o vírus. E era difícil lidar com o sentimento de poder adoecer gravemente, mesmo entendendo que eu não fazia parte do grupo de risco e que as probabilidades eram pequenas. O medo de morrer, de deixar minha filha me tomou em alguns momentos e depois fui ouvir sobre o quanto esse mesmo afeto era coletivo na escuta de outras mães.

Enquanto tudo isso acontecia, eu estranhava também os pedidos de *lockdown*, de escolas fechadas, as *hashtags* e apelos para ficar em casa em tom de ordem. Impressionante como desejamos o sacrifício e poder sobre nós, sem pensar modos e soluções mais amigáveis e singulares. Esse tom moral me incomodava muito.

Sem muito recurso para contrapor os argumentos dominantes, eu ficava achando que pedir mais dureza também não poderia ser bem uma solução porque sabia que quem seria reprimido não seria eu por passear no aterro, mas que não falta pretexto para autoritarismos e fascismos de toda ordem e de todos os lados. As celebrações de gente sendo reprimida pela polícia me chamava muita atenção pois explodiam como gozos. E nem precisava da polícia propriamente dita, pois as pessoas ocupavam este lugar muito bem, julgando e controlando os demais.

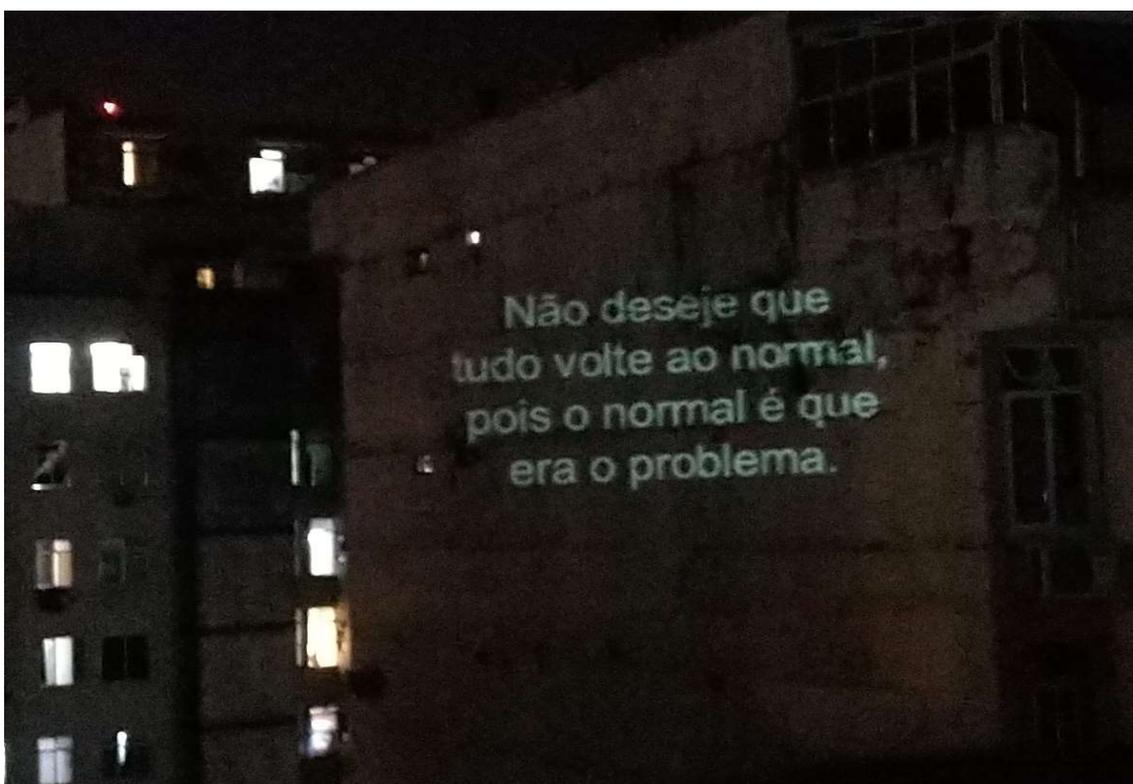
Estranhei novamente quando, na iminência de um possível levante preto, muitas vozes diziam que não seria o momento, que a ida às ruas para protestar fortaleceria o governo e o discurso bolsonarista, apaziguando assim aquela força de revolta. Apaziguar é um verbo muito comum às práticas da esquerda institucional.

Aos pouquinhos, alguns amigos ou clientes iam compartilhando timidamente as brechas que vinham criando em suas experiências, mas sempre permeado de muitas justificativas, mesmo que eu não questionasse absolutamente nada. E era nesses relatos que eu sentia que tinha algo de disruptivo em relação à pauta que hegemonicamente estava ordenando a vida. Afinal, havia um constrangimento em expor um encontro com

alguém ou mesmo uma saída para arejar. E era nessas minúcias que ia percebendo os efeitos do controle sobre nossos corpos.

Quando começamos a flexibilizar encontros foi um alívio. Pouco a pouco ter uma ou outra companhia para mim e Madalena. Ver ela brincando com outra criança me emocionou. E isso, não tenho dúvidas, foi vital para nós duas. Os encontros são vitais e a virtualidade condicionante do momento não supria nossas necessidades.

No momento em que o governo do estado autorizou o retorno de atividades presenciais nas escolas, decidi que ela iria e fui questionada se não estava me alinhando com o discurso bolsonarista e negacionista a respeito dos riscos da COVID-19. Como se o debate a respeito da educação pudesse caber nesta polarização sobre abrir e fechar escolas, isentando-se novamente na história de se discutir os modelos educacionais vigentes hegemonicamente ou protocolos de segurança para reabertura.



Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada por mim de projeção feita no bairro do Catete/RJ durante os primeiros meses de pandemia.

Nos acostumamos a confinar. Os loucos, os criminosos, os doentes há séculos conhecem essa como a estratégia do poder sobre seus corpos, disfarçada, obviamente, de organização e disciplinarização da sociedade. Agora pedimos confinamento, pedimos

repressão aos que não a cumprirem, pedimos monitoramento de todos, pedimos vacina obrigatória... Observo com inevitável desconfiança.

É de um lugar muito privilegiado que governantes decidem, que elites decidem, que intelectuais decidem o que é o melhor para todos. De um lugar de muita arrogância e de muito pouca escuta sobre a singularidade dos modos de vida existentes em um país de dimensão continental e com segmentos sociais tão discrepantes. A universalidade das medidas e leis tratam dessa amplitude superficial e pasteurizada sobre a vida, anulando a diferença e os dizeres contra-hegemônicos.

*Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2020.*

*Filha,*

*Passaram-se meses e quanta coisa aconteceu!*

*Seguímos sem sua escola e quase nenhuma outra criança para brincar. Sua alergia no braço piorou, mas eu passo o creme todos os dias várias vezes para te incomodar menos quando está comigo. Fico preocupada com o tanto que você tem gostado de doce e sobremesa e também com o tanto que tem roído unhas e peles dos dedos.*

*O confinamento foi e está sendo uma experiência bastante difícil, mas você quase não reclamou dela e até chegou a dizer no início que ficar em casa também era bom. Me surpreendi muito com sua porosidade, de fazer caber brincadeira nos interstícios do dia, dos afazeres, do isolamento. Depois fui entendendo que, apesar de estar a maior parte do tempo alegre e querendo brincar, você também estava sentindo a saudade, o desejo de andar descalça no terreno da escola, a falta que te faz seus amigos tão queridos. Apesar disso, sinto que estamos mais próximas e que você tem se tornado uma gostosa companhia. Sinto muito sua falta quando está distante e os dias mais difíceis são os que fico sozinha e trabalhando.*

*Não sei se você se lembrará quando crescer, mas essa semana uma de suas grandes amigas não quis muito falar com você por vídeo chamada e desligou o telefone sem dar tchau. Ela já está cansada de ver as pessoas através de uma tela. Você tentou insistentemente ligar de volta, sem ser atendida. Eu tentei te explicar, com minhas palavras de adulta, que, às vezes, as pessoas não querem falar e que tudo bem. Você começou a reclamar de tudo, ficou muito irritada, não me deixava terminar de escrever uma anotação e eu perdi a paciência. Eu também estava cansada. Quando falei "Chega!" você começou a chorar aos prantos dizendo que estava com saudade da sua amiga. Acho que nunca tinha te visto chorar daquele jeito, por amor. Aquele choro sofrido depois de mais de 5 meses sem ver pessoalmente sua amiga tão querida. Mas senti que você chorava ali todas as saudades, toda a chateação de só ter adultos para brincar, todas as despedidas da casa do pai e da mãe. Te abracei e minha blusa se encharcou de lágrimas. Fui sentando no chão e te colocando no colo enquanto você soluçava. Ficamos ali por uns 20 minutos e pensei como é gostoso sentir esse colo quando a gente está sofrendo assim de saudade e amor. Lembrei de todos os colos que ganhei na vida e fiquei muito feliz de poder te acolher naqueles longos minutos ao chão do banheiro. Vazou, filha, transbordou o que precisava transbordar e que não havia encontrado saída nesses meses todos. Depois disso, você estava mais leve e eu também. Aquele colo foi para mim também.*

*Ser sua mãe vem sendo um infinito sentido criado em nosso encontro, entre um amor que eu nem sei descrever, broncas, irritações, muitos beijos, abraços, cosquinhas, reclamações, colos, lágrimas, joelhos ralados, preocupações, gargalhadas antes de dormir, histórias repetidas e muitas descobertas que fazemos juntas.*

*Temos partilhado segredos em brincadeiras, mas um que nunca pensei em te dizer é que ainda te olho dormindo porque me acalenta te ver serena e ao meu lado. Em noites muito*

conturbadas, seguro sua mãozinha, ainda pequena, para me dar coragem.

Percebo o quanto você cresceu e assentou vários entendimentos sobre o mundo nesse tempo. Me pediu muito um irmão ou irmã, falamos várias vezes sobre isso, você inventava nomes, colocava a mão na minha barriga e perguntava se tinha bebê. Eu te dizia que não. Ainda assim, você insistia que algumas casas tinham mais de uma criança para brincar e você não. Realmente, e isso partia meu coração a ponto de eu até pensar nessa possibilidade e fazer contas mentais para sondar comigo mesma se daria conta.

E todo esse contexto trouxe à tona o tema da separação entre mim e seu pai. “Mãe, por que vocês “desnamoraram”?”, “Eu quero que vocês morem juntos de novo!”, “Quando a gente morava com a vovó era mais legal porque assim eu tinha com quem brincar quando você faz o almoço”. Sua frustração com isso apareceu intensamente nas suas falas e às vezes nos choros também. Espero ter conseguido te acolher.

Nesse período, você aprendeu a andar de bicicleta e tem sido incrível te ver pedalandando nas calçadas esburacadas mesmo que de máscara. Aliás, você se adaptou à máscara sem grandes reclamações e fica com ela quando saímos sem causar grandes problemas, o que para mim é um alívio, apesar de ser meio desolador. A gente arrumou um monte de coisa em casa, você me ajudou a montar móveis, trocar lâmpadas, furar parede, pendurar coisas, limpar a casa e arrumar seus brinquedos. Nossa casa tem mais verde, mais bolo e mais louça também (que puta que pariu, que inferno lavar isso tudo, mas outro dia você até se ofereceu para lavar e eu deixei um pouquinho. Foi ótimo!). Plantamos feijão, colhemos e comemos eles com alegria! Você comeu seu primeiro hambúrguer, sua primeira moqueca e seu primeiro esqui-bon. Reinventamos brinquedos esquecidos, criamos brincadeiras, bonecas se tornaram grandes amigas, mariposas, alunos, filhos, bebês, monstros. Muitos lobos e jacarés apareceram em nossa casa e sua cama se tornava avião ou barco com cinto de segurança e tudo! Você começou a aprender a tocar uma música no seu

teclado! Fizemos bateria com tampas de panela (coitados dos vizinhos) e você gritou “folá Bolsonarooooo” da janela algumas noites por vontade própria. Teve carnaval com confete e serpentina no seu quarto, ao som de Patrulha Canina em looping. Acho que dancei mais que você.

Ao mesmo tempo acho que nunca falei tanto “perai” na vida porque conciliar seu desejo de brincar comigo com as tarefas domésticas, minhas aulas, trabalho, etc, não foi e nem tem sido fácil. Depois de muito papo você até tem brincado mais sozinha e é bonito te ver criando outros mundos e realidades imaginárias com personagens que te fazem companhia quando eu não posso. Rosi e Meri tiveram um lugar especial ao longo destes meses. Duas bonecas de pano que se alguém disser que são bonecas você fica brava, são suas amigas/irmãs, junto com Cebolinha, seu irmão imaginário também: suas grandes companhias e que circulam para todo lado contigo e têm personalidades próprias, fazendo com que você mesma possa ser tantas e tantas outras...

E assim, vamos seguindo nessa jornada esquisita desse ano, eu tentando não me angustiar tanto com isso e me divertir mais na sua companhia. E tem sido mesmo divertido e enlouquecedor ao mesmo tempo, mas que bom que você está aqui.

*Beijos da sua mãe,*

*Ale.*

#### ***Nó 4 - os excessos espetaculares e o silenciamento***

Piscou, é um flash.

Me sinto perdendo de vista muitos casos, coisas e fatos. Ficando para trás diante dos amigos que aparentam estar tão bem informados, que viram todos os vídeos, leram todos os tweets e reportagens, que estão em dia com as leituras filosóficas e literárias. São

incontáveis acontecimentos que atordoam o pensamento. Não dá tempo de sentir e elaborar um evento e logo surge outro e de forma cada vez mais veloz nos noticiários e redes sociais, especialmente no campo da política institucional. Será por que me tornei mãe?

Na pandemia essa sensação se intensifica. Os encontros antes presenciais se tornam *lives* e podcasts que, pelo fato de poderem ser acompanhados de casa, parecem ainda mais inescapáveis. Os protestos incessantes se resumem a textos e imagens nas redes sociais, polarizados entre a ode ao amor ou ao ódio, esvaziando outros fazeres políticos, outras políticas de criação. É muito.

- Viu isso?

- Leu aquilo?

- Está sabendo disso?

A memória me sabota e... **PANE.**



Uma clara estratégia de poder. Me pergunto de que todo esse arsenal nos distrai. O Estado continua intacto. Funciona a todo vapor independente de que governo entra e que governo sai. Suas engrenagens letais não cessaram nem por um minuto. Nem com Covid, apesar do Supremo<sup>16</sup>, como sempre foi. Segue moendo corpos enquanto nos debatemos – sem sair do lugar – sobre os dizeres das figuras que ocupam os lugares

<sup>16</sup> O Supremo Tribunal Federal determinou a interrupção de incursões da polícia militar do Rio de Janeiro nas favelas durante a pandemia, ainda assim, o caveirão e as balas perdidas seguem visitando sistemática e cotidianamente as periferias, dando seguimento à “normalidade”.

instituídos do poder, independente de que posicionamento tenham. Gozamos com suas falas catárticas e seguimos o jogo instituído, conseguindo raramente produzir alguma prática disruptiva.

**“Se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis” (SARAMAGO, 2006, p.16)**

A brancura luminosa nos cega, a brancura luminosa dos holofotes fascistóides nos atordoia. As pessoas se perdem fazendo críticas ao “absurdo”, em uma lógica de oposição, reativa, ressentida, deixando quase nenhum espaço para algo que escape disso.

Nesse contexto, ser de esquerda parece ter se tornado estar conectado e a par de todos estes acontecimentos e pronto pra fazer o próximo “textão-crítico” nas redes sociais, onde se afirma a existência dessa forma: sempre alerta, sempre informado e sempre com uma opinião.

Durante esses anos em que ruminei a pesquisa, a esquerda institucional se mostrou claramente mais lacradora, punitivista e moralista, acentuando o que já era seu posicionamento, antes mais velado. Ao invés de questionar o sistema carcerário, celebra prisões de seus inimigos; ao invés de afirmar a destituição de relações de poder e hierárquicas, pautam o empoderamento como forma de luta; ao invés de abolir a polícia, enaltece sua “humanização” e reforma; ao invés de trazer para suas próprias práticas o enfrentamento ao racismo e ao patriarcado reproduzem tais formas de opressão cotidianamente, silenciando diferenças que não coadunem com seu modelo de pensamento. Modelo-decalque.

Pois me parece que prefiro, diversas vezes, o silêncio. Em meio ao excesso de gente sabendo o que dizer, o que fazer, para onde ir, ficar quieto soa como uma resistência em muitos momentos. É preciso tempo para pensar, digerir e tenho evitado dizer mesmo o que penso.

Apesar disso, não quero tornar o silêncio uma opressão sobre mim mesma porque, comumente, tenho vontade de gritar! Afirmar meu lugar de fala, minha experiência como forma política de escrita é um desafio. Parece que meu texto perde legitimidade e fico capturada por isso. Como se só fosse significativo algo que pudesse ser dito a partir de

um lugar instituído da Ciência (tão aclamada em tempos pandêmicos<sup>17</sup>), e/ou como se precisasse me proteger das óbvias críticas que me povoam a cabeça. Eu mesma a crítica, no caso. Um anzol sempre ali presente, mas que nem sempre o vejo ou nem sempre o percebo, e que é uma armadilha colonial-patriarcal-estatal em mim.

<sup>17</sup> A feitura desta tese teve como atravessamento a pandemia ocasionada pelo vírus nomeado como COVID-19, durante os anos de 2020 e 2021. Os efeitos disso estarão presentes no texto explicitamente ou não, constituindo as análises construídas aqui.

## Platô 2 – A esquerda institucional e o Estado

Rio de Janeiro, 20 de junho de 2020.

Félix,

Que saudade! Fazem muita falta os encontros em carne viva. Em meio a essa pandemia, tenho pensado muitas coisas. Não à toa escrevo a você, buscando alianças nesse mundo de vídeo conferências e confinamento. Não consigo olhar para tudo isso sem estranhamento. Me incomodam os dizeres e posicionamentos imperativos sobre a verdade e a Ciência. Mas que bom contar contigo para pensar outras ciências e outras verdades sobre a vida.

Quería muito partilhar que acho que finalmente entendi o que Deleuze falou naqueles vídeos do abecedário sobre ser de esquerda. Demorei para compreender do que ele falava, pois me parecia um discurso meio individualista em alguns momentos. Repeti o vídeo milhares de vezes até ouvir diferente aquelas mesmas palavras. É mesmo uma questão de percepção e não uma essência, um trabalho, um título ou algo para estampar em camisas. Tem a ver com uma posição no mundo.

Me lembrei imediatamente de uma reportagem em que se falava do exército de mulheres curdas em Rojava e tinha algumas entrevistas com elas. O que havia feito com que se engajassem em uma guerra armada? As respostas eram todas viscerais, como uma condição de sobrevivência lutar para que seu povo não fosse mais exterminado. Um modo de vida mais autônomo em diversos aspectos, desde a abolição da ideia de Estado até o reposicionamento nas questões de gênero. Não havia ali nenhuma fala via palavras de ordem que reconhecemos globalmente como do campo da esquerda. Era outra coisa.

Ser de esquerda passou a ser para mim, então, quando diversas mulheres, muitas sem qualquer ligação com algum movimento social, saem de suas casas no meio de uma

pandemia e se instalam de pé na frente de um hospital para garantir que uma criança, estuprada pelo tio durante 4 anos, faça um aborto aos 10 anos de idade. Ser de esquerda não é ser contrário ao Bolsonaro, isso jamais poderia definir o que é ser de esquerda! Já que através disso nos enrijecemos tanto que já nem sabemos como tecer práticas éticas.

Não tem nada a ver com sacrifício, esta ordem cristã horrenda que habita nossas células sem pudor, nem com a salvação de ninguém, muito menos com um projeto político que passe por um Estado, se ele é o grande operador do sacrifício, do cansaço, da ansiedade, da depressão, do sentimento de fracasso, da culpa, do heroísmo, da meritocracia, do silenciamento e da morte. É muito grave que, de 2015 para cá, no meu consultório e de tantos outros colegas próximos, os casos de tentativa de suicídio, de pessoas fazendo uso de medicamentos psiquiátricos e daqueles que vêm se machucando/mutilando tenham crescido tão vertiginosamente. Um sentimento de impotência, de inadequação, de perda de sentido na vida, no mundo, nas relações passou a aparecer com uma frequência voraz. Me arrisco a dizer que a opressão e a repressão forjadas pelo Estado de lá para cá vêm produzindo essas subjetividades zumbis, com as quais me deparo na clínica. Afinal, já diziam as pixações: “não era depressão, era o capitalismo”.

A potência viralizante de estar nas ruas, construindo organizações e modos de vida que rompem com o *status quo*, mostra o quanto a vida estampada nas vitrines e telas é pobre e triste. Essa ideia de que é só isso que existe, que não tem saída, captura o que quer escapar, que disso transborda. Esse transbordar são as linhas de fuga, entendi isso melhor recentemente também.

Ser de esquerda, nessa perspectiva, seria a atualização de uma linha de fuga, em determinada circunstância, tempo e local. Não existe ser de esquerda como ideologia, a priori de suas práticas no mundo, esse é o maior erro do intelectual, achar que seu discurso basta quando nas demais esferas da própria vida é um tirano. Uma professora tirana não pode ser

de esquerda. Um namorado tirano não pode ser de esquerda. Isso quer dizer que jamais poderíamos tratar a esquerda como uma natureza, mas apenas como um posicionamento ético no mundo.

Nesse sentido, fiquei me perguntando se conheço alguém de esquerda. Sem purismo de achar que existe um modo mais verdadeiro de vida que outros, mais legítimo (discurso, aliás, fascista que permeia a esquerda institucional), mas entendendo que se trata de um exercício e de um anzol, que por vezes nos fisga pelo estômago ou pela boca. A esquerda institucional não tem visão planetária, fica ali na sua localidade, disputando seu quinhãozinho da herança colonizadora do Estado.

Falando com você, e sabendo das alianças que temos nos modos de pensar, não me preocupo com as vírgulas. Sinto até a respiração ficar mais calma por poder dividir pensamentos que me povoam nas noites sem sono. Nestas horas, fico olhando os rizomas que se expandem como milhares de finos braços pela minha sala, saindo do vaso da samambaia, que eu nem sabia que era composta por esse modo-raiz. Elas não param de crescer e eu não sei o que fazer com elas, se corto ou se deixo habitarem minha prateleira, livros, tv e o que mais alcançarem. Acho graça que estejam aqui me ensinando mais do que conceitos e livros sobre seu funcionamento e sua resistente capacidade de se conectar e multiplicar.

Bom, mas fora meus devaneios sobre jardinagem e filosofia, inevitáveis nesse confinamento, minha vontade de te escrever passa não só pela saudade e pelo desejo de compartilhar isto tudo que já escrevi acima. Mas também para falar que a moral presente nas trocas que tenho tido com pessoas no meu entorno tem me emudecido e que venho me sentindo muito sozinha. As conversas me entristecem um pouco, quando vejo as mesmas frases sendo repetidas e a dificuldade de rompermos com essa lógica polarizada que se constituiu de 2014 até aqui. Sinto falta da diferença, aquela presente em 68, em 2013... E não à toa, te escrevo hoje, vinte de

junho, rememorando aquele dia na Av. Presidente Vargas e o cerco na Lapa.

Passei dias engasgada. Dias ouvindo sobre medo nos atendimentos e lidando com meus próprios temores em relação ao vírus, ao contágio, à morte. Acho natural que eu e tantos outros tenhamos nos encontrado com esses afetos, obviamente. O desconhecido e a finitude são desafios na nossa existência ocidental. Mas tem um elemento a mais aí que foi me deixando assim, sem palavras.

Passei anos da graduação estudando sobre a emergência do pensamento científico na Modernidade, lendo a respeito da crítica à própria psicologia científicista e sua necessidade histórica de reconhecimento como Ciência, como forma de poder e controle sobre as pessoas. Foucault fala disso muito também, você sabe. Eu nunca vivi um momento histórico em que houve tamanho enaltecimento da Ciência como verdade absoluta, discurso esse proferido por aqueles que se entendem, especialmente, como da esquerda institucional.

Quando Bolsonaro associou as Universidades à balbúrdia, fiquei abismada com meus colegas defendendo a comunidade acadêmica mostrando fotos de pessoas em laboratórios e vestidas de jalecos, quando a gente luta para abrir espaço na Universidade justamente para outros discursos e saberes. Uma defesa absolutamente moral, como se não pudéssemos afirmá-la como território social e de balbúrdia sim e a importância disso nas nossas formações e na desconstrução justamente dos estereótipos hegemônicos.

Essa mesma comunidade científica, em muitos momentos durante a pandemia, deu previsões catastróficas sobre a Covid-19 baseando-se em estatísticas infundadas com intenção clara de alarmar a população e deixá-la com medo. Em muitos momentos se posicionou de forma fascista, com discursos delirantes e até terroristas. O que é isso senão controle? O que é isso senão o contrário de resistência?

Uma moral entranhada em nossa pele, em nosso fígado, em nossos ouvidos. Não acho que conseguiremos viver sem ela,

*mas ando com o olhar sobre ela, sem distinção de lugar ideológico. Essa moral castradora por todos os lados. A moral-salvadora-cristã-verdadeira.*

*Pior é não conseguir trocar com os pares, como se estranhar isso fosse corroborar com as atitudes da presidência. Mas não quero falar do governo, nem de governo algum. Fico pensando só nas saídas e atalhos que transversalizem esse período histórico marcado por uma polarização violenta entre uma suposta esquerda e uma suposta direita. Senão, seguiremos falando o mesmo, para os mesmos.*

*Nem sei se você vai receber bem essa carta ou se vai encontrar esquisitice em minhas palavras. Mas acho também que a gente precisa parar de ficar buscando uma conciliação, um discurso único, que pacifique as coisas. Tanta violência em nome da pacificação, não é mesmo? As coisas são fragmentadas, a diferença está aí. Nessas horas percebo o quanto temos medo da diferença e como isso captura a todos. Porque ela não é bonitinha, não tem a ver com direitos nem com respeito à diversidade. É outra coisa. É caótica e desconfortável. E a ideia de um pensamento mais homogêneo não passaria, assim, pela dominação de uns sobre outros? O consenso é uma ingenuidade (ou uma outra violência?).*

*A existência de um Estado brasileiro é a própria ideia de uma unidade falaciosa, uma identidade que não comporta toda a diferença étnica, política e ética existente por aqui. Não seria mais fácil que vivêssemos como os próprios indígenas viviam/vivem? Em aldeamentos que existiriam por afinidade, por aliança? Mais devaneios que não consigo evitar.*

*Pode parecer utópico pensar sobre isso. Mas eu vivo de impossíveis porque é neles que respiro.*

*Me responde, preciso conversar, tá?*

*Beijo, Ale.*



Fonte: <http://streetartrio.com.br/tag/stencil/>

*Escuto “Feeling Good” com Nina Simone cantando. Sua voz vai entremeando minhas palavras e o som do piano invade minhas células e só sinto arrepios. Falar do amor ao Estado me dá arrepios.*

Às vezes sinto saudade de crer no Estado. Sinto falta do conforto que me trazia concordar com as pessoas no meu entorno e fazer coro à luta por direitos e políticas

públicas. Dá uma sensação de inclusão e comunhão. Mas hoje, mesmo que eu queira, não consigo mais.

Quando escuto discursos em defesa de tais políticas sem problematizar (ou mesmo problematizando) o quanto elas efetivam um vasto controle sobre nós, percebo que em mim algo dobrou uma esquina. Ouço estas falas como ecos nos corredores de instituições mofadas; me deprimem.

Meus ouvidos vêm desejando outras palavras, outras apostas, outros mundos. Exige-se imaginação fértil e persistência, pois é muito veloz a captura. Mesmo assim, o pensamento e a vida insistem no dissenso.

Questionar a existência do Estado e suas práticas de governo beira dizer algo proibido ou dantesco, tamanha sua naturalização. Que dirá questionar a democracia! Aqueles que o fazem estão suscetíveis à fogueira digital ou social (o que hoje em dia é quase a mesma coisa), já que ela permanece abolindo a diferença ao longo dos séculos.

Pois, queimemos...



Fonte: <https://itsgoingdown.org/wp-content/uploads/2015/02/Molotov-Nikos.jpg>

Eu fico me perguntando por que nos implicamos tanto em disputar um modelo de controle sobre nós. O desejo deseja mesmo coisas muito estranhas. Como é que podemos desejar governos mais ou menos progressistas quando todos eles são modos de nos governar?

**Governar é conduzir os comportamentos de uma população, de uma multiplicidade que é necessário vigiar, como um pastor com seu rebanho, para maximizar o potencial e orientar a liberdade. É, portanto, levar em conta e modelar seus desejos, suas formas de fazer e de pensar, seus hábitos, seus temores, suas disposições, seu meio. É pôr em funcionamento um conjunto de táticas, de táticas discursivas, policiais, materiais, de atenção minuciosa às emoções populares, às oscilações misteriosas; é agir a partir de uma sensibilidade permanente à conjuntura afetiva e política de modo a prevenir tumultos e rebeliões. [...] garantir o domínio sobre o rebanho. Em suma, é manter uma guerra – que nunca terá tal nome nem aparência – em praticamente todos os planos pelos quais se movimenta a existência humana. Uma guerra de influência, sutil, psicológica, indireta (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 80).**

Deste ponto de vista, muda muito pouco entre um governo e outro. Do ponto de vista da favela ou do presídio eu diria que nada. Entra governo, sai governo, continuamos sem reforma agrária, com fome e miséria, com escolas caindo aos pedaços e um modelo de educação conservador, com hospitais e unidades de saúde sem pernas para atender toda uma população e com condições precárias de trabalho, com tanques das forças armadas ou caveirões nas favelas do Rio de Janeiro (mesmo na pandemia), arquivos da ditadura não abertos, maior número de mortes de jovens pretos da história; no país com uma das constituições mais progressistas do mundo. A crença no Estado, na democracia e nas leis não nos renderam as garantias pleiteadas pelos movimentos sociais, tão importantes na construção da constituição de 88 (atual carta magna brasileira).

É comum que essa fé nos habite, ela também me habita. Como se somente através de um Estado, seus governantes e direitos garantidos em lei pudéssemos alcançar a liberdade de acesso a moradia, escolas, programas de saúde, respeito à diversidade de gênero... Mas e se o Estado e sua organização é que inviabilizam que isso aconteça? Afinal, o aparelho de Estado se caracteriza por desacelerar movimentos, capturar, se apropriar, conservar e monopolizar.

**Capturar não é só se apropriar, é fundar o monopólio do Estado despótico, sua tripla posse de direito da totalidade da terra, da totalidade do**

**trabalho e da totalidade do dinheiro. O aparelho de captura é circular por definição: e, de uma maneira geral, o Estado procede essencialmente segundo um modo de circularidade concêntrica e pela colocação em ressonância dos centros em torno dos quais esses círculos se formam (LAPOUJADE, 2015, p.240).**

A esquerda institucional tem seu pleito totalmente baseado na premissa de que disputar e ocupar cargos no Estado poderia construir um governo mais “humano”. Cesaire (2020), vai nos ensinar que esse pensamento humanista, surgido na Europa em meados do século XVI serviu justamente para as mais nefastas práticas violentas durante as expedições colonizadoras nesse período. Cortavam-se orelhas, amarravam mulheres e levavam aos seus capitães, incendiavam aldeias com crianças dormindo em suas camas. Tudo isso com o suporte de um discurso intelectual que tratava o humano como o semelhante ao homem europeu. O preto africano não era humano pois não era semelhante. O mesmo nas colônias da América, com as populações indígenas, também massacradas e escravizadas. Nesse sentido, um Estado mais humano seria um contrassenso, visto que “humano” foi a categoria utilizada explícita ou implicitamente para o extermínio histórico e até os dias de hoje dessas populações.

O próprio PPCAAM é um excelente analisador dessa questão. Enquanto trabalhei no Programa, cansei de ver os tanques das forças armadas na estrada, ao longo do Complexo da Maré. A cara do extermínio estampada em um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro, executando majoritariamente pessoas pretas e pobres sem grandes questionamentos do restante da população. Forças armadas do governo federal em ação militar dentro da cidade do Rio de Janeiro. Enquanto isso, eu supostamente trabalhava na proteção a esses mesmos meninos que viviam na mira do fuzil, eu financiada pelo mesmo Estado. As cerca de dez famílias atendidas não davam conta nem jamais dariam de evitar as crescentes taxas de homicídio de jovens pretos, mas gera uma espécie de cortina de fumaça sobre o tema, como se visibilizasse que o Estado promove ações de combate à violência sobre esta população.

Dez anos depois, esses meninos continuam sendo alvejados, mas agora incluíram as crianças na mira, que a cada mês viram capas de jornais das periferias ou notas esquecidas da imprensa. Como é possível consentir que haja um programa de proteção a crianças e adolescentes ameaçados de morte, financiado pelo governo federal, quando é o próprio Estado e seus esquadrões que assassinam essas mesmas crianças?

O que dizer, ainda, sobre a chacina no Jacarezinho, ocorrida em maio de 2021, no meio da pandemia? Ou sobre a chacina da Candelária ou a de Vigário Geral, ambas ocorridas em 1993? Me faltam palavras para todo o horror e todo o sangue derramado nas vielas e becos das favelas no Rio de Janeiro.



Fonte: [http://ep00.epimg.net/brasil/imagenes/2014/03/30/album/1396205399\\_006677\\_1396205542\\_album\\_normal.jpg](http://ep00.epimg.net/brasil/imagenes/2014/03/30/album/1396205399_006677_1396205542_album_normal.jpg)

Outro analisador para discutir esse tema, é o período de governo do Partido dos Trabalhadores, seja com Lula ou Dilma ocupando a presidência. Ou melhor, antes, quando para se eleger, o PT se transforma naquilo que combatia (JOURDAN, 2018), pois não chegaria ao poder se não angariasse fundos e acordos com o capital, com as elites dominantes e também com seus opositores. Durante o governo petista, de 2002 a 2016, apesar de uma série de políticas reconhecidamente progressistas, como a implementação de cotas para negros, alunos de escolas públicas e indígenas nas universidades públicas e a criação do Bolsa-Família, fez uso disso para a manutenção do *status quo*. Nesse esteio, vale o questionamento quanto à possibilidade de um governo de esquerda, visto que o governo seria a forma ou a imagem do ANTI-REVOLUCIONÁRIO, contribuindo com o apaziguamento das lutas.

Tivemos 14 anos de um governo dito de esquerda e isso não fortaleceu a luta social.

O PT foi terrível para a luta no campo, não fez sequer a reforma agrária prometida, foi terrível também para os indígenas, para os quilombolas, engessou os sindicatos nos quais tinha inserção, apoiou as UPPs nas favelas, paralisou o MST, criminalizou os movimentos sociais, inclusive assinando a lei anti-terrorismo... Serviu sim para calar os movimentos sociais e colocá-los a serviço de um projeto de manutenção do poder como um fim em si mesmo (JOURDAN, 2018, p. 101-102).

Compreendo o que meus colegas e amigos dizem quando afirmam ainda as brechas possíveis de serem inventadas na aparelhagem estatal, por meio de políticas públicas e das disputas presentes no seio de sua institucionalidade, mas eu não posso crer nessas brechas na medida em que elas me impedem de imaginar outros mundos possíveis, outras formas de funcionamento tangíveis, sem a necessidade de um Estado.

**A que necessidade responderia desde então a existência de um Estado, uma vez que sua essência – a violência – é imanente à divisão da sociedade, já que é nesse sentido, dada antecipadamente na opressão exercida por um grupo social sobre os outros? (CLASTRES, 1986, p. 142).**

A única conclusão que consigo tirar disso é que não se trata de uma brecha, mas de um artifício de manutenção do próprio Estado. Implementar algumas políticas desse tipo tem como efeito esse feitiço (SCHEINVAR, 2009), de crer que basta abrir mais espaço, ocupar mais, colocar mais pessoas “qualificadas”, de segmentos minoritários ou “bem intencionadas” nos cargos do governo para garantir esse tal Estado supostamente mais “humano” e “participativo”. Esse feitiço atordoa, contribuindo para que a crença seja renovada, mesmo diante de tantas atrocidades. E é impressionante como esta estratégia é eficaz, pois toda vez que oportunizo essa problematização, as expressões e comentários que recebo em troca são justamente de que eu falo de uma utopia ou relativizações que defendem ainda sua existência.

### ***Estado em nós, capitalismo e consenso***

Quando trato aqui de pensar a questão do Estado, não me limito a falar apenas de sua face institucional. Nesta tese, faço a leitura de que ele existe em duas dimensões: macro e micropolítica. Ambas jamais estão separadas e coexistem alimentando uma à outra. O Estado como forma de governo sobre nós atua nestas duas dimensões, isto é, como modelo de organização jurídico-político-social que, desde a crise do feudalismo,

emerge como aparato fundamental para o nascente capitalismo; mas também atua de maneira capilarizada, reproduzindo sua lógica em nossas formas de pensar e viver.

O aparelho de Estado não é apenas aquela instituição localizável, organizada em seus grandes estabelecimentos governamentais, facilmente reconhecível. Sua produção não é apenas material, mas também subjetiva e, dessa forma, se distribui em linhas finas que nos compõem com o intuito de aprimorar suas tecnologias de governo. Ou seja, o Estado também nos habita. Portanto, não se trata de uma natureza, não existe *a priori* das práticas que o produzem e nem é uma entidade separada de nós.

**O Estado é desejo que passa da cabeça do déspota ao coração dos súditos, e da lei intelectual a todo sistema físico que dela se desprende ou se liberta. Desejo do Estado, a mais fantástica máquina de repressão é ainda o desejo, sujeito que deseja o objeto de desejo (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 294).**

Falo de ambas estas dimensões de maneira indissociada pois é dessa forma que as vejo. O Estado em nós só existe na medida em que o próprio Estado enquanto instituição passou a fazer uso de nossos inconscientes como instrumento de poder. E é nessa medida que encontro uma afinidade entre as leituras libertárias e o pensamento de Guattari e Deleuze quando tratam de pensar o Estado como um modo de funcionamento burocrático, geométrico, planejado, lento, sedentário e moral. Isto é, o Estado jurídico-político-social fez uso de uma estratégia de propagação de seu modo de funcionamento em nossos inconscientes, colonizando-nos em prol de sua própria existência e conservação, como subjetividades-zumbis a seu serviço. Sua dimensão micropolítica quer dizer que o Estado também se apresenta em **MODOS DE ESTATIZAÇÃO** que atravessam e compõem os processos de subjetivação dominantes em nossa sociedade. O fato da crença no Estado ser quase imune a problematizações é efeito disso.

*O Estado não se define pela existência de chefes, e sim pela perpetuação ou conservação de órgãos de poder. A preocupação do Estado é conservar (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p 19-20)*

Sendo assim, o Estado não é uma abstração, ele é real e concreto e se atualiza em nossos corpos voraz e intensamente. Também não é exclusivamente um modelo jurídico-político de governo sobre nós. E destituí-lo passa por desterritorializar verdades, mesmo

aquelas que ingenuamente achamos não postular certezas sobre o mundo. A começar por aquelas sobre nós mesmos.

*Com efeito, a forma-Estado ganha algo de essencial ao desenvolver-se assim no pensamento: todo um consenso. Só o pensamento pode inventar a ficção de um Estado universal por direito, de elevar o Estado ao universal de direito. É como se o soberano deviesse único no mundo, abarcasse todo o ecúmeno, e tratasse apenas com sujeitos, atuais ou potenciais. Já não se trata das poderosas organizações extrínsecas, nem dos bandos estranhos: o Estado devém o único princípio que faz a partilha entre sujeitos rebeldes, remetidos ao estado de natureza, e sujeitos dóceis, remetendo por si mesmos à forma do Estado (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 46).*

E este consenso é fundamental para a manutenção do capitalismo desde sua emergência até hoje. É preciso um grau de **ASSUJEITAMENTO** muito refinado para manter um modelo de exploração por tanto tempo. *Tornar-nos sujeitos de direitos, sujeitos como uma amálgama cristalizada sobre os modos de ser, pensar e viver. Pois, como nos governar senão nos fazendo ATESTAR FÉ sobre a ideia de Direito Universal?*

*O Estado, inicialmente, era esta unidade abstrata que integrava subconjuntos que funcionavam separadamente; agora, está subordinado a um campo de forças cujos fluxos ele coordena e cujas relações autônomas de dominação e subordinação ele exprime. Ele não mais se contenta em sobrecodificar territorialidades mantidas e laçrilhadas; deve constituir, inventar códigos para os fluxos desterritorializados do dinheiro, da mercadoria e da propriedade privada (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p.293).*

Os fluxos desterritorializantes do capital só puderam se manter assim e seguir expandindo horizontes territoriais e imateriais, na medida em que havia a divisão política de Estados-Nação servindo à moderação dessas forças. O Estado regulamenta em cada território as ações e fluxos do capital. Dá crédito àquele que não pode comprar para que ele ache que pode comprar, a fim de que se sinta pertencente. Distribui misérias em forma de bolsas de estudos, bolsa-família, benefícios e aposentadorias para que achemos que o Estado nos restitui os impostos pagos. Constrói viadutos, derruba casas nas favelas, cria

mais estradas, “revitaliza” bairros, aparentando investimentos para melhorar nossa qualidade de vida, tirada por eles.

As alianças daqueles que vivem surfando nas ondas do mercado, dos donos dos grandes conglomerados agrários, religiosos, comerciais, educacionais ou empresariais com o Estado sequer são veladas. Vivem estampadas nas manchetes de jornais. Os interesses do mercado se alinham com as estratégias de governo do aparelho de Estado, chegando alguns a se candidatarem e ocuparem cargos no poder.

**O capitalismo sempre teve necessidade de uma nova força e de um novo direito dos Estados para se efetuar, tanto no nível do fluxo de trabalho nu, quanto no nível do fluxo de capital independente. Eis que os Estados não são mais absolutamente paradigmas transcendentais de uma sobrecodificação, mas modelos de realização imanentes para uma axiomática dos fluxos descodificados (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 165).**

E não apenas no capitalismo. Os Estados socialistas, extintos ou não, só conseguiram executar seu plano em oposição à ditadura do mercado, fazendo do Estado o grande monopolizador do poder. Sempre a tirania disfarçada de democracia ou não.

A questão é como naturalizamos sermos governados, já que nem sempre os processos de subjetivação foram dominados por essa premissa. Inúmeros saberes, modos de vida e organização social foram reprimidos ou abolidos (e ainda o são) em nome da **SUPREMACIA** da forma-Estado em suas alianças com o capitalismo ou com o socialismo.

Não à toa, formas de organização social que se contrapõem a seu modelo foram folclorizadas ou exterminadas ao longo da história, tendo raros exemplos dos que conseguiram resistir. Eram uma afronta e poderiam se espalhar, ameaçando não mais o soberano na figura do rei, mas o Estado como soberano modelo a ser reproduzido globalmente como estratégia de poder e dominação. Um Estado colonizador de terras e subjetividades. A fim de garantir sua manutenção, portanto, o Estado busca eliminar tudo aquilo que o ameaça em dimensões macro e micropolíticas. Afinal, “todos devem pertencer ao Estado” (FOUCAULT, 2015, p. 48).

Experiências como Canudos<sup>18</sup>, Palmares<sup>19</sup> ou o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto<sup>20</sup> foram brutalmente aniquiladas. As filosofias ubuntu, proveniente de povos africanos, ou de diversas etnias indígenas latino-americanas, que viviam na contramão de um projeto de poder (CLASTRES, 1986), mesmo tendo chefes e lideranças, são exemplos que quase desapareceram tamanha a efetividade de seu extermínio pela colonização religiosa e pela escravidão. Mesmo quando as retomamos, muitas vezes apenas na literatura ou na academia, é difícil assimilar tamanho nosso subjugo à ideia de que precisamos de alguém que nos governe e guie. Pois, é preciso afirmar que não são utópicas diversas experiências na história e no presente em que se viveu sem ou contra o Estado. Rojava e o Movimento Zapatista são claras expressões possíveis de recusa e de luta pela existência de outros modos de vida para outros povos nos dias de hoje.

**“Será que nunca faremos senão confirmar  
A incompetência da América católica  
Que sempre precisará de ridículos tiranos”<sup>21</sup>**

Portanto, cada instrumento de poder que atravessa nossos corpos desde que nascemos, faz parte de uma política sólida e insólita de controle sobre nós e que vem se transmutando ao longo do tempo, adaptando-se a cada momento histórico com novas tecnologias de poder. Somos governados porque nos tornamos governáveis pelo Estado e seus agentes. Dando a impressão de que não tem outra lógica possível, já que só conhecemos e reconhecemos essa.

<sup>18</sup> Canudos foi um pequeno arraial às margens do rio Vaza-Barris, onde Antônio Conselheiro, peregrino religioso, havia se assentado. Ali criou-se uma comunidade onde todos tinham acesso à terra e ao trabalho sem sofrer as agruras dos capatazes das fazendas tradicionais. No entanto, a iniciativa incomodou latifundiários da região e em três expedições militares ocorridas entre 1896 e 1897, Canudos e seus habitantes foram todos executados, mesmo aqueles que se renderam.

<sup>19</sup> Quilombo dos Palmares foi o maior quilombo da história brasileira, tendo sido local de moradia e resistência de negros fugidos da escravidão. Existem registros de sua existência desde o final do século XVI até o final do século XVII, quando o governo da região, após diversos ataques, consegue capturar seu líder, Zumbi dos Palmares, e executá-lo. Após tais ações, o quilombo não resistiu mais. O quilombo localizava-se onde hoje é o estado de Alagoas.

<sup>20</sup> Caldeirão de Santa Cruz do deserto foi um dos movimentos messiânicos que surgiu nas terras do Crato, Ceará. A comunidade era liderada pelo paraibano José Lourenço Gomes da Silva, mais conhecido por beato José Lourenço. José Lourenço era apadrinhado por Padre Cícero e, em uma terra arrendada, junto com outros romeiros, produzia frutas e cereais. Toda a produção era dividida igualmente. Sofreram diversos ataques de jagunços e, posteriormente, foram desalojados da terra arrendada. Pe. Cícero resolveu, então, acolhê-los em uma fazenda da região, onde continuaram os trabalhos. Era uma sociedade igualitária, em que cada família tinha sua casa e a produção era dividida, bem como seu excedente era vendido a fim de comprar suprimentos para todos. Com a morte de Pe. Cícero, beato Lourenço era considerado seu sucessor, mas em 1937 a fazenda foi invadida e destruída pelas forças do governo Getúlio Vargas, promovendo um massacre dos sertanejos. A vala comum onde os corpos foram jogados até hoje não foi revelada pelo Estado.

<sup>21</sup> Trecho da música “Podres poderes”, de Caetano Veloso.

Quando operamos na forma-Estado operamos seus mecanismos sedentários, sua falta de imaginação, sua burocracia, sua crença no óbvio, sua paralisação, sua necessidade de conservação. Todos nós materializamos produções hegemônicas em nossas formas de vida. Uns mais outros menos.

*O Estado é de fato poderoso, mas uma coisa que ele não pode fazer é dar liberdade a seus súditos. Ele não pode pois o seu próprio ser deriva da sujeição. (CRIMETHINC, 2021, p. 29)*

Me recordo de uma aula, quando professora substituta nesta mesma Universidade, em que começamos a debater a ideia de liberdade. Perguntei aos alunos o que entendiam por esse termo. A maior parte das respostas continha palavras como respeito, individualidade, espaço, limite... De um modo geral, a maior parte deles falou que se tratava de poder fazer coisas tendo um limite e respeitando o espaço do outro. Dali fomos derivando para pensar a relação dessa noção de liberdade com a de propriedade e direito. Ao longo da nossa conversa, a ideia do Estado ia aparecendo aos poucos como fundamental para o estabelecimento de uma ordem civilizatória, como diziam eles, buscando fundamentar que na ausência dele viveríamos uma espécie de barbárie.

O que seria essa ideia de barbárie tão incutida em nossas subjetividades?

Medo e controle caminham de mãos dadas. Muito comum que as histórias para crianças sejam forjadas com morais sobre o medo, a fim de ensiná-las a serem obedientes. O mesmo ocorre com a população e o controle do Estado sobre ela. Uma população com medo não sai às ruas, não se manifesta, não se esbarra, não se encontra, não pensa outros mundos, não imagina.

Imaginar sociedades contrárias à ideia de um Estado, com outros modos de organização social, é apenas um lampejo de resistência, mas ainda que apenas um lampejo, fundamental para criar outros mundos também na vida cotidiana. É bastante comum que se trate este tema sob a ótica que meus alunos trataram, como se uma sociedade que não estivesse pautada sob as égides do rigor punitivo e do discurso legalista universal fosse a representação do aumento dos índices de violência e da perda de liberdade.

Junho de 2013 foi mais que um lampejo, eu diria. Não à toa, o aparato policial recebe altíssimo investimento neste período, seja em equipamentos ou treinamentos especializados, a fim de reprimir duramente o que se insurgia das ruas. O discurso era do reestabelecimento da ordem na cidade e da conservação dos prédios, lojas e bancos danificados. A repressão policial do Estado estava de mãos dadas com o discurso de boa parte da população que consentia tais ações violentas sem qualquer estranhamento. Afinal, se for em nome da organização, da limpeza e do fim da balbúrdia, legitima-se qualquer fuzil na mão de um PM.

### **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

#### ***no cruzamento do Estácio***

*Os ventos sopravam forte, apesar de nenhum sinal de chuva, faziam uivos ao passar pelas frestas das janelas do apartamento, como acontecia na minha infância na casa que morava em Miguel Pereira. Nunca tinha escutado o vento uivar no Rio de Janeiro. Fechei a janela do quarto e fiquei olhando para fora, vendo as plantas se entortando, vasos caindo, portas dos vizinhos batendo. Minha memória me trai e parece até que não tinha luz, mas tinha. Algo escureceu ainda mais a noite. Apesar dos barulhos, um silêncio sepulcral para uma quarta-feira, dia de jogo. Tenho quase nenhum entendimento sobre as religiões de origem africana, a não ser um mínimo entreouvido nas conversas com amigos. Mas eu sabia que era ela que estava ali e todas as suas ancestrais berrando com uma força desconhecida, a dor de terem todas se sentido um pouco mortas. Era a sua fúria de guerreira, de mulher que não se deixa abater facilmente. Imagine se quatro tiros na cara a fariam desaparecer. (Faço uma pausa. Respiro fundo.) Quatro tiros na cara. Os ventos eram o grito de sua existência furando qualquer obstáculo. Algumas horas depois ainda sentia meus olhos arregalados e uma sensação de estar desnorçada, como se fosse parte de um filme ou reality show, afinal aquilo era espantoso demais. Independentemente de quem apertou o gatilho, o Estado em nós matou Marielle.*

**O apelo à democracia é uma cilada**

## **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

Faço uma cara de espanto olhando para o celular.

- O que foi, mamãe?

- O prefeito foi preso!

- Preso? Por que ele foi preso?

- Deve estar roubando dinheiro.

- De quem?

- Nosso.

Ela faz uma cara de espanto e se levanta em direção ao quarto.

- Cadê meu cofrinho???

A década de 60 foi marcada, no Brasil e em diversos lugares do mundo, por movimentos de ruptura com os estatutos e normas sociais da época. Um período de intensa efervescência política que acompanhava acontecimentos como a Revolução Cubana (1959), a resistência vietcongue, a libertação nacional de territórios africanos colonizados, entre tantos outros. No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, se multiplicavam movimentos populares, principalmente nas periferias da cidade, baseados na auto-organização, em conselhos comunitários, em parte promovidos por bispos progressistas, ligados à Teologia da Libertação. Movimentos estudantis secundaristas ou universitários viviam também um momento de grande agitação e alegria, acompanhados do entusiasmo com a possibilidade de uma revolução por aqui também. Mas as forças criadoras deste período sofreram com o forte golpe da ditadura, não à toa já que ameaçavam interesses capitalistas/imperialistas/do Estado. Contra tais movimentos confrontadores, os militares tomam o poder embalados pelo discurso moral da segurança e da ordem.

A experiência das ditaduras militares levou a esquerda institucional, no Brasil e na América Latina, a concentrar sua pauta na retomada da democracia como solução à

repressão, à tortura, aos desaparecimentos e à censura. Diante de uma situação em que não era garantida a diversidade de pensamento e a oposição ao governo, especialmente após o AI5<sup>22</sup>, o projeto de uma democracia representativa e a implementação de direitos garantidos constitucionalmente engolfaram diversas outras iniciativas populares. Já nos últimos anos da ditadura militar, há a intensificação da articulação de diversos movimentos sociais no sentido de construir leis que pudessem assegurar o Estado Democrático de Direito com todos os seus corolários: garantia de direitos como a livre expressão, a livre imprensa e até mesmo a defesa da vida, no sentido de que não fossem jamais suspensos novamente. Tal movimento culminou na construção da Constituição de 1988, marco da afirmação do Estado Democrático de Direito no Brasil.

Como desdobramento da nova Constituição, uma série de projetos de políticas públicas são traçadas nos mais diversos campos – saúde, educação, assistência – buscando garantir o acesso da população aos direitos prescritos em lei. As políticas públicas funcionam não apenas como intercessoras entre o Estado institucional e a população, mas também como controle sobre ela, na medida em que, para serem acessadas é necessário localizar, fixar, enquadrar e vigiar seus beneficiários. Desde os cadastros às visitas domiciliares, dos laudos técnicos às prescrições de uma verdade científica sobre os modos de vida distintos, seria importante garantir um local de moradia, outro de trabalho, uma situação civil, um registro para ratificá-los como sujeitos. Não quaisquer sujeitos, mas principalmente aqueles que poderiam oferecer risco à ordem social que se constituía na época. Uma prática com a finalidade de regulamentar a vida na cidade, tornando mais fácil a localização e o esquadramento dos indivíduos.

O Estado Democrático de Direito no Brasil, portanto, é fruto das lutas de resistência contra a Ditadura Militar urdidas entre os anos 1960 e 1970 e da crença em um Estado que amparasse os direitos garantidos em lei. Porém, cabe aqui problematizar que forças estão em jogo quando a esquerda institucional faz uso dessa bandeira como

22 O AI5 – como se chama o Ato Institucional nº5 – foi o quinto decreto baixado durante a Ditadura Militar e considerado o mais duro de todos eles. Datado de 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, o AI5, culminou na perda de diversos direitos políticos, dava ao presidente poderes de dar recesso às casas legislativas em todas as esferas federativas, instituía a suspensão do habeas corpus, proibia manifestações políticas e impunha a dura censura à imprensa, entre outros. Foi considerado o “golpe dentro do Golpe”, caracterizando publicamente o caráter de terrorismo de Estado.

forma de enfrentamento a políticas entendidas como fascistas por parte de certos governos.

O fascismo não é apenas um mecanismo que se expressa na forma de um regime macro nem o contrário de democracia, mas se estende ao plano micro, nas minúcias da produção desejante. Como vimos, a dimensão capilar do Estado nos habita e os microfascismos não são característicos apenas de uma classe política.

**Por que o desejo deseja sua própria repressão, como pode ele desejar sua repressão? [...]**

**O desejo nunca é uma energia pulsional indiferenciada, mas resulta ele próprio de uma montagem elaborada, de um *engineering* de altas interações: toda uma segmentaridade flexível que trata de energias moleculares e determina eventualmente o desejo de já ser fascista. As organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus microfascismos. É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista em nós mesmos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 92-93).**

Dessa forma, a esquerda institucional vem fazendo uso, em um contexto pós-golpe de 2016<sup>23</sup>, do discurso que enaltece a democracia como fundamento crucial para a resolução das questões macropolíticas que o país vem vivendo. No entanto, não se faz qualquer crítica às próprias práticas realizadas nessas lutas, que contribuem para manutenção do Estado no poder que, como vimos, está diretamente relacionada a uma conduta colonialista e até mesmo fascista, ancorada em um contexto planetário, conservador, fundamentalista, intolerante, moralizante, etc.

Nesse sentido, as práticas de governo são também exercidas pela esquerda institucionalizada, que foi se tornando, por meio da bandeira do Estado Democrático de Direito, legalista, eleitoreira, oportunista, não comprometida com a ruptura em relação à violência de Estado em suas diversas formas. E também não disposta a ouvir as críticas em função de uma arrogância que passa pelo domínio de um estatuto de verdade sobre o que seria uma melhor organização social e seu funcionamento, pautando projetos sobre como o Estado pode governar melhor, punir melhor, controlar melhor através do discurso democrático.

<sup>23</sup> Em 2016, a então presidente da República Dilma Rousseff (PT) foi afastada do cargo e teve seu mandato cassado em decorrência de uma denúncia de possível crime de responsabilidade. O processo que tramitou na Câmara dos Deputados e no Senado deixou evidente interesses e disputas políticas que ultrapassavam a discussão técnica a respeito da questão orçamentária, culminando em um golpe de Estado pelas vias democráticas. Com isso, o vice-presidente Michel Temer (PMDB) assume o cargo como presidente interino até as eleições seguintes, colocando em curso políticas de interesse de figuras públicas integrantes do Planalto.

**Temos, assim, para grande parte dos movimentos sociais no Brasil, uma configuração onde persiste a lógica dos lugares de poder e dos detentores de poder, como se com o desenvolvimento do capitalismo o poder não se exercesse em qualquer lugar, em todos os lugares cada vez mais de forma imanente, tendo no capital a expressão de força auto-produtiva dispersa por todo o tecido social. A hegemonia que produz efeitos de dominação provém desta lógica. Nesse funcionamento imanente da máquina capitalística, pautado pela lógica dominado/dominador, disseminam-se formas de produzir capital de maneira lícita ou ilícita, ampliando sua produção indefinidamente: mais capital, mais poder, mais produção de um determinado modo de viver – voltado para defender o EU, o Meu patrimônio individual, a Minha verdade privada, mesmo que seja em grupos, partidos, sindicatos ou empresas vinculados explicitamente ou não ao Estado. (MONTEIRO, COIMBRA, 2006, p. 11)**

Para elucidar este ponto, alguns dados que ilustram a efetividade das leis ligadas a pautas “fundamentais na garantia de Direitos Humanos” das minorias, entre elas a população jovem (15 a 29 anos) e as mulheres. Não se pode afirmar que as leis vêm produzindo uma transformação no que se refere, inclusive, à garantia de existência dessas pessoas.

Segundo o Atlas da Violência de 2020, levantamento que reúne pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no Brasil, em 2018, morreram vítimas de homicídio 30.873 jovens. Apesar do relatório apontar uma redução dos índices entre 2017 e 2018 em termos nacionais, no estado do Rio de Janeiro há um aumento de 4,2% em relação a este mesmo índice. Quanto à redução de homicídios, o próprio corpo técnico não consegue relacionar tal queda a políticas públicas, mas apenas levanta algumas possibilidades.

Ainda de acordo com esta pesquisa, a última década – de 2008 a 2018 – representa um aumento na taxa de homicídios de jovens, de acordo com a década anterior – de 1998 a 2008. Ainda assim, apesar das oscilações, o número bruto de morte violentas é alarmante, em um país reconhecido por seu arcabouço legal progressista.

Vale lembrar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069) foi promulgado em 1990. E que o Estatuto da Juventude (Lei Federal nº 12.852) foi publicado em 2013. Ambos não garantiram necessariamente a diminuição das práticas de extermínio de jovens no país.

A taxa de homicídios de mulheres também é assustadora, segundo o mesmo levantamento. Em 2018, uma mulher foi vítima de feminicídio (considerando as categorias doméstica, sexual e reprodutiva) a cada duas horas no Brasil, somando 4.519 mulheres assassinadas de maneira violenta. Tal índice aumentou 4,2%, entre os anos de 2008 a 2018, em comparação à década anterior. Tudo isto apesar da promulgação da Lei Maria da Penha (Lei Federal nº 11.340) datar do ano de 2006<sup>24</sup>.

Se formos, ainda, ilustrar os dados de feminicídio segundo um recorte racial, o quadro fica mais grave. A maior parte dessa população de jovens e mulheres mortos é negra, chegando a 75,7% dos homicídios em 2018. Parte de nossa população, ainda concentrada entre aqueles de descendência africana ou indígena, é, até hoje, exterminada das mais diversas formas, desde o nutrício<sup>25</sup> até o homicídio propriamente dito. Isto é, desde a falta de acesso a uma alimentação de qualidade, passando pelo acesso aos serviços de saúde e chegando à morte precoce, especialmente por situações de grave violência. Tudo isto sob a vigência do Estado e praticado, especialmente, por ele.

Isto é, mesmo com a promulgação de leis consideradas alinhadas com os Direitos Humanos internacionais, o que podemos ver é que os índices de violência, em especial as taxas de homicídios de grupos minoritários<sup>26</sup>, só tendem a aumentar (CERQUEIRA et al., 2020).

**Agir pela liberdade e tornar-se revolucionário é operar na área da jurisprudência! A justiça não existe! Direitos Humanos não existem! O que importa é a jurisprudência. Esta é a invenção do Direito. Aqueles que se contentam em lembrar e recitar os Direitos Humanos são uns débeis mentais! Trata-se de criar, não de se fazer aplicar os Direitos Humanos. Trata-se de inventar as jurisprudências em que, para cada caso, tal coisa não será mais possível. É muito diferente. (...) Ser de esquerda é isso. Eu acho que é criar o direito. Criar o direito. (DELEUZE, 2021, p.34)**

<sup>24</sup> Sobre este tema ver a análise crítica de BATISTA, Nilo (2007).

<sup>25</sup> Práticas de uma espécie de extermínio lento que se dá também através de como certa parcela da população não tem tido acesso a uma alimentação saudável e de qualidade, seja por questões sociais, políticas, econômicas e/ou educativas.

<sup>26</sup> Minoritário aqui não está no sentido de menor quantidade, mas daquilo que difere das hegemonias impostas pelo mundo em que vivemos. Como sinalizou Deleuze (1992), as minorias e maiorias não são definidas por ordens de grandeza. Para o autor, a maioria diz respeito aos modelos que balizam a existência, enquanto a minoria é sempre processo, devir. Como exemplos de grupos minoritários temos as mulheres, os negros, os LGBTQI, entre outros.

O que seriam os direitos humanos senão leis universais, que não dão conta nem jamais poderiam dar de toda singularidade presente em cada situação, cada caso? A jurisprudência, na contramão do direito, diz respeito ao caso a caso, das brechas, das análises miúdas, da destituição das categorias. Me recorde dos vídeos da população no Jacarezinho, logo após a chacina, pedindo “Justiça” e tantas outras situações em que esse grito ressoa no desespero daqueles que sofrem diretamente a violência do Estado. Junto com eles, gritam também as pessoas de movimentos sociais e partidos, que vão se chegando na luta. Mas um pedido de justiça pede o quê numa sociedade que tem o entendimento de justiça atrelado ao poder do Estado?

A ideia de um Estado Democrático de Direito, baseado em preceitos como os dos direitos humanos, portanto, seria um paradoxo, levando em consideração a perpetração de ainda mais mortes e desaparecimentos<sup>27</sup>, proporcionalmente ao período da ditadura militar. A ideia de direito, assim, se torna uma letra legal, pouco palpável à maior parte da população, que apenas parece encontrar o sentido da democracia no aspecto eleitoral.

**O que o sistema eleitoral faz é tentar canalizar toda a participação política de um indivíduo na sociedade a qual pertence para uma votação em uma sigla. Só isso: você vai lá e vota de dois em dois anos e isso, dizem faz com que vivamos em uma democracia. (...) você transforma o cidadão em um consumidor de candidatos, você cria uma sociedade alienada das próprias decisões que constituem seu modo de vida. (JOURDAN, 2018, p.116)**

Assim, tal modelo de representação não exerce na prática qualquer tipo de mudança que incida nas estatísticas acima descritas, pois funciona muito mais como um instrumento para calar uma possível insurreição, já que em certa medida o processo de participação através das eleições dá uma sensação de fazer parte deste sistema através de um representante escolhido pela população. A lógica de representação mostra-se, assim, falaciosa. Pois se constitui como importante captura dos processos de subjetivação mantenedores da mesma estrutura organizacional e política do aparelho de Estado.

*Em contraste com a inércia política e econômica da era feudal, o capitalismo e a democracia redistribuem o poder ininterruptamente. Graças a essa flexibilidade*

<sup>27</sup> Tentamos levantar este dado para colocar também em análise nesta tese, mas não há qualquer estudo publicado que seguramente afirme o número de desaparecimentos forçados no Brasil.

dinâmica, o possível rebelde tem mais chances de melhorar o seu status dentro da ordem vigente do que derrubá-la. Consequentemente, a oposição costuma reenergizar o sistema político ao invés de ameaçá-lo. (CRIMETHINC, 2021, p. 30-31)

O Estado Democrático de Direito é, nesse sentido, uma amostra dos artifícios que produzem esse enfeitiçamento na população, tendo como efeito a precarização dos processos de subjetivação autônomos, visto que nos torna dependentes do Estado, crendo que apenas por essa via conseguiremos aquilo que almejamos.

a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o

### ***PINHO SOL***

**NÃO QUERO FALAR, MAS ACHO QUE DEVO. TEU CORPO NEGRO ESTAMPADO EM TODA ESQUINA ME CORRÓI O ESTÔMAGO. O QUE CHAMAM DE MILITÂNCIA QUANDO SE USA UMA VIDA E A TRANSFORMA NUM CASO? TEU CASO E VOCÊ: COISAS COMPLETAMENTE DIFERENTES. MILHÕES DE ESPECIALISTAS DE TERNO (OU JALECOS) FALAM SOBRE SEU DESTINO. LEVAR AO MUSEU, ALFABETIZAR, TIRAR DOCUMENTOS, COLOCAR EM EMPREGO DE CARTEIRA ASSINADA NA AVENIDA RIO BRANCO, CHAMAR PSQUIATRAS ACADÊMICOS INQUISIDORES, MÉDICOS DESESPERADOS, BABÁS PARA CIMA E PARA BAIXO, JORNALISTAS QUE TE EXPÕEM. A VIDA INVADIDA. A CASA QUE NÃO É SUA, O DINHEIRO QUE NÃO É SEU, ESSA GENTE GOVERNANDO SEUS QUERERES, DESDE O CORTE DE CABELO À TUA CERVEJA. REUNIÕES E REUNIÕES PARA SABER COMO NÃO DEIXAR O CASO “DAR ERRADO”. NÃO PODE USAR COCAÍNA NEM FUMAR UM BASEADO, NÃO PODE SUMIR, TEM QUE CHEGAR NA HORA, SAIR NA HORA, NÃO SAIR DE CASA, NÃO PODE ANDAR SOZINHO, NÃO PODE MORRER. SE MORRER O QUE SERÁ DOS ESPECIALISTAS E A REPERCUSSÃO QUE GANHARAM? O QUE SERÁ DOS MOVIMENTOS QUE TEM SEU NOME? O QUE SERÁ QUE É SER UM NOME A CARREGAR UM EXEMPLO DE VIOLÊNCIA DE ESTADO? DÓCIL COMO MUITOS NÃO SÃO. FOI FÁCIL DE CAPTURAR COM DISCURSOS DE MUSEU. TUA RESISTÊNCIA PASSA POR VIELAS ESCURAS. QUANDO SOME, QUANDO USA COCAÍNA, QUANDO NÃO CHEGA NEM SAI NA HORA. OS PARTIDOS GOZANDO DA VAIDADE DE CUIDAREM DO CASO. EU TENTANDO ENCONTRAR A PESSOA. MAS A PESSOA SUMIU, NINGUÉM SABE QUEM É. CONTENHAM! O RISCO DE SE TORNAR GENI, DE SER ÚTIL PARA UMA DISCUSSÃO MAIOR. JÁ TE MATARAM, FALAM DE VOCÊ, MAS NEM TE CONHECEM. NÃO ME VENHAM COM A PERGUNTA: SE NÃO TIVESSE NADA DISSO, COMO ESTARIA ELE E A FAMÍLIA? NÃO TERIA FICADO 10 DIAS NA SOLITÁRIA. TALVEZ ESTIVESSE NOVAMENTE ESQUECIDO, PELAS RUAS, NÃO**

**TERIA SIDO PRESO E CONDENADO POR TRÁFICO NUMA SENTENÇA DESPROPORCIONAL, SERIA UM QUALQUER PERDIDO, COM PÉS SUJOS, QUE NÃO PRECISA PEDIR DESCULPAS A NINGUÉM. E NÃO ME DIGAM QUE ISSO É MENOS VIDA DO QUE A VIDA DE AGORA, MORTA, PRESA, ACORRENTADA NUM QUARTO SEM JANELA. OUTRA SOLITÁRIA. DISCURSO JURÍDICO NENHUM DEU CONTA ATÉ AGORA DE TAMANHA ESTUPIDEZ. COITADOS, ACHAM QUE ENFRENTAM O JUDICIÁRIO. SEU CORPO SOFRE COM AS INTERVENÇÕES INGÊNUAS E SALVACIONISTAS DESTES QUE O CERCAM. QUEREM TE ENDIREITAR, MAS SE DIZEM DE ESQUERDA.**

**Contra o aparelho de captura do Estado, as máquinas de guerra**



Foto: Distorção – André Kertész

Como traças que se proliferam e não sei de onde vêm, as máquinas de guerra estão sempre por aí, desterritorializando verdades absolutas, destruindo institucionalidades, colocando em xeque normas e morais, deslizando em espaço liso, sem estrias. As máquinas de guerra extrapolam o Estado e seu aparelho de captura, passam ENTRE suas pinças englobantes e interiorizadoras.

**A forma-Estado, como forma de interioridade, tem uma tendência a reproduzir-se, idêntica a si através de suas variações, facilmente reconhecível nos limites de seus pólos, buscando sempre o reconhecimento público (o Estado não se oculta). Mas a forma de exterioridade da máquina de guerra faz com que esta só exista nas suas próprias metamorfoses; ela existe tanto numa inovação industrial como numa invenção tecnológica, num circuito comercial, numa criação religiosa, em todos esses fluxos e correntes que não se deixam apropriar pelos Estados senão secundariamente. Não é em termos de independência, mas de coexistência e de concorrência, num campo perpétuo de interação... (DELEUZE, GUATARRI, 2012, p. 25).**

Sem purismos ou maniqueísmos, as máquinas de guerra não são necessariamente boas ou ruins, nem são sinônimos de resistências políticas, mas são modos de funcionamento que se contrapõem à lógica sedentária e burocrática do Estado. Se este precisa nos tornar sujeitos de direitos de forma padronizada, homogeneizar modos de vida e nos fixar, as máquinas de guerra andam para qualquer lado, deslizam com maior agilidade e velocidade. Elas “não se definiriam de forma alguma pela guerra, mas por uma certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempos: os movimentos revolucionários [...] e também os movimentos artísticos são tais máquinas de guerra” (DELEUZE, 1990, p. 212).

Acionar máquinas de guerra seria acionar fluxos destrutivos de morais estabelecidas. É produzir movimento, encontrar saídas para os lugares engessados e encapsuladores do aparelho de captura. O próprio Estado se apropria da máquina de guerra, fazendo uso de desterritorializações com a finalidade de criar e conservar mais estratégias que legitimem sua existência. Aí sim, a máquina de guerra se aproximaria da guerra e da morte, forjando como prática legítima do Estado a violência, a guerra e a destruição em nome da segurança e da paz, de forma absoluta e global (LAPOUJADE, 2015). Mas as máquinas de guerra nômades apenas destroem o que obstaculiza sua desterritorialização, de forma local, como uma potência positiva; uma morte a favor da passagem de intensidades retesadas pelo Estado e sua aparelhagem.

O nomadismo evocado na sua relação com as máquinas de guerra, remete a sua relação com a terra, em um movimento de criar e se desfazer de territórios, pois a dança entre a desterritorialização e reterritorialização é seu modo de estar no mundo. A terra fixa não faz sentido ao nômade, como faz para o Estado, que dela se apropria para redistribuí-la conforme sua própria organização.

Como vimos, os fascismos também são secretados no campo da esquerda institucional, constantemente capturada por tais práticas no âmbito macropolítico, mas especialmente por seus microfascismos, sobre o quê pouco se fala, como se houvesse um purismo e bondade naturais àqueles que se intitulam de esquerda. Pensar em acionar máquinas de guerra na militância é abrir espaço para a circulação destas forças nômades, incessantemente capazes de escapar ao Estado. Não há mesmo garantias sobre o que se institucionalizará em seguida. Mas trata-se de abrir espaço para que esses movimentos aconteçam e estremeçam verdades forjadas a cada momento histórico.

Se são as máquinas de guerra nômades aquelas que desterritorializam e produzem movimento, a esquerda institucional tem se agenciado a elas? Em um mundo de verdades absolutas, por onde transitam tais máquinas de guerra? Farejar tais percursos e circunstâncias na história e no presente é menos o enaltecimento da nostalgia dos acontecimentos revolucionários, como comumente os comunistas o fazem, mas sim constituir um mapeamento que possibilite redinamizar as máquinas revolucionárias.

As máquinas de guerra nômades transbordam fronteiras. Nesse sentido, um vírus e uma pandemia estariam muito mais próximos das máquinas de guerra do que do aparelho de Estado, este sim, a todo custo tentando capturar, controlar, esquadrihar o vírus e sua condição amoral e desterritorializada. Vírus nômade. Não à toa, 2013 também foi viralizante, pois este funcionamento maquínico de produção de novos mundos, novas realidades era contagiante naquele momento. Afinal, “a máquina de guerra está inteiramente a serviço da distribuição “anárquica” das multiplicidades nômades” (LAPOUJADE, 2015, p.248).

E é difícil admitir, mas me parece que, em alguns momentos, uma parcela da direita movimenta mais as instituições e o *status quo* do que a esquerda engessada pela moral. Mas não há espaço para essa discussão em um contexto mais amplo, qualquer um que tente problematizar essas questões e levantar críticas à esquerda, ou transversalizar o debate complexificando os acontecimentos para além do binarismo direita/esquerda é

rapidamente desqualificado, cancelado e tratado como de direita ou pró governo Bolsonaro. Essa lógica ou-ou, em que ou as pessoas se adequam a um discurso pronto e engessado, com quase nenhuma abertura à crítica, ou elas pertencem ao grupo rival e inimigo me leva a pensar que se trata de uma prática absolutista e ressentida por parte da esquerda em que não se pode discordar, apontar nuances e se amplia uma vasta vigilância sobre todos sob pena de que cortem suas cabeças. Estão aí os holofotes fascistas e seus grandes olhos que tudo veem. Nesse ponto, a esquerda institucional e diversos movimentos sociais operam muito frequentemente na lógica do aparelho de captura, em muito pouca conexão com um funcionamento mais nômade.

As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil se constituíram como uma explosão de máquinas de guerra, arrastando e desinstitucionalizando as cidades, as ruas, as maneiras de se manifestar, abrindo uma fissura gigantesca no *status quo*, e produzindo um agenciamento desejante heterogêneo, livre de lideranças e organizações, nômade, sem rosto, multitudinário, coletivo. Coisa que a própria esquerda institucional não suportou e, em diversos momentos, operou na lógica do Estado e de mãos dadas com ele, chegando a delatar nomes às polícias.

Quando me recordo do trabalho de parto e sua dimensão animalesca, como algo que era ao mesmo tempo estranho e completamente visceral, realizo a imagem de uma máquina de guerra. O corpo fazendo coisas sobre as quais eu já não tinha controle, pois ali, não havia Estado em mim. O parto como um acontecimento revolucionário.

Ações como as de Julián Assange<sup>28</sup> e Edward Snowden<sup>29</sup>, a respeito de publicar informações secretas do governo norte-americano, bem como a de Cody Wilson<sup>30</sup> de criar um arquivo com o projeto de uma arma a ser impressa em impressoras 3D, desmoralizando o Estado e grandes conglomerados como a indústria armamentista, são

<sup>28</sup> Julian Assange é fundador do site Wikileaks que, desde 2006, divulga documentos de importância histórica e política considerados confidenciais por parte de Estados, governos, empresas e seus envolvimento em casos de corrupção, espionagem e guerras, especialmente. Atualmente, encontra-se preso na Inglaterra.

<sup>29</sup> Edward Snowden é uma analista de sistemas que trabalhou nos sistemas de informação da CIA (Central Intelligence Agency) e NSA (National Security Agency), agências de segurança e de inteligência do governo dos Estados Unidos. Ele tornou públicos diversos programas de vigilância efetuados pelo NSA, incluindo autoridades brasileiras e do mundo. Atualmente, encontra-se refugiado na Rússia.

<sup>30</sup> Cody Wilson é um criptoanarquista que criou a Defense Distributed, que publica abertamente designs de armas chamadas “wiki-weapons”, que podem ser impressas através de impressoras 3D.

rupturas da ordem das máquinas de guerra. As criptomoedas<sup>31</sup> também vem preocupando bancos e Estados e seu monopólio em relação às moedas, já que confrontam todo o sistema financeiro mundial. Ações que nos trazem condições de recuperar autonomia frente àqueles que seguem se beneficiando de informações, dinheiro e armas para lucrar e nos controlar. Essas figuras tanto ameaçaram o sistema que são consideradas altamente perigosas, até criminosas, como é o caso de Amir Taaki<sup>32</sup>, ou são mortas de formas desconhecidas, como Adrian Lamo<sup>33</sup>, para citar alguns exemplos.

Produzir outras subjetividades, ampliando graus de liberdade, não numa perspectiva do Direito, mas numa perspectiva para além dele, que o transborda, numa perspectiva do impossível e da potência, é criar condições para destruir o Estado em nós. É nos haver com o imprevisível nômade. Ser livre não é confortável, não é um território demarcado em torno de uma ideia de sujeito e garantido por leis, mas é o exercício de habitar as máquinas de guerra e suas incertas implicações. Afirmar o processo de destravar comportas e represas forjadas a favor do controle e do poder.

Começemos por destituir as formas de governo sobre nós, ameacemos sua existência em nossos inconscientes, estremecendo suas formas cristalizadas e a necessidade de atrelar a militância a ideias cristãs. Uma manifestação não é necessariamente revolucionária, muito menos pertencer a um partido.

Assim, a grande maioria das lutas que se dão inseridas neste sistema azeitam o aparelho de Estado e suas engrenagens. Com isso, não quer dizer que desqualifico todas as lutas que se dão dentro da lógica do Estado, já que é preciso reconhecer que, na medida em que ainda existe este regime de governo sobre nós, que ele seja, no mínimo, menos massacrante. No entanto, não se pode fugir de discutir todo esse dilema ético que perpassa os modos de luta contemporâneos e suas alianças, também nefastas. Pois não vejo que outro caminho seria possível, senão de uma análise institucional sobre este momento

<sup>31</sup> Criptomoedas são ativos digitais, descentralizados, produzidos e comercializados usando a criptografia. Diferentemente de qualquer outra moeda, não são reguladas por bancos ou Estados.

<sup>32</sup> Amir Taaki é um anarquista de nacionalidade britânica-iraniana, programador, hackerativista, conhecido por seu papel pioneiro na criação das Bitcoins, uma moeda descentralizada, não regulada por nenhum Estado, governo ou banco, mas que funciona através de um código aberto protegido por criptografia. Amir chegou a residir e lutar em Rojava, contra o estado Islâmico. Atualmente mora em Londres e tem que ir duas vezes por semana à delegacia assinar para comprovar que está em território inglês.

<sup>33</sup> Adrian Lamo é um hacker conhecido por invadir sistemas de alta segurança como Microsoft, Yahoo!, The New York Times, as empresas de telefonia SBC, entre outros, e que, aos 37 anos foi encontrado morto sob circunstâncias não esclarecidas.

histórico, em que possamos fazer operar, através disso, brechas e falhas no sistema colonizador sob o qual vivemos.

A vida insiste (COIMBRA, 2021). Distorcer as formas embutidas em nós, pois não é natural ser sujeito, é um constante exercício. Perceber nossas arrogâncias e tiranias, nossa dificuldade de (nos) inventar, deixando de negar nossa provisoriedade e paradoxos, para afirmar menos identidades e verdades, mas formas singulares e estratégicas de luta. Uma militância-nômade.

### **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

#### ***militante-polícia***

*(escuto "Dog days are over", música de Florence and The Machine)*

*Já não basta patrulharem meu corpo dizendo o que devo ou não vestir, com quem devo ou não me relacionar, que corpo eu devo ter, como devo trepar, do que tenho que gostar ou como devo me sentir. É preciso vigiar as parceiras, as manas, deixar que não sejam vítimas do machismo, essas mulheres tão indefesas. Ser o Big Brother da mulher ao lado é a nova onda do feminismo branco patrulheiro. Aponte o dedo você mesma, assim se sentirá muito mais atenta e crítica do que as demais. Oras, mas o feminismo não é para libertar as mulheres do patriarcado? Sim! Mas o que há de patriarcado em nós? Vigie! Vigie! Vigie! Controle com quem sua amiga está se relacionando, ouça seus compartilhamentos como quem faz uma investigação minuciosa. E assim o aparelho do Estado segue nos fazendo assumir seu papel de governarmos a nós mesmas e aos outros através das bandeiras aparentemente progressistas. Mas nossas práticas são um perigo, estão contaminadas por tudo aquilo que dizemos combater. A esse feminismo moral eu digo que não me interessa. Que não é admissível mais patrulha sobre meu corpo, seja pelo discurso médico, da maternidade ideal, acadêmico, cristão, mas também da militância!*

**É um assalto. Por vielas subterrâneas, busco  
um distúrbio. Tese distúrbio. Corpo-distúrbio.  
Vida-distúrbio. Clínica-distúrbio.**

### Platô 3 - O Corpo na militância

*(Ouço Snowden's Jig, música do Carolina Chocolate Drops)*

**O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer. Pois, ninguém conseguiu até agora conhecer tão precisamente a estrutura do corpo que fosse capaz de explicar todas as suas funções, sem falar que se observam, nos animais, muitas coisas que superam em muito a sagacidade humana, e que os sonâmbulos fazem muitas coisas, nos sonhos, que não usariam fazer acordados. Isso basta para mostrar que o corpo, por si só, em virtude exclusivamente das leis da natureza, é capaz de muitas coisas que surpreendem a nossa própria mente (SPINOZA, 2017, p.101).**

Uma amiga que trabalhava em manicômios uma vez me contou sobre um homem que engolia objetos perfurantes e não morria. Já tinha lá por volta de seus cinquenta anos e, apesar de toda tutela própria àqueles que passaram a vida em um hospício, eventualmente, ele se sentia mal e quando o levavam ao médico encontravam em seu estômago parafusos, tesouras, pregos, pedaços de arame e uma variedade de outras coisas. Eu ficava sempre muito espantada com essa história e os causos que ela partilhava comigo sobre o trabalho e a vida naquele lugar. Pensava: se eu engolir uma tesoura provavelmente morreria (ou certamente morreria) logo em seguida. Não consigo crer que meu corpo acumularia objetos dessa natureza.

E era como se esse relato me fizesse compreender a questão que Spinoza coloca sobre o que pode um corpo. Mesmo tendo escrito há séculos estas palavras, repetindo o termo “até agora” inúmeras vezes referindo-se ao tempo dele, posso dizer que até hoje não pudemos responder a esta questão. Cada corpo é um mistério singular.

Quando quero pensar este tema, coloco em análise a constituição de *um* corpo que compõe a militância de esquerda institucional, que em suas práticas de aposta no aparelho de Estado, se assujeita à tristeza, ao poder e ao ressentimento.

O corpo é tomado neste platô como um analisador dos aparelhos que capturam a militância, mas também como instrumento de resistência, afinal, é uma zona de batalha. Os inconscientes vêm sendo cada vez mais colonizados em formas-zumbis atreladas ao capital e ao Estado, mas também no próprio seio da esquerda institucional - outra fábrica de zumbis. O que seria, então, pensar em processos de subjetivação que possam se desplugar destes mecanismos?

Algumas pistas... Tornar a tese um corpo ou tornar o corpo outra linguagem. Trazer o fluxo sanguíneo que corre apressado para a escrita, os contornos e torções, tensões e relaxamento, dureza e porosidade. Brincar com o limiar entre o corpóreo e o incorpóreo na experiência das lutas.

(Perceba seu corpo, escute músicas, procure transitar entre suas células, conversar com a mitocôndria, confiar no que ele sinaliza nesse encontro. Sigamos.)

## **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

### ***guia para ser um militante***

***Sacrifique-se. Dobre seu corpo ao que chamou amor. Esgarce suas relações, seu tempo, seu desejo. Nobre é aquele que até paga do próprio bolso para trabalhar. Venda sua mão de obra para o Estado, mas ache que está sendo revolucionário. Esteja disponível nas madrugadas, nas férias, nos fins de semana e feriados sem receber por isso. Não almoce e se sentirá importante. Trabalhe de sobreaviso, ganhe pouco, não faça críticas a isso. Se as fizer estará dando material à direita (o grande Inimigo). Sinta-se perseguido e, assim, será um herói, atraente. Ache que você salva o mundo mesmo que os dados te digam que sua prática não tornou o mundo menos violento, perverso ou fatal. Morra tu, então, na tela do celular ou do computador, nas reuniões e atendimentos. Seja urubu da vida do outro. Coloque no facebook sua foto com o preto fudido, sorria e levante a cabeça mesmo que ele morra pelas mãos desse Estado que te paga. Pense que uma coisa não tem relação com a outra e que ocupar o Estado é uma estratégia. Faça mestrado, doutorado falando dessa gente matável e se sinta intelectual. Chame o outro de ignorante e não olhe para a sua estupidez fascista. Enalteça o trabalho voluntário. Fique três, seis, oito meses sem salário, sem previsão de receber, e aja normalmente. Fique tão imerso nesse modo de pensar até empatizar com o intolerável, até acolher o insuportável e até se tornar***

*parte disso. Faça audiências públicas, mesas e eventos com juízes, policiais, delegados, deputados e ministros e tenha convicção de que está mudando alguma coisa. Ou convide alguém dos movimentos sociais para crer que está sendo fiel à diversidade. Seja machista, homofóbico, autoritário e/ou racista, mas não nos espaços onde isso é mal visto. Crie casos exemplares expondo e usando vidas em nome de causas. Dê nomes de mortos a leis que já nascem sem vida. Garanta-se. Garanta o Estado. Afirme a autocrítica, mas não faça análise. Pactue com fariseus. Melhor ainda: se torne um. Para romper com os ortodoxos ou anciãos, seja festivo, seja parte de uma fanfarra, ciranda, baile e festival. Você se achará revolucionário e nem se lembrará que tem gente comendo lixo ou comida azeda para sobreviver nas prisões. Aperte a mão daquele que você combate. Comemore seu encarceramento, mas diga que é abolicionista. Diga que é abolicionista, mas aposte no Estado. Seja incoerente e esteja salvaguardado. Repita. Repita até ficar inaudível. Fale no microfone nada de novo. Evoque os mesmos nomes e acontecimentos da história. De preferência, tenha um deus e se torne fiel a ele. Mas seja ateu. Ou não. Ajoelhe-se. Não se misture com outros pensamentos. Vista símbolos: uma blusa do Che ou boné ou tatue uma frase dele. Ou coloque uma camisa escrito CCCP e vá tomar cerveja na pracinha bacaninha da cidade e posar de “desconstruído”. Queira ser ameaçado, preso e torturado para legitimar sua prática, faça o possível para que isso aconteça. Esteja alinhado com as manifestações das redes sociais ou presenciais, mas não faça de seu discurso um modo de vida. Cadê o revolucionário?*



Fonte: <https://weheartit.com/entry/268125692/via/pichei>

### **Corpos tristes e militância mofada: desejo de poder, ressentimento e o juízo de Deus**

A esquerda institucional se apaixonou pelo poder. Se ajoelhou aos fariseus midiaticizados pela lógica das redes sociais. Sentou no trono em vez de destruí-lo. Adentrou palácios em vez de queimá-los. Fez apologia à limpeza e transparência quando corromper poderia ser um verbo de saída.

Revejo cenas em minha memória de reuniões, eventos e atos. Os corpos militarizados e homogêneos, discursos prontos e repetidos, formas de articular estereotipadas, as falas vaidosas e especialmente o iluminismo presente no exercício político e no tom arrogante de suas palavras.

Também visito a prática na clínica e as tantas pessoas que acompanho ou acompanhei ligadas a lutas institucionalizadas ou não. Relembro antigos espaços de trabalho nas organizações de direitos humanos, amigos que militam em diversas frentes. Muitos com crises de ansiedade, psiquiatrizados, que viveram/vivem situações de trabalho insalubres ou gravemente precarizadas, que ficaram meses sem salário “por amor”, que não tiram férias há anos e até consideram essa uma prática honrosa, que estão paralisados pelo medo em relação à pandemia.

Penso, ainda, na academia e sua militância encastelada. O discurso estereotipado e vaidoso que afoga a diferença. Das suas altas torres sabem mais e melhor que todos os demais, citando os autores donos do conhecimento sobre a vida, a política e o mundo. Proliferam de seus lugares de especialistas e intelectuais o poder sobre os outros.

Misturam militância e sacrifício, militância e amor pelo poder.

*Militante. Do latim MILITANTIA, de MILITANS, participio de MILITARE, “servir como soldado”, de MILES, “soldado”.  
(MILITANTE, 2019)*

Soldados da Ideia ou da Ideologia. Massa de manobra de um secundário projeto de hegemonia. Tal forma-soldado que toma o corpo de muitos militantes de esquerda, no entanto, vem também produzindo sofrimento em função dos agenciamentos que faz. Como diria Foucault (2010), no entanto, não é preciso ser triste para ser militante.

Para compreender o que estamos afirmando quando falamos dessa produção de tristeza, Spinoza (2017) ajuda dizendo que:

**Por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação e contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia (SPINOZA, 2017, p.107)**

Quando nos encontramos com outro corpo - seja uma relação, uma ideia, uma pessoa, um livro, um autor, etc. -, este encontro tanto pode se compor conosco e aumentar nossa potência (alegria), como pode nos decompor e destruir (tristeza). Os bons encontros, então, seriam aqueles alegres, que contribuem com nossa coesão existencial. Os maus encontros, todavia, seriam tristes, que nos enfraquecem, entendendo que todo corpo é um grau de potência que pode variar de acordo com os encontros que fazemos na vida.

Os maus encontros poderiam, ainda, ser denominados como aqueles que contribuem com a cristalização das forças produtivas e inventivas. “Dir-se-á mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência” (DELEUZE, 2002, p.5).

**(...)** como não fazer mais encontros maus do que bons? Como evitar que nos destruamos a nós mesmos, à força da culpabilidade, e destruamos os outros à força do ressentimento, propagando por toda parte a nossa própria impotência e a nossa própria escravidão, a nossa própria doença, as nossas próprias indigestões, as nossas toxinas e venenos?  
(DELEUZE, 2002, p. 29)

É muito comum que o ressentimento mova a militância e ocupe os corpos, majoritariamente, em uma forma-soldado, intolerante e movida pelo ódio e pela vingança. Ou aprisione-os a práticas missionárias. Os horizontes “revolucionários” pré-determinados, as análises de conjuntura mofadas, as alianças com o aparelho de Estado e tantos outros aspectos que circunscrevem majoritariamente certas práticas de militância da esquerda institucional poderiam ser considerados maus encontros, que vêm decompondo os corpos que estão nas lutas na forma de aniquilamento das forças revolucionárias. **CORPO- CLAUSTROFOBIA.**

Durante as eleições de 2018, em que disputavam no segundo turno os candidatos Haddad (PT) e Bolsonaro (PSL), as redes sociais pulverizavam indignações de ambos os lados. O discurso intelectual da esquerda se deparou com uma barreira. Já não era possível convencer grande parte da população com a sabedoria acadêmica, pautada em filósofos e sociólogos estrangeiros - ou mesmo brasileiros. A tentativa de explicar o fascismo incessantemente, com dados, pesquisas, autores renomados era inútil. E não se sabia o

que fazer. Os eleitores de Bolsonaro foram taxados de incapazes de pensar, o que acirrava os ânimos e garantiu muitos votos no candidato do PSL, possivelmente contribuindo para sua vitória nas urnas.

Havia um desejo de domínio do pensamento. Capturar o outro no seu próprio discurso. A militância na sua forma-Estado. *Uma esquerda tomada pelo desejo de poder.*

**Todos querem abeirar-se do  
trono: é a sua loucura –  
como se a felicidade  
estivesse no trono!  
Frequentemente o trono  
também está no lodo. –  
(NIETZSCHE, 2003, p.52)**

O poder seduz os homens supérfluos (NIETZSCHE, 2003), especialmente aqueles que desprezam o corpo, inebriados pela política hegemônica que captura o desejo. Desde a aposta no aparelho de Estado como campo de batalha até práticas machistas, misóginas, racistas, homofóbicas – nada incomuns nos meandros da esquerda institucional e também da nem tão institucional assim –, ou ainda, o desejo de controle sobre o outro e o proferimento de uma verdade em detrimento da diferença. Pensar uma sociedade livre de tais práticas não seria necessariamente pensar uma sociedade destituída de relações de poder?

**a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

*a tirana em mim, segundo Madalena*

- *Meu corpinho...*
- *Minhas regrinhas!*
- *Isso aí, filha. Ninguém pode mexer no seu corpo de uma forma que você não goste, que te faça se sentir mal.*
- *É muito legal isso, mamãe, porque eu mando no meu corpo!*
- *Isso aí!*

*- E você manda em tudo, não é? Eu mando no meu corpinho, mas você manda no meu corpinho e no seu corpinho e em tudo, né, mamãe?*

Deleuze (2016), conversando com a obra de Foucault, se pergunta: “como o poder pode ser desejado?” E responde: “para mim, o poder é uma afecção do desejo (estando dito que o desejo nunca é realidade natural)”. Isto é, os dispositivos de poder maquinam desejo e o desejo inventa dispositivos de poder, não havendo a relação sujeito-objeto, mas agenciamento de agenciamentos. Com tal afirmativa, Deleuze (2016) rompe com a ideia de que a resistência ao poder tem localização geográfica ou de classe, mas afirma que a revolução “é qualquer movimento capaz de desestabilizar o estado fundamental das coisas”.

**As linhas de fuga, ou seja, os agenciamentos do desejo, para mim não são criadas pelos marginais. Ao contrário, são linhas objetivas que atravessam uma sociedade na qual os marginais se instalam aqui ou ali para fazer um volteio, um rodopio, uma recodificação. Portanto, não tenho necessidade de um estatuto dos fenômenos de resistência, uma vez que o primeiro dado de uma sociedade é que nela tudo foge, tudo se desterritorializa. (DELEUZE, 2016, p. 134)**

Isto é, se as práticas de militância de que vimos falando são aliadas da moral e do desejo de poder, acredito que elas reforcem o modelo de opressão que buscam combater, não rompendo com a forma, apenas, talvez com o conteúdo das lutas em relação a outro segmentos políticos.

O desejo de poder não está descolado de uma aliança entre a esquerda e a lógica cristã, como parte constitutiva da vida ocidental. Inescapavelmente, os preceitos inerentes ao cristianismo compõem nossa existência independentemente de uma relação direta com qualquer religião. A dicotomia bem/mal, a culpa, o sacrifício, o arrependimento, o messianismo, são alguns destes fios que vão historicamente constituindo nossos inconscientes silenciosamente (ou em alguns momentos, nem tanto).

O militante bom pastor arrebanha seus seguidores. Disfarçado de bálsamo em meio ao que parece não ter solução, se assemelha a um oásis. O discurso profético, que abre mares, faz os que ouvem respirarem em paz acreditando que há possibilidade de escape. No entanto, o militante bom pastor sabe que conduz. Ele governa mais do que produz rupturas.

**Quando um homem acha que está investido de uma missão divina, digamos elevar-se, salvar ou libertar a humanidade – quando um homem sente a centelha divina em seu coração e acredita ser o porta-voz de imperativos sobrenaturais – quando tal missão o inflama, é mais do que natural que ele se coloque além dos padrões de julgamento meramente razoáveis. Ele se sente santificado por essa missão, sente que ele próprio é um tipo de uma ordem superior! (NIETZSCHE, 1985, p. 30)**

Santificado como dono do discurso do bem, resguardado de seus pecados, esse homem, investido de seu discurso militante, fica no lugar de fazer um juízo moral sobre as coisas. A justiça é nada menos que um modo ilusório de diminuir nosso ressentimento ou dar a sensação de que não somos tão capturados pela servidão. É o ressentido que pede justiça, que crê que o juízo reparará sua perda, dano ou dor.

### **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

#### ***a mulher do ressentimento***

*Os advogados sentados à mesa com a vista da cidade. Bebidas e cafés expressos aromatizando o ar da reunião – pesado. Com seus discursos entoados pelo vocabulário nada coloquial do Direito eu ouvia que de uma vez por todas não tinha muito o que ser feito. Ingênua eu, que achei que acionando a justiça poderia garantir alguma coisa ou sentir alguma reparação pelo que havia sofrido. Palavras e mais palavras que proferi ao vento.*

*- Mas eu...*

*- Não pode falar isso.*

*- Mas eu...*

*- Lamento, mas isso não poderia ser levado em consideração.*

*Os advogados até lamentam, se dizem constrangidos de me dizer isso. Farejo o privilégio de quem jamais vai passar por algo semelhante. Dói na minha carne, nos ossos. Sangrei de ódio. Aquele sangue denso, espesso, difícil de descer, que exige as contrações mais intensas e dolorosas.*

O corpo ressentido é sinônimo da forma-Estado ou forma-soldado. É impotente, acha que não pode agir, mas apenas reagir, e com isso, faz uso da intolerância, da vingança, do poder/saber disfarçado, muitas vezes, de gesto revolucionário. O que há de revolucionário no ódio destilado em postagens nas redes sociais ou no amor purista patrulheiro?

Oh, como eles mesmos estão no fundo dispostos a fazer pagar, como eles anseiam ser carrascos! Entre eles encontra-se em abundância os vingativos mascarados de juízes, que permanentemente levam na boca, como baba venenosa, a palavra justiça e andam sempre de lábios em bico, prontos a cuspir em todo aquele que não tenha olhar insatisfeito e siga seu caminho de ânimo tranquilo. (NIETZSCHE, 2008, p.112-113)

Nesse sentido, a justiça é instrumento dos homens fracos, impotentes, que não agem, que delegam ao outro a alforria que nunca chega. O militante juiz é, antes de tudo, um ressentido. Sabotar o juízo de Deus<sup>34</sup>, assim, me soa como estratégia fundamental de destituição dessa relação com o poder e de retomada do desejo como força revolucionária.

**Destituir a justiça é aprender a regular, nós mesmos, nossos desacordos, colocar para isso um método, paralisar sua faculdade de julgar e expulsar seus oficiais de justiça de nossas vidas. Destituir a medicina é saber o que é bom para nós e o que nos deixa doentes, arrancar da instituição os saberes apaixonados que nela vivem em suas sombras e não voltar jamais a se encontrar só, no hospital, com o corpo entregue à soberania de um cirurgião desdenhoso. Destituir o governo é se tornar ingovernável (COMITÊ INVISÍVEL, 2018, p. 97)**

<sup>34</sup> Expressão inspirada na transmissão radiofônica feita em 1947 por Antonin Artaud nomeada "Para acabar com o julgamento de Deus".

Lazzarato (2006) afirma: “na militância contemporânea, a dimensão guerreira deve ser transformada em força-invenção, em potência de criação e realização dos agenciamentos, das formas de vida”. Menos a militância de um soldado ou de um missionário e mais a de um estrategista. Nesse sentido, Lazzarato (2006) nos dá uma pista quando diz que o militante no contemporâneo deve ser aquele que se engaja e, ao mesmo tempo, se esquia, isto é, que pode recuar quando necessário a fim de que possa também cuidar de seu corpo e dos efeitos dos embates sobre ele. Como a luz do vagalume ou um anticristo.

Enquanto ser de esquerda significar negar a existência de verdades éticas e substituir esta carência por uma moral tão frágil quanto oportuna, os fascistas poderão continuar fingindo ser a única força política afirmativa, como os únicos que não se desculpam por viver como vivem. Ele continuarão de sucesso em sucesso e continuarão a fazer convergir para eles próprios a energia das revoltas nascentes.

(COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 60)

Criar outros modos de existência exige desacomodação, desassossego, problematizar a si e ao mundo. A dificuldade de se encontrar com as diferenças, de desnaturalizar verdades e habitar os devires produz essa dureza moral da justiça.

**A insurreição é, antes de tudo, feita por aqueles que não são nada, por aqueles que se encontram nos cafés, pelas ruas, na vida, pela faculdade, pela internet. Ela agrega todos os elementos flutuantes, do plebeu ao pequeno-burguês, que a desagregação social ininterrupta segrega além de qualquer limite. (...) Com frequência os revolucionários são aqueles que as revoluções apanham desprevenidos. (COMITÊ**

**INVISÍVEL, 2016, p. 50 e p. 53)**

Pois os juízes, ressentidos e entristecidos, permanecerão de seus púlpitos ou palácios, vociferando o mofo e agarrados ao medo de abrir mão do poder. Eles padecem pois não têm coragem da revolta.

## Poder sobre a vida e potência da vida: Corpo sem Órgãos e movimento

*“Há mais razão no teu CORPO  
do que na tua melhor  
sabedoria” (NIETZSCHE,  
2003, p. 41)*

As explicações médicas e biológicas foram fatais ao longo da história. Mataram o corpo e sua condição de escapar do prescrito nos livros acadêmicos e do olhar frio do bisturi. Reduzimos o corpo a uma condição estética no seu pior sentido, aquela em que importa apenas a aparência de um corpo atlético e dentro de universais padrões de beleza impostos pelo capitalismo globalizado. Cortam-se pedaços de pele, o maior órgão do corpo humano, cortam-se narizes, barrigas, enquadrando cada pedaço a seu suposto lugar no corpo-organismo-Estado, segmentarizando os órgãos em formatos e modelos vendidos pela mídia. Militarizamos nossos corpos, o ocupamos com o poder, o capital, a beleza “photoshópica” das manchetes de revista.

Não se pode mais ter marcas singulares da história ancestral e presente de cada existência. Os seios que amamentaram não podem ficar diferentes do que eram, os dentes não podem amarelar ou ter formatos e composições diversas, uma buceta não pode mais parir. De “ponto do marido”<sup>35</sup> a cirurgias plásticas, vamos tornando o corpo um objeto morto, enalacrado, embalado, plastificado em fotografias do horror. Um culto não ao corpo, mas a uma IMAGEM do corpo, a um modelo, um decalque.

**Tereza está imóvel, enfeitada diante do  
espelho, e olha seu corpo como se ele lhe  
fosse estranho; estranho, mesmo que no  
cadastro dos corpos ele lhe pertença. Dava-  
lhe náuseas. Não teve a força de tornar-se,  
para Tomas, o único corpo de sua vida. Ela  
foi enganada por esse corpo.  
(KUNDERA, 1983, P.143)**

<sup>35</sup> Ainda é comum que, após um parto vaginal, em caso de laceração, o médico faça a sutura de forma que a entrada da vagina fique mais justa, o que, no entendimento popular, daria mais prazer ao marido da parturiente. Tal prática, hoje, vem sendo enquadrada como violência obstétrica, o que tem diminuído sua ocorrência, apesar de estar longe de ser extinta.

A relação com nossos corpos vai se modificando desconectando da relação com o corpo real, o corpo que movimenta, o corpo que vibra sujeito às misturas e encontros inevitáveis. O capitalismo produziu o desejo pelo corpo asséptico. O desejo pela falta, que fabrica o consumo.

### **“Mãe, eu amo os seus peitinhos...”**

É com o advento da Modernidade que emerge um novo modo de pensar e de conceber o mundo. A ciência se estabelece como o principal pilar das sociedades e passa, assim, a fazer parte dos discursos, do cotidiano, do pensamento, enfim, da vida. E não se trata apenas das descobertas e invenções, mas também de preceitos que entram na forma de pensar e agir. Caracterizado pela emergência do pensamento científico e racional, esse período rompe com os paradigmas existentes e inaugura a sociedade moderna.

**A afirmação da sociedade moderna tem, como um de seus pilares mais preciosos, o pensamento positivista. (...) No contexto, do declínio da religião como forma de controle político, o pensamento positivista entende que as crenças sociais têm que abandonar o viés religioso e metafísico em que se sustentaram até os séculos XVII-XVIII para se apoiar em bases científicas. (SCHEINVAR, 2002, p. 84)**

Os afetos, as paixões, as ilusões e as incertezas são abandonados para dar lugar à precisão, à objetividade, ao controle e à previsão, isto é, os processos do viver existentes são desqualificados por esse novo paradigma, que passa a se estabelecer como o único modo verdadeiro e legítimo de se relacionar com o mundo. A razão se torna, portanto, instrumento de controle de tudo na natureza, inclusive dos viventes, forjando a separação (e hierarquização) entre homem-natureza.

Nesse esteio, o corpo vai se constituindo como tendo um valor secundário às faculdades mentais e à racionalidade, seguindo a lógica cartesiana. Mente e corpo separados, qualificados de forma hierarquizada, propiciando a proliferação de perseguições a toda prática que rompesse com esse nexos. A expressão de uma vida ou do conhecimento que passassem por outras analogias eram tratados como inferiores e até perigosos. Mulheres e seus conhecimentos sobre ervas e sobre o funcionamento do corpo feminino foram reprimidas e mortas. O mesmo sentido foi dado a povos indígenas e negros e suas cosmologias e saberes sobre a natureza, a saúde, o cuidado e a existência.

## **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

*“Vaca profana põe teus córneos  
Pra fora e acima da manada”*

*Gozo. Gozo mais. E ainda mais. Foda-se o controle sobre meu corpo. Com o fuzil na mão disparo contra o Estado em todos que me constroem de ter uma filha, que olham meu corpo com nojo por ter marcas da gravidez e amamentação, que me humilharam porque não tinha dinheiro para pagar minhas contas, que zombaram de mim por não dar conta, que disseram para eu me conformar. Gozo e sorrio. Sinto uma onda vibrar dos pés à cabeça em círculos. Danço no silêncio da sala escura sozinha em casa. Talvez os vizinhos saibam. Grito alto para saberem mesmo que não desejo ser uma mulher governável. Para que tenham medo. A fragilidade incutida sob minha pele através dos discursos modeladores desde a infância não me deixaram ver por muito tempo o domínio que eu posso ter da minha força.*

*- Mãe, você vai esquecer de mim?*

*- Jamais, filha. Nunca me esqueço de você.*

*Não preciso esquecer para gozar. São todas dimensões de mim mesma, compondo num só corpo aquilo que nos fazem crer ser antagonico. Nunca foi. Parir a criança e parir a puta em mim.*

Foucault (2013), em seu atípico ensaio intitulado “O corpo utópico”, afirma inicialmente que nossos corpos são aquilo de que não podemos nos desvencilhar, que não há escapatória. Neles estamos aprisionados, segundo uma forma e uma imagem.

No entanto, durante a escrita, ele próprio vai se dando conta de seu equívoco. Conforme vai desenvolvendo a discussão, percebe que o corpo, constituído por utopias como a de um corpo incorporal – belo, límpido, potente, feérico -, de um corpo eterno –

herdada das múmias egípcias e do desejo de imortalizar o corpo morto -, e da alma – em que esta seria pura, em detrimento de um corpo mundano, sujo -, na realidade, desapareceu.

O que Foucault ressalta nesta análise é que, conforme vamos sendo inseridos em um registro social hegemônico que determina como devemos nos relacionar com o corpo, segundo um viés predominantemente cristão, estético, fantasioso, nos descolamos da dimensão da experiência. Conclui, então, que

**O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos.**  
**(FOUCAULT, 2013, p.14)**

Degustar o corpo, sentir suas dores e marcas, seria, nesse sentido, uma política de existência potente. Diferente de uma análise comum, estamos tratando o corpo aqui como o lugar do impossível e não apenas como organismo que organiza e limita. A expansão e invenção e não o eterno e deteriorado. Isto é, o corpo como lugar de potência.

Sendo assim, ao poder sobre a vida responde a potência da vida. Se o movimento vital do corpo se tornou objeto de captura, afirmaremos como contra-captura o Corpo sem órgãos (CsO). Um desalinhamento da costura que nos organiza, afim de ativar um campo intensivo que possibilite mover nossos corpos-zumbis.

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau - grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade = 0, mas nada há de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria igual energia. (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 13)

Para o corpo sem órgãos, anterior a qualquer tipo de organização, não existe sujeito. Ele é o plano de consistência do desejo. O CsO é amoral, isto é, não é bom nem mau, não tem em si qualquer intencionalidade ou julgamento.

Se com o advento da Modernidade o controle sobre os corpos sofreu uma modificação no sentido de capturar também aquilo que é da ordem imaterial da vida, incidindo sobre nossos desejos; se nosso inconsciente vem desejando o poder, o aniquilamento, o Estado, o fascismo, é porque o poder vem exercendo seu controle sobre a vida.

O que a esquerda institucional vem movimentando em termos de abalos no *status quo*? Que brechas vêm sendo produzidas? O que seriam, então, práticas de militância que, por resistência ao desejo de poder, se conectem com a potência de vida como modo de luta? Isto é, que não seguem modelos, que estão na imanência, no devir?

**motus => movimento, agitação, embalo, dança. Gesto, gesticulação. Tremor de terra. Sentimento, paixão, comoção. Motim, perturbação da ordem. Motivo. (REZENDE, BIANCHET, 2014, p. 53)**

Pensar práticas de militância que escapem a isso é pensar as lutas como acontecimento, isto é, como aquilo que fisga nossas vísceras. Não passa por uma construção intelectual ou uma ação planejada, nem por autores mortos e horizontes distantes, necessariamente. O acontecimento é agora e é inevitável. É quando o intolerável nos toma cada célula. A resistência, nesse sentido, não é uma ideia, mas uma questão de sobrevivência (literalmente, em muitos casos).

Isto porque não se trata de ser alguém, de ter nome ou órgãos, de ser um novo messias/salvador, mas é antes, justamente destruir a figura cristalizada do próprio militante e só a partir do fim desta imagem poder acionar o CsO na singularidade das práticas de militância. De cada prática, de cada luta, de cada acontecimento. O que aciona em você um levante?

## a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o

### *parto*

Entropia: medida da variação ou desordem em um sistema. Movimento em direção à minha desorganização. O texto também desorganizado como exercício de estética da escrita. Um convite à viagem que se dá ainda no gerúndio.

Escrevo com o corpo de quem recém pariu. Sou outra e ainda nem sei. Ao sentar na cadeira da faculdade sinto que começo a juntar alguns pedaços espalhados de mim. Pareço-me inteira como corpo orgânico. Não me falta o fígado ou um rim, nem coração. Médicos me dizem que meu corpo já voltou ao que era antes, pelo peso medido em balança, pelos pontos que já nem aparecem, pelos exames de sangue. Mas eu sinto que tenho outro peso, outro corpo, que minha vesícula é outra coisa e nem sei dizer o quê. Me agarro ao que era, aos discursos e lugares acadêmicos e profissionais que já há alguns meses não me davam lugar na vida e no mundo.

*Eu me espalho. Eu contraio. Eu me espalho. Eu contraio. Fluxo e estrangimento. Difícil sair do modo lógico, mais comum em mim. Queria gritar, berrar alto, dar razão a algo que não sei nomear. Parto. Parir aquela que dança. Marcar no meu corpo a força que livremente se contorce dançando em mim. Tatuagem. Desejo sentir as dores de quem está com ferrugens. Movo para sentir essas dores e depois só movo. Paro, descanso, penso. Onde será que estou? Quem estou me tornando? Quem se move em mim? Preciso grunhir, ranger, rasgar. Não sei aonde estou e tudo bem’.*

Sinto o encontro com os textos como a abertura do meu corpo. Dou passagem à vida. Vida. Como eco. Dobro as durezas corporais e subjetividades outras me tomam na política cósmica xamânica do devir. Sou todas as mulheres que já pariram ao mesmo tempo numa potência polissêmica que se atualiza em mim e em cada grito de dor chamando aquela criança a vir ao mundo. Como se meu inconsciente se expandisse no tempo e no espaço e eu pudesse ser qualquer coisa que me coubesse. E cabia qualquer coisa.

*Devir inseto. Rastejo e me movo como bicho no mato. Viro bicho no mato. Lembro da minha mãe reprimindo os meus gritos quando era criança. Também não podia falar alto. Pesadelos que vão e voltam em que não consigo gritar. Acordo e essa sensação me sufoca. Está na minha garganta e não sai. No parto gritei. Parto-devir-bicho. Eu era dor e berro. Urrei e bati*

*no chão de madeira a minha raiva. O chão em mim e eu no chão. Meus sons já não me entalam...*

Começo a estranhar coisas antes naturais. Meu corpo se desfez dos órgãos. Está vazio. Rasgo a pele e me desfaço dela também. Este corpo, agora, como lugar da perspectiva diferenciante. Estão ativados os fluxos de outramento. É preciso descartar coisas. Desde coisas materiais a mágoas e rancores feitos com a história. Mas não é fácil. Me destroço inteira, sinto dor, meu corpo adocece. Paraliso.

O bebê sai de mim: é outra mulher. Pari uma mulher no mundo cor de rosa dos fascismos sorridentes. Antes eu e ela um só corpo. Me desfaço em sangue, muco, água, placenta. Sinto que minhas mucosas se abrem para dar passagem dolorosamente a algo que urge e vive também, mas que não sou Eu.

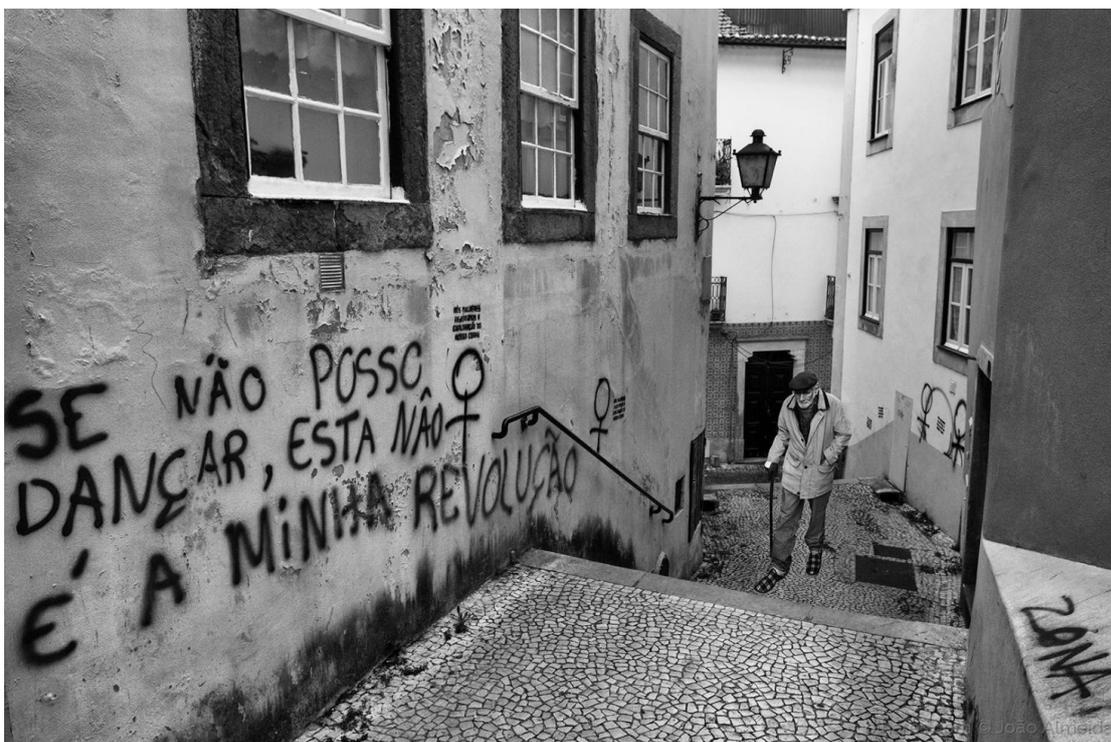
Minha substância se encontra com textos, livros, aulas, práticas, com essa pequena mulher, com outra mulher em mim. Algumas coisas não se sustentam mais. Vão-se embora pessoas, relações, ideias, anseios, fantasias, afetos. Chegam-se outras formas e fluxos.

No chão desarmo minha sentinela. Clínica e corpo se cruzando em meu corpo, que falo 'meu' apenas como linguagem possível, mas que na desintegração do organismo, se faz qualquer um: corpo anônimo. Célula a célula se juntando ao ar, ao vento, à poeira. A outras mulheres, a mãos invisíveis, a colos virtuais como um peso de realidade e presença.

Tudo poderia se resumir ao Plutão sobre meu Sol ou sagitário e sua ânsia por transformação. Mas é corpo-sem-órgãos. É uma pequena morte; um desaparecimento do Eu. Ao desmanchar o Eu, o que resta? Não sei. A subjetividade escapole ao capital por um pequeno instante como um girino dos dedos de uma criança. Vida gelatinosa, escapável. Esse corpo despido de órgãos, que já não é meu e nem outro, se move e sem nem perceber vai tomando formas novas.

## Corpo em movimento: entre a dança e a militância

*É preciso pensar como se dança e dançar como se pensa. (Angel Vianna)*



Fonte: Frase da anarquista Emma Goldman.

[https://twitter.com/caio\\_maximino/status/1128257948537491456](https://twitter.com/caio_maximino/status/1128257948537491456)

### **(Ouço Xiquexique – música de Tom Zé e Zé Miguel Wisnik)**

O latejar. A vibração entoa uma onda de frenesi que dura alguns segundos, às vezes apenas milésimos. Nesse instante, o desejo pulsa. Há algo vivo: uma diferença se produz. É ínfimo, às vezes nem dá para ver nem localizar. Mas existe uma descarga elétrica que reverbera pelo corpo provocando um titubear daquilo que é reprodução e representação. O pequeno fim do mais do mesmo.

O que nos subleva são pequenos fragmentos de contato. Células de nossos corpos que por vezes se ligam a algo, vivas, já não mais automatizadas. O corpo contagiado por forças estranhas e se misturando com elas, tornando-se outra coisa também. Movimento.

A música toca e perfura o corpo. Um rastejar no ar faz as mãos e braços empurrarem seu entorno. Alarga a superfície da pele até que se encoste mais e mais na superfície atmosférica da brisa que entra pela janela. O corpo dança em pequenos e largos movimentos. As formas vão tomando outras formas. Sons e suores se confundem e enquanto se misturam o movimento vai ganhando expressão vazante em rasgos. Já não é aquele sujeito, é um corpo dando passagem a forças inadjetiváveis.

Um jogo entre leveza e peso. Boto Artaud, Oiticica e Nijinsky para conversar. Ou para dançar. Chamo ainda, Pina Bausch, Lygia Clark, Angel Vianna. Ensaio com eles alguns movimentos no meu corpo que buscam tornar-me outra coisa que não objeto ou organismo. Levanto um pé e depois o finco no chão de madeira. Vago buscando ampliar cavidades entre meus poros. Caminho com os olhos fechados e perco o medo de não saber para onde ir. Meu corpo como o espaço a ser alargado (GIL, 2004). Percorro um pano nua com tintas diversas, rolando sem me importar com a sujeira, mas sentindo-me lambuzar de cores e me tornar rolo de tinta. Depois salto em purpurinas contínuas, como se não houvesse gravidade que me habitasse.

Diria Spinoza: “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (SPINOZA, 2017, p. 99).

- Mamãe, dança?

- Sim, filha.

Boto a gaita na boca e enquanto assopro e puxo o ar danço pelo quarto, me movimentando levemente, sendo um pouco criança, um pouco palhaça, um pouco boneca de pano. Nessa hora Madalena fica radiante e essa alegria me contagia.

Ela dança se balançando toda e ri, acha graça de mim.

Ali acesso recursos inimagináveis. Meu corpo desmonta a adultização que foi me constituindo em um lugar de seriedade, racionalidade, coerência e linearidade. Um devir-criança atravessa meu corpo. Um deboche à academia. Afinal, “o gesto dançado abre no espaço a dimensão do infinito” (GIL, 2004, p.14).

**“Quero dançar porque sinto, e não porque estão me esperando. (...) O público tinha vindo para se divertir. Pensava que eu dançava para ele se divertir. Dancei coisas assustadoras”  
(NIJINSKI, 1998, p. 27).**

O encontro entre dança e militância não é uma apologia às cirandas. Nem à paz branca e burguesa. Mas é um recurso de estratégia. É dançar coisas assustadoras, é subverter o corpo estereotipado pelas formas que encapsulam o fazer da militância enquanto invenção. Criar uma pedagogia do desvio em relação ao poder.

O óbvio na militância é o previsto ou o não movimento. Esse que fica visível e estampado aos aparelhos de captura. Dançar a militância é ativar uma capacidade camaleônica, em que muda-se a cor do corpo a fim de se fazer tronco, terra, folha e fruto e sumir frente ao predador. Ser vagalume. Aparecer e sumir. Assumir identidades e se destituir delas. Inventar um corpo desconhecido.

A potência está, então, em um tónus. Uma medida *entre* o corpo guerreiro e o corpo movente. Uma dança entre dois corpos. Ser um, ser outro, não ser nenhum, ser o dois ao mesmo tempo. Ajuntar-se a outros corpos. Ser corpo estratégico.

### **“Endurecer, pero sin perder la ternura jamás”**

Ocupar todos os modos de luta. Todos. Aprender a voar e a enfrentar. Saber fugir pelas ruas, filmar com câmeras precárias, projetar em prédios, manifestar nas ruas, desviar das balas de borracha, colocar uma máscara, ser Black Bloc, anônimo, ninguém, pegar em armas, lançar coquetéis molotov, destruir o patriarcado e o colonialismo, ser profana, vaca, piranha, bailarina, clandestino, nômade.

O dançarino que não pode ser outro senão um Anticristo, por sua paixão pelo movimento, infiltra a lógica do movimento (ou da gênese) em todas as dobras da escritura. Tocando a própria vida, ele destrói a gramática. Fazendo proliferar os paradoxos e escrevendo sobre escrever. Ele molda a escrita como uma membrana resistente de palavras, subtraída da verdade assim como da representação. O valor mínimo dos sentidos e o valor máximo do movimento coexistem. Assim que essa membrana se rompe, não resta nada mais a enterrar no caos indiferenciado, e quando ele se espessa demais, não se pode tocar nem mesmo a vida (UNO, 2012, p.30-31)

O movimento veloz que mal se pode acompanhar, mas também o lento e demorado. Transar uma nova política de guerrilha e de cuidado. Até gozar outras formas de habitar o corpo, a militância, o mundo. Trocar os órgãos de lugar. Quando acharem que atingiram nosso fígado, verão que erraram o alvo: foi de raspão.

## **a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o**

### ***reconciliação***

*Todos os dias de manhã que estamos juntas, sozinhas em casa, coloco uma música na caixa de som ou na vitrola e a gente dança. Madalena sempre quer girar até perder o controle do corpo. Admiro nela a coragem que estou aprendendo a ter de tontear, ver tudo fora do lugar e, ainda assim, rir dos tombos no chão. Dançamos, giramos, cantamos e depois ela sempre me pede para dançar no meu colo. E neste instante, sou imensamente feliz.*

## **Pistas sobre como iniciar uma guerrilha: agenciamentos libertários na clínica**

Consigam um terreno, uma casa, uma rádio pirata. Construam um forno. Aprendam a cozinhar bem. Aprendam outros idiomas. Arranjem armas e aprendam a usá-las. Vendam rango nas ruas e saibam fazer seus próprios negócios. Ocupem prédios. Abram cafés, restaurantes, pizzarias, livrarias. Desenvolvam permacultura. Aprendam primeiros-socorros e medicina natural. Consigam produzir suas próprias drogas. Façam um pomar. Cultivem amizades. Consigam equipamentos de filmagem e façam documentários. Conversem com camaradas mais experientes. Aprendam artes marciais. Leiam, viajem. Aprendam umas com as outras. Escrevam jornais. Pensem e ajam para além dos tempos difíceis. Saqueiem. Organizem encontros regionais. Construam revistas internas. Refinem a arte da sabotagem. Aprendam criptografia e novas formas de se comunicar. Distribuam contrainformação. Criem uma contraimprensa. Distribuam matéria-prima e modos de produção; materiais para acampar; kits de sobrevivência, sementes orgânicas e crioulas. Compartilhem pensamento, sentimentos e práticas. Aprendam e desenvolvam formas de solucionar conflitos. Estudem história e aprendam com a história. Construam móveis; façam arte. Roubem dinheiro de quem tem muito ou produtos em grandes lojas. Aproximem-se de outras pessoas na mesma sintonia. Iniciem revoltas incontroláveis (ANÔNIMOS, 2019, p. 241-242)

Revoltas incontroláveis em nós.

Embriagada com aquela fumaça, que já fazia arder meus olhos, falei do meu incômodo ao rapaz que me vendia um colar na rua. Ao longe já dava para ver o fogo lambendo o mato de um morro próximo, assim como nos últimos dias tínhamos visto em tantos pontos daquela linda paisagem do cerrado. O rapaz, sorridente e muito tranquilo, me disse que aquilo era contrafogo. Não entendi. Contrafogo? Sim, as pessoas tinham

colocado fogo ali para controlar o incêndio. Era tempo de seca, as cachoeiras e rios estavam com água mais baixa e os vilarejos meio esvaziados. Mas como era possível combater fogo com fogo?

Ao mesmo tempo em que isso me parecia impossível, fazia todo sentido. Entendem? Não há paz ou água que possa combater certos tipos de ataque. E por mais paradoxal que pareça, tem vezes que essa imagem do bem, do pacífico, do amor, do sustentável, do coerente, do politicamente correto só serve às forças que nos querem áridos. Afinal, a não violência também protege o Estado (GELDERLOOS, 2021).

Ora, o que mais eu queria com esta tese senão que ela fosse contrafogo? O que mais me interessa pensar senão como combater as forças que exercem controle sobre nós? O que mais me intriga senão nossa servidão ao Estado?

As análises aqui tecidas jamais estiveram somente no papel. Iam extrapolando o trabalho acadêmico e permeando meu modo de estar no mundo, de me relacionar, de perceber as coisas, de construir outro corpo para a militância, de pensar o exercício da clínica. A clínica para além das paredes de um consultório, que transborda a ideia de atendimento individual (ou mesmo grupal), mas que afirma outra construção de existências possíveis, livre de morais tão entremeadas em nossos músculos.

Me dei conta de que antes do doutorado e todo esse percurso eu mais falava em esquizoanálise do que a praticava no cotidiano, servindo à subserviência da linguagem acadêmica. Porém, a esquizoanálise está longe de ser uma técnica, uma linha ou abordagem clínica, mas é uma máquina de criação de modos de viver, de agir e de pensar comprometida em perceber nossa cumplicidade com as forças do poder e nos conectar com nossa potência de existir.

Não se caracteriza sequer como um exercício exclusivo da clínica psicológica, mas se aproxima mais de uma postura, um *ethos* que, então, atravessa o fazer clínico e também o ultrapassa. A esquizoanálise coloca uma questão política ao desejo, afirmando que a ele nada falta (GUATTARI, DELEUZE, 2011). O inconsciente é, portanto, forjado histórica e socialmente e maquina nossos modos de estar e viver no mundo em que estamos. Assim, o tempo inteiro ele também produz este mundo.

Por esse aspecto, o desejo não poderia ser algo estático e determinado a partir das relações edipianas na infância ou ligado à ideia de estrutura, como na psicanálise

freudiana ou lacaniana. Mas estaria relacionado à ideia de movimento, de produção incessante, de processo. Claro que, ao ser capturado, o desejo também se enrijece e cristaliza-se em formas que podem ser a da própria falta, da necessidade de poder e até do fascismo, pois sim, o fascismo, como vimos, também é desejado por nós. Assim, produção desejante e produção social estão constantemente interligadas. Não é à toa que, como estratégia política, o aparelho de Estado tenha passado a agir sobre o desejo e o desejo tenha passado a desejar mais e mais Estado.

Somos mais filhos dessa máquina social do que de nossos pais e mães. E a ideia de que somos indivíduos estruturados por essas relações familiares nos mantêm separados do que podemos. O indivíduo é efeito e instrumento de poder sobre nós. Somos feitos de linhas de desejo, linhas de devir, linhas de acontecimentos. Pois, como podemos criar maneiras mais ativas de existir, nos conectando com nossa potência, mais do que com o poder?

A esquizoanálise requer o fim das representações que se interponham sobre o desejo, já que elas funcionam como mediações na relação com o campo afetivo, diminuindo nossa potência de agir.

No que vimos discutindo nesta tese, poderíamos aqui dizer que, no campo da esquerda institucional e suas práticas de militância, há um predomínio de forças reativas (conservação) em relação às forças ativas (criação). Isto é, a lógica da representação nos mantém na impotência, como se somente através de um Estado e seus representantes pudessemos construir políticas coletivas. Está aí a tristeza da militância, que dá as mãos ao Estado e, assim, perde sua potência imediata de divergir e agir. Afinal, o que podemos sem ou contra o aparelho de Estado?

Volto ao contrafogo e às conexões feitas perambulando por aí. Buscar o exercício de uma clínica nômade é operar uma esquizoanálise da clínica, dissecar os agenciamentos feitos em minhas práticas nos atendimentos, mas também para além deles. Criar incêndios. Alguns bem pequeninos ou modestos, outros imprevisivelmente devastadores. Incêndios que não são necessariamente intervenções estrondosas feitas pelo analista, pois já nem se trata exatamente de analista e analisando como dois objetos, mas sobre o que se passa naquele encontro. Contrafogo pode ser acolher, ouvir, ficar em silêncio, se emocionar, fazer uma pergunta, sugerir tirar os sapatos, ler junto um poema, gargalhar, operar o impensável.... Problematizar o que precisa ser desamarrado, legitimar

movimentos arriscados, ser trampolim de voos, sabotar os aparelhos de captura, explodir ideias, desfazer caminhos de pensamento, minar a consistência das instituições hegemônicas e nosso acoplamento a elas. Pois algo resiste em nós. Vira sintoma. Dizendo-nos que não pode ser natural viver como deserto.

Frequentemente, é árduo e soa quase impossível desmontar verdades e interpretações tão absolutas sobre as formas de se relacionar, de trabalhar, de se divertir, de se organizar, de controlar, de sentir. O sofrimento causado pelos modos de vida produzidos para nos formatar soa como vitrines de um filme de terror bem disfarçado. Tem dias em que a imagem de pessoas se debatendo dentro de uma jaula ou solitária povoam minha imaginação enquanto escuto sobre prisões invisíveis.

Dar espaço às máquinas de guerra desejanter seria, assim, agenciar os inconscientes às máquinas de guerra, dando passagem a forças instituintes, criativas e sem a necessidade de organização estatal ou repressiva. O desejo como campo de batalha, que vem perdendo espaço para a lógica do controle, da repressão, da morte e, conseqüentemente, do fascismo crescente.

Assim, a esquizoanálise é ferramenta para provocar revoltas incontroláveis em nós. Criar graus de liberdade, abrir espaço - com uma frase, um gesto, um silêncio, um olhar. Destituir formas de poder que nos dominam.

**Quebrar o círculo que faz da sua contestação o alimento daquele que domina, marcar uma ruptura na fatalidade que condena as revoluções a reproduzir aquilo que elas perseguem, tal é a vocação da destituição. A noção de destituição é necessária para liberar o imaginário revolucionário de todos os velhos fantasmas que a entavam (COMITÉ INVISÍVEL, 2018, p. 91)**

Daí que esse pensamento vai se cruzando com as leituras sobre anarquismo e meu (ainda breve) encontro com esta temática. Um eterno exercício libertário da vida e da clínica.

No que diz respeito à clínica, acredito que passa por sabotar a construção de uma ideia de que a análise precisa de distanciamento entre analista e analisando para acontecer e detonar o rigor de uma ciência que não tem letra maiúscula, porque jamais poderia ter. Aos poucos a clínica foi me ensinando a tirar meus pés do chão e subir para a poltrona, a

tirar meus sapatos para atender ou deitar no chão quando meu corpo me exige, a caminhar conversando pelos gramados e parques da cidade, a chorar e rir junto, a destruir o Estado em nós. Não há segredo em se desfazer das minhas durezas, nem método. Meu corpo-soldado-com-solda busca desencadear-se a cada encontro. Nada fácil.

Com o tempo e a experiência nos trabalhos institucionais, fui entendendo e gostando da autonomia que tenho ao trabalhar com a clínica. Além disso, fui construindo espaços de compartilhamento, como nas supervisões coletivas ou individuais.

Não ter um chefe, poder estabelecer os valores que são possíveis a cada chegada, receber pessoas gratuitamente, escolher e organizar meus horários, gerir meu tempo e organização, tendo clareza de todos os processos e camadas do meu trabalho. Como se fosse um processo artesanal. É cansativo, mas encontro uma potência enorme nisso, que é não ter uma relação de dependência com um lugar, uma pessoa ou uma instituição, mas de poder ser um pouco nômade mesmo quando estou entre quatro paredes.

Nesse sentido, percebo os encontros na clínica como um território de guerrilha, sorrateira, que não se trava em campo aberto, mas nos subterrâneos, brincando com o anonimato e a publicidade. Se escolhe a estratégia conforme a necessidade e não *a priori* dos instantes. E é preciso um corpo-dançarina para habitar essa imprevisibilidade desestruturante e desestruturadora. Pois um corpo-Estado é fundamentado no organismo.

Revolucionar é verbo ativo e presente. Não há horizonte nem representação. A vida nômade prescinde o desprendimento a respeito do futuro, pois a vida acontece hoje. Como aconteceu em 2013 imprevisivelmente, como aconteceu com um vírus que rapidamente se espalhou mundialmente matando milhões de pessoas, como aconteceu com a chegada da Madalena, como acontece a cada encontro no fazer da clínica.

Tornar inútil toda essa engrenagem que nos escraviza é uma política de existência. Afinal, a liberdade é o crime que contém todos os crimes (TOLOKONNIKOVA, 2019, p. 152). E sequer sonhamos que temos essa liberdade em nós.

Eu desejo que sonhemos mais.

## a.t.r.a.v.e.s.s.a.m.e.n.t.o

### *receita de coquetel*

#### Material:

Uma garrafa de vidro Gasolina óleo de Motor

Um pedaço de pano Fita adesiva

Uma Rolha

#### Instruções

Encha a garrafa com gasolina e o óleo de motor em partes iguais. Coloque o pano na boca (da garrafa, não na sua) e prenda com a rolha. Reforce o pano com a fita adesiva para ficar bem preso, acenda e atire em seu alvo.

#### Funcionamento

É bem simples: a garrafa bate no chão, quebra e a gasolina se espalha. O pano em chamas encosta na gasolina e acende-a. O óleo serve para ajudar a queimar a gasolina que espirra e para o fogo durar mais tempo, proporcionando um maior PODER DE DESTRUIÇÃO.

#### **\* APERFEIÇOAMENTO: SEM FOGO**

Esta variação é um pouco mais complicada e perigosa, mas o poder de destruição é maior.

#### Material

Uma garrafa de vidro

Um pedaço de pano

Um tablete de cloro

#### Instruções

Encha a garrafa até a metade com gasolina. Embrulhe o tablete de cloro com o pano e enfie na boca da garrafa. O tablete é um pouco maior que o gargalo, então você deve forçar um pouco. O tablete NÃO deve cair na gasolina, ele deve ficar preso no gargalo. Não vire muito a garrafa. Para detonar atire a garrafa em alguma coisa sólida.

#### Funcionamento

Quando a garrafa bate no chão e se quebra, o tablete de cloro entra em contato com a gasolina e explode. Primeiro explode e depois pega fogo. Esse tipo de coquetel é o mais forte de todos, portanto cuidado.

**\* VARIAÇÃO SEM ÓLEO**

Esta variação é bem simples. Em vez de colocar metade gasolina e metade óleo, encha a garrafa com gasolina. A explosão é maior e o fogo se espalha mais, só que ele vai durar bem menos do que com o óleo.

**\* VARIAÇÃO COM PICHE**

Esta variação também é bem simples. No lugar do óleo coloque o piche, ou alcatrão. O piche vai queimar e demorar ainda mais para apagar.

**\* VARIAÇÃO COM CERA**

Outra variação simples. No lugar do óleo coloque cera fundida. A cera ajuda a queimar, prolongando as chamas.

## Referências

- ANÔNIMOS. **Chamada** – Imaginação radical do presente. São Paulo: GLAC Edições, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000.
- ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qJDgWywHLtw>. Acessado em: 29 de outubro de 2021.
- BURKE, Solomon. None of us are free. In: **Don't give up on me**. Los Angeles (Califórnia, EUA): Epitaph Records, 2002.
- CAROLINA CHOCOLATE DROPS. Snowden's Jig. In: **Genuine Negro Jig**. South Pasadena (Califórnia, EUA): Nonesuch Records 2010.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coords.) et al. **Atlas da Violência 2020**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acessado em: 02 de agosto de 2021.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1986.
- COIMBRA, Cecília. **Fragmentos de memórias malditas**: invenção de si e de mundos. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- COIMBRA, Cecília; MONTEIRO, Ana Rêgo; MENDONÇA FILHO, Manoel. Estado democrático de direito e políticas públicas: estatal é necessariamente público? In: **Revista Psicologia & Sociedade**, v.18, n.2, p. 7 – 12, Porto Alegre, 2006.
- COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**: crise e insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- COMITÊ INVISÍVEL. **Motim e destituição agora**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- COSTA, Gal. Vaca profana. In: **Gal canta Caetano**. Rio de Janeiro: Sony, 2004
- CRIMETHINC. **Da democracia à liberdade**. Disponível em: [https://faccasoficticia.noblogs.org/files/2020/09/demolibleitura\\_.pdf](https://faccasoficticia.noblogs.org/files/2020/09/demolibleitura_.pdf). Acessado em: 20 de julho de 2021.
- DELEUZE, G. **Abecedário de Gilles Deleuze**: transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908216/mod\\_folder/content/0/%5BGilles\\_Deleuze%2C\\_Claire\\_Parnet%5D\\_Abeced\\_rio%28z-lib.org%29.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908216/mod_folder/content/0/%5BGilles_Deleuze%2C_Claire_Parnet%5D_Abeced_rio%28z-lib.org%29.pdf?forcedownload=1). Acessado em 28 de abril de 2021.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. Gaguejou... In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011. P.138-146
- DELEUZE, Gilles. Desejo e prazer. In: **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016. P. 127-138.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DELEUZE, Gilles. O devir revolucionário e as criações políticas. Entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri. Tradução João H. Costa Vargas. **Novos Estudos - CEBRAP**, n.28, São Paulo, 1990.
- DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990. P. 69-78
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2000. P. 10-36
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1933 - Micropolítica e Segmentaridade. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. P. 83-115
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2008. P. 11-114

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- FLORENCE AND THE MACHINE. Dog days are over. In: Lungs. Londres (UK): Island Records, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Sociedade Punitiva**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2015.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: **Ditos e Escritos VI – Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 103-106.
- FOUCAULT, Michel. O corpo utópico. In: **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013. P. 7-16.
- GELDERLOOS, Peter. Como a não-violência protege o Estado. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/511099/gelderloos-peter+violencia+LINEAR.pdf>. Acessado em 07 de março de 2021.
- GIL, José. **Movimento total**. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- JOURDAN, Camila. **2013 – Memórias e resistências**. Rio de Janeiro: Circuito, 2018.
- KRENAK, Ailton. A potência do sujeito coletivo. **Revista Periferias**. v. 01, n. 01, p. 1-36, 2018.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.
- LANE, Rebeca. Libre, atrevida y loca. In: **Alma Mestiza**. Ciudad de Guatemala: Mi Cuarto Studios, 2016.
- LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. Resistência e criação nos movimentos pós-socialistas. In: LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 203-263.

MILITANTE. Origem da Palavra. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/militante/>. Acessado em: 29 de out. de 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

NIJINSKI, Vaslav. **Cadernos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1998.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sara Braga. **Dicionário do Latim Essencial**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHEINVAR, Estela. Idade e proteção: fundamentos legais para a criminalização da criança, do adolescente e da família (pobres). In: NASCIMENTO, Maria Livia do. (Org.) **PIVETES: a produção de infâncias desiguais**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2002. P.83-109.

SCHEINVAR, Estela. **O feitiço da política pública: Escola, sociedade civil e direitos da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2009.

SIMONE, Nina. Feeling Good. In: **The Soul of Nina Simone**. Gardena (Califórnia, EUA): Dual Disc, 1965.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TOLOKONNIKOVA, Nadya. **Um guia Pussy Riot para o ativismo**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 Edições, 2012.

VELOSO, Caetano. Podres Poderes. In: **Velô**. Rio de Janeiro: Universal Music International Brasil, 1984.

WISNIKI, José Miguel; TOM ZÉ. Xiquexique. In: **Parabelo**. Belo Horizonte: Gravadora Grupo Corpo, 1997.